



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Rosângela de Faria da Silva

**Rádio Kaxinawá e Caixa da Carochinha: contando histórias no  
rádio**

Duque de Caxias

2013

Rosângela de Faria da Silva

**Rádio Kaxinawá e Caixa da Carochinha: contando histórias no rádio**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa

Duque de Caxias

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEHC

S586  
Tese

Silva, Rosangela de Faria da  
Rádio Kaxinawá e Caixa da Carochinha: contando histórias no  
rádio / Rosangela de Faria Silva - 2013.  
104 f.

Orientador: Mauro Sá Rego Costa  
Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação  
em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da Baixada  
Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Rádio comunitária – Teses. 2. Mídia e Educação - Teses. I.  
Costa, Mauro Sá Rego. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 654.195

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB 7 /5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Rosângela de Faria da Silva

**Rádio Kaxinawá e Caixa da Carochinha: contando histórias no rádio**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Aprovada em 13 de setembro de 2013.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Mauro Sá Rego Costa  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Alita de Villas Boas Sá Rego  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rossi Alves Gonçalves  
Universidade Federal Fluminense

Duque de Caxias

2013

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, que me deu forças para vencer minhas limitações e meus medos.

À minha família, que me suportou e me ajudou nos últimos meses em que eu fiquei feito uma coruja estudando e escrevendo à noite, além de monopolizar o computador nos finais de semana.

E também ao meu esposo, que, nos últimos dias, perguntava quase que diariamente se eu estava perto de acabar porque ele queria sua esposa de volta.

À minha mãe, que sempre acreditou na minha capacidade.

Às professoras Alita de Villas Boas Sá Rego e Adriana Gomes Ribeiro que, na qualificação, deram opiniões em uma produtiva conversa, que muito contribuiu para realização deste trabalho.

Aos meus amigos e amigas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Mauro José Sá Rego Costa, que acreditou no meu potencial e sempre me apoiou, sendo compreensivo com minhas limitações, um educador por excelência.

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

*Cora Coralina*

## RESUMO

SILVA, R. F. *Radio Kaxinawá e Caixa da Carochinha: contando histórias no rádio*. 2013. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação, Comunicação e Cultura) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2013.

Este trabalho consiste em um estudo de caso sobre o programa de contação de histórias apresentado em rádio comunitária, instalada em uma Faculdade de Educação, que dialoga com as formas autônomas de incorporação do saber-fazer-rádio. Sua proposta é oferecer uma visão do papel desta rádio e de seus motivadores, para que exerça sua função social e comunitária utilizando a comunicação. Além disso, refletir sobre o processo de criação de um programa radiofônico e os critérios que norteiam a opção por essa mídia e sua importância como meio de comunicação no contexto educacional. A pesquisa utilizou como base a transmissão do programa de contação de histórias em escolas públicas do ensino fundamental e entrevistas com os protagonistas deste processo. Para contextualizar o estudo, traça-se um panorama histórico da atuação do Estado brasileiro na área da comunicação, através de suas políticas públicas e, principalmente, suas leis de regulação. Como fundamentação teórica, conceitos como comunicação, educomunicação e responsabilidade social são explorados, assim como a importância da mídia educação, como ferramentas de trabalho e a distinção entre rádio e rádio comunitária.

Palavras-chave: Rádios comunitárias. Democratização da comunicação. Mídia educação. Contação de histórias.

## ABSTRACT

SILVA, R. F. *Radio Kaxinawá and Caixa da Carochinha: telling stories on the radio*. 2013. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação, Comunicação e Cultura) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2013.

This work is a case study of the program of storytelling presented in community radio installed in a school of education that dialogues with the incorporation of autonomous forms of know-how radio. Its purpose is to provide an overview of its role, the motivators to exercise its social and community using communication. The process of creating a radio program and the criteria that guide the selection of this media and its importance as a means of communication in the educational context. The research used as a basis for program broadcast storytelling in public schools of elementary school and interviews with the protagonists of this process. To contextualize the study, we draw a historical overview of the performance of the Brazilian state of communication, through their policies and especially their regulation laws. As theoretical concepts such as communication, educational communication, social responsibility are explored, as well as the importance of *mídiaeducação* as working tools and the distinction between Radio and Community Radio.

Keywords: Community radios. Democratization of communication. *Mídiaeducação*.  
Storytelling

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABERT	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
AM	Amplitude Modulada
ABRAÇO	Associação Brasileira de Radiodifusão
AIDS	<i>Acquired Immune Deficiency Syndrome</i> (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)
AMARC	Associação Mundial de Rádios Comunitárias
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
DST	Doença Sexualmente Transmissível
EA	Educação Ambiental
FM	Frequência Modulada
KW	Kilo Watt (mil watts)
MC	Ministério das Comunicações
OC	Ondas Curtas
OM	Ondas Médias
ONG	Organização Não-Governamental
PB	Paraíba
RADCOM	Rádio de Radiodifusão Comunitária
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SMEDC	Secretaria Municipal de Duque de Caxias
SEERJ	Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro
SMERJ	Secretaria Municipal do Rio de Janeiro
TV	Televisão

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 METODOLOGIA.....	12
1.1 Observação participante.....	12
1.2 Tipo de pesquisa .....	14
1.3 Referencial teórico.....	15
1.3.1 <u>Coleta de dados e fontes</u> .....	16
1.3.2 <u>Tratamento de dados</u> .....	18
1.3.3 <u>Limitações do método</u> .....	15
2 RÁDIO E RÁDIO COMUNITÁRIA.....	20
2.1 As mídias e a comunicação.....	20
2.1.1 <u>Rádio: sistema de comunicação sem fio</u> .....	26
2.1.2 <u>O que é uma rádio Comunitária</u> .....	30
2.1.3 <u>Regulamentação das rádios comunitárias</u> .....	36
2.1.4 <u>Transmissão radiofônica no Brasil</u> .....	41
2.1.5 <u>Responsabilidade social</u> .....	45
3 CONTAR HISTÓRIAS.....	51
3.1 A importância de contar histórias.....	51
3.2 Contadores de histórias.....	54
3.3 Rádio Kaxinawá.....	57
3.4 O que foi realizado.....	64
4 CONTANDO HISTÓRIAS NO RÁDIO .....	69
4.1 Porquês.....	72
4.2 Para quem.....	75
4.3 Como.....	78
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXO A - Maria e a cachorrinha.....	97
ANEXO B - O menino e a orelha do chifrudo.....	100

## INTRODUÇÃO

A questão do rádio como meio de comunicação abre um campo de possibilidades, que envolve três áreas conceituais muito distintas. Porém, estas áreas se articulam nos processos sociais, nas relações e historicidade das sociedades contemporâneas: a educação, a cultura e a comunicação.

A questão das rádios comunitárias constitui-se como um desafio por ser ainda um tema recente sem amarras empíricas e/ou epistemológicas, o que transforma em desafio encontrar os aspectos característicos que fazem do tema a motivação científica desse trabalho.

A lei 9.612, sancionada em 1998, regulamentou o serviço de rádios comunitárias, que são geridas por um conselho comunitário, têm potência e alcance restritos e não podem ser comandadas por religiões ou partidos; além disso, devem estar abertas para a comunidade, contribuindo nas ações e no desenvolvimento do exercício da cidadania.

Nossa proposta é a articulação entre um meio de comunicação com uma atividade de educação formal, que se relacione com as possibilidades do desenvolvimento da escuta literária e do aprender a fazer rádio, sem as amarras dos modelos usados nas rádios comerciais. O objetivo é desenvolver as potencialidades da voz na criação de programas que contem e encantem com as histórias da literatura infantil.

O trabalho apresenta uma proposta teórico-metodológica que surgiu das leituras e discussões fomentadas em participação como aluna e bolsista, durante a graduação no curso de Pedagogia, no projeto de extensão e pesquisa da Rádio Kaxinawá, em que foi produzido e apresentado um programa de contação de histórias infantis: “Caixa da Carochinha”.

A pesquisa cobre rádios comunitárias, produção radiofônica, literatura infantil, histórias para crianças, contadores de história e contação de histórias. No processo de experiência e aprendizagem para produção e realização do programa de rádio, emergiu a necessidade de aprofundar os pressupostos teóricos que situariam a presente pesquisa. Tomando como objetos de pesquisa dois instrumentos de comunicação, o rádio e o livro, desenvolvemos teoria e prática apoiados na reflexão crítico-criativa. O trabalho se propõe a apresentar uma discussão sobre a

potencialidade das rádios comunitárias promoverem processos educativos e de cidadania partindo de uma pesquisa bibliográfica e de relatos de estudos realizados por outros pesquisadores.

Um dos procedimentos da pesquisa foi levar os programas da “Caixa da Carochinha”, gravados durante nossa participação na rádio, à observação por clientela escolar de duas escolas públicas situadas em dois municípios diferentes no estado do Rio de Janeiro, com características geográficas diferentes, mas perfil socioeconômico bastante aproximado.

Apresentamos uma visão da história do rádio como importante meio de comunicação, passando pela história das rádios livres e comunitárias na América Latina e no mundo; uma visão da história das rádios comunitárias no Brasil e, por fim, um pouco da trajetória da rádio que originou este estudo.

Relatamos a experiência da produção do programa de contação de histórias “Caixa da Carochinha” desde a fase de planejamento, execução, culminando na avaliação do projeto na fase inicial. Descreveremos os desafios e as dificuldades vividos na produção de um programa de rádio a partir do inicial desconhecimento dos aparatos tecnológicos que envolvem um estúdio de rádio. Também abordaremos o tema da literatura infantil, contadores de história e contação de histórias.

## 1 METODOLOGIA

### 1.1 Observação participante

Escolhemos como metodologia de pesquisa a “Observação participante”. Segundo Lakatos e Marconi (1991, p.194), observação participante “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste.” Estaríamos fazendo o que conceituam como “observação participante artificial”, que consiste em “o observador integrar-se ao grupo” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.194), visto que temos uma relação histórica com o tema rádios comunitárias.

Para Francisco Sant’Anna (2009, p.76), casos de observação participante se realizam “onde a presença do autor não está dissociada do conteúdo da pesquisa. Ela permite, contudo, que experiências, vivências, em especial (...)o processo histórico que interfere no tema seja analisado, sejam trazidas ao texto a partir de um testemunho pessoal”.

Ressalvando um deslocamento entre campos de pesquisa, apesar de não ser esse um estudo da antropologia, não se descarta também como possibilidade metodológica o uso da etnografia. As estratégias qualitativas de pesquisa e, fundamentalmente, a etnografia transformaram-se em um instrumento apropriado para levar em frente esta prática de investigação. A esse respeito, Ecoteguy observa que:

A importância que a etnografia assumiu nas análises da recepção, funcionando como uma forma de relativizar os achados da tendência anterior marcada pela crítica ideológica, precisa ser sumariamente avaliada. Ao operar no ponto de encontro onde determinadas condições sociais transformam-se em condições especificamente vividas, trabalha-se *por dentro* de fronteiras (ECOSTEGUY, 2010, p.42)

Levando em conta que método e metodologia não são estruturas definitivas, presas a axiomas ou sistemas, refutamos que epistemologia é ciência, portanto, estamos fazendo ciência.

De acordo com Umberto Eco (1997, p.53-54), uma pesquisa é científica quando responde aos seguintes requisitos:

A pesquisa debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal modo que seja reconhecível pelos outros. O termo objeto não tem necessariamente um significado físico. A raiz quadrada também é um objeto, embora nunca tenha sido visto (...).

A pesquisa deve dizer coisas sobre este objeto coisas que não tenham já sido ditas ou rever com uma ótica diferente coisas que já foram ditas. (...)

A pesquisa deve ser útil aos outros (...) um trabalho é científico se (observados os requisitos expressos nos pontos 1 e 2) acrescentar alguma coisa àquilo que a comunidade já sabia e se todos os trabalhos futuros sobre o mesmo tema o tiverem, pelo menos em teoria, de tomar em consideração. A pesquisa deve fornecer os elementos para uma possível continuação pública. Este é um requisito fundamental. (...)

Ao referir-se aos critérios acima destacados, Eco (1997, p. 55-56), acrescenta que “refere-se à oposição artificial entre tese “científica” e tese “política”. Pode fazer-se uma tese política observando todas as regras de cientificidade necessárias(...)”.

Como metodologia, partimos também de pesquisa bibliográfica e documental e procuramos, a partir de experiências relatadas por outros pesquisadores, discutir a possibilidade do desenvolvimento de projetos de contação de histórias por meio da participação em rádios comunitárias, em espaços educativos. Como mostra Peruzzo, (2007, p. 83), "atualmente se tem valorizado muito a rádio-escola, por exemplo, como instrumento para melhorar os processos de ensino e aprendizagem".

Ao exemplificar uma rádio escolar, este trabalho traz nosso relato como um estudo de caso do programa “Caixa da Carochinha”, apresentado na Rádio Kaxinawá.

## 1.2 Tipo de pesquisa

Para definir o tipo de pesquisa realizada, utilizamos os dois critérios básicos propostos por Vergara (2004), que a classifica quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, esta foi uma pesquisa: exploratória, por ser realizada em uma área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado; descritiva, pois pretendeu expor as características específicas do setor e estabelecer relações entre suas variáveis; e explicativa, pois teve como objetivo tornar o assunto inteligível, buscando os fatores que, de alguma forma, contribuem para a ocorrência do

fenômeno. Em relação aos meios, foram utilizados: investigação documental; pesquisa bibliográfica; e estudo de caso.

### 1.3 Referencial teórico

*(...) falar dos meios de comunicação significa, em primeiro lugar, reconhecer que estamos numa sociedade em que o conhecimento e a informação têm tido um papel fundamental tanto nos processos de desenvolvimento econômico, quanto nos processos de democratização política e social" (..) (Barbero, 2000: 53)*

Baseado nos estudos de Barbero (2000), o presente estudo visa refletir sobre como o desenvolvimento de novas tecnologias (em nosso caso, o rádio) promove uma série de transformações no mundo contemporâneo.

Uma possível trajetória para se constatar as representações sociais veiculadas na mídia seria constatar a linha de atuação determinante na formação de opinião e que influencia os indivíduos a se situarem em diferentes contextos. Afirmar quais seriam os reais critérios baseados nesta comparação pode ser arriscado, na medida em que é possível eventuais incoerências, observando que manifestações culturais e artísticas são, fundamentalmente, subjetivas e de análise complexa. Dessa maneira, são relevantes objetos de pesquisa.

Pautamos nossos estudos em uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de compreender o funcionamento da relação rádio e sociedade. Destacamos, entre outros, a autora Gisela Swetlana Ortriwano, que trabalha a questão dos interesses pessoais dos grupos de posse do controle das rádios. Deste modo, foi possível identificar qual a pertinência de pesquisar a transmissão de programas radiofônicos e a implantação de rádios em espaços escolares e de educação. Destacamos a função social dessa mídia e sua importância como meio de comunicação no contexto social, culminando com o funcionamento e a utilização da rádio comunitária.

A preocupação em elaborar uma pesquisa de campo tornou-se objeto de estudo. A Rádio Kaxinawá associa um grupo de pesquisa de rádio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que pesquisa a arte das narrativas sonoras, com a Associação de Moradores de Vila São Luís, além de igrejas, um centro espírita, uma colônia de pesca, os jovens do PCdoB da Baixada (UJS) e do movimento hip hop.

Os estudos a respeito da comunicação e educação, suas interfaces e convergências, apontam, como faz Eduardo Monteiro (2011), que duas tendências estão em vigor atualmente: a mídiameducação, em que se agregam pessoas e ações mais preocupadas com a educação para, pelos e com os meios, e está ganhando força nas discussões curriculares orientadas para a interdisciplinaridade, os projetos didáticos e os redesenhos curriculares; temos também a educomunicação, que se apresenta com uma perspectiva mais abrangente, delimitada socialmente circunscrita cultural e academicamente. As bases teóricas da educomunicação agregam a visão de um receptor ativo que interage e dialoga com a dinâmica cultural, caracterizando-se como paradigma especificamente na convergência comunicação-educação. Ela está menos focada nos aspectos tecnológicos, priorizando o diálogo, a expressividade e a participação.

De acordo com Monteiro (2011), a educomunicação circunscreve sua intervenção e campo de estudo em quatro áreas básicas: a primeira é a educação para a comunicação; a segunda é a mediação tecnológica na educação; a terceira corresponde à gestão comunicativa; e a quarta é a reflexão epistemológica.

Sendo assim, este trabalho é um diálogo entre comunicação e linguagem presentes na produção radiofônica, que requer a expressão e a manifestação de opiniões, ideias, pensamentos e sentimentos, por meio de uma relação dialógica entre locutor e interlocutor. Dessa forma, ele visa refletir especificamente a respeito do processo em que o narrador de histórias infantis propõe e/ou estimula, na criança, o gosto pela leitura, enquanto lazer e fruição estética. Também visa observar até que ponto a “contação” de histórias contribui para a formação de gostos, valores e atitudes, principalmente no que se refere à literatura e, finalmente, observar a aplicação de um veículo de comunicação no contexto de educação formal como proposta de educação informal.

### 1.3.1 Coleta de dados e fontes

A busca de referência bibliográfica, a investigação documental e o estudo de casos foram as fases pelas quais estruturamos a coleta de dados desta pesquisa.

Os objetivos deste estudo se fundamentaram teoricamente em livros, publicações acadêmicas, teses, dissertações e sítios na internet.

Foi necessário investigar e examinar quais políticas públicas foram realizadas com o objetivo de democratização da comunicação no Brasil. Não houve a intenção de analisar com profundidade estas políticas, apenas os principais aspectos que têm relação mais estreita com os objetivos deste estudo.

Buscamos também examinar e apresentar a investigação na esfera da radiodifusão comunitária, para contextualizar o ambiente em que atua a Rádio Kaxinawuá. Procuramos identificar os objetivos e as prioridades das rádios comunitárias nas esferas federal (pelo Ministério da Comunicação e ANATEL) e estadual (pelas associações de radiodifusão).

As fontes de evidências para pesquisas, apontadas por Yin (2001) são: a entrevista, observação direta e a observação participante. Quanto às entrevistas, Yin indica que podem ser utilizados três tipos: entrevista focada, entrevista com questões estruturadas e entrevista aberta. Nos casos em que o tempo disponível para o pesquisador e o pesquisado é pouco, a entrevista focada é uma fonte importante para a coleta de dados. No caso da pesquisa quantitativa, em que se utilizam os procedimentos de amostragem, é indicada a entrevista com questões estruturadas. Para a elaboração deste estudo, optamos pela entrevista aberta, em que perguntas, incluindo dados e opiniões a respeito dos objetivos e o objeto de pesquisa, tornaram possível chegarmos a conclusões adicionais a partir das respostas fornecidas.

A presente pesquisa se propõe a fazer um estudo comparativo de dois momentos: o inicial, em que participamos da produção do programa “Caixa da Carochinha” na Rádio Kaxinawuá, no período da graduação em Pedagogia na UERJ/FEBF; e o momento mais recente, levando os programas para duas escolas municipais, uma no município de Duque de Caxias e outra no do Rio de Janeiro.

Na fase inicial da pesquisa, período da graduação, houve a descrição dos resultados da pesquisa de campo em relação à experiência que deu origem a essa parte do trabalho. Exibiu-se o processo de transmissão e as reações dos ouvintes,

neste caso crianças que estudavam nas escolas próximas à rádio. Houve uma reflexão a partir das informações colhidas sobre a importância de contar histórias na Rádio Kaxinawá, porém, antes de entrar propriamente nos resultados obtidos, foi interessante estabelecer alguns referenciais teóricos a respeito da contação de histórias.

Para produzir um programa, foi necessário repensar nosso posicionamento diante dos sons e da escuta, pesquisando a partir de estudos realizados para uma proposta de rádio diferente.

A princípio, foi necessário conhecer os fundamentos filosóficos de uma pesquisa teórico-conceitual sobre o rádio como veículo, explorar o potencial de linguagem radiofônica pouco experimentada e a função da rádio como instrumento educativo e no desenvolvimento comunitário.

Na segunda fase da pesquisa, foram transmitidos os programas de contação de histórias “Caixa da Carochinha” para alunos das duas escolas acima citadas. Em respeito à ética, preferimos não citar os nomes das Unidades Escolares, nem dos alunos e professores que colaboraram com o presente estudo.

### 1.3.2 Tratamento de dados

Os dados da presente pesquisa foram registrados, assim como as questões mais relevantes levantadas nas atividades de transmissão do programa “Caixa da Carochinha” nas escolas em que se fez este estudo.

Houve observação para realizar uma comparação e avaliação dos posicionamentos dos entrevistados, assim como uma reflexão a respeito do processo em que o narrador de histórias infantis propõe e/ou estimula na criança o gosto pela leitura enquanto lazer e fruição estética.

### 1.3.3 Limitações do método

O processo de coleta de dados possui algumas limitações, assim como a possibilidade de equívoco na interpretação das respostas dadas. A observação do pesquisador não pode ser isenta no processo de estudo, tomando como referência o fato do pesquisador estar inserido no objeto. Ele também pode influenciar seus interlocutores no ato da condução das entrevistas.

As especificidades de uma pesquisa que envolve relações interpessoais e as subjetividades implícitas nas relações humanas não devem ser entendidas de forma mecânica. Pode existir uma certa dificuldade na compreensão do investigador, que está ao mesmo tempo inserido no processo, não sendo apenas um investigador externo.

Acrescentamos que este estudo teve também um corte de caráter temporal. A pesquisa se inicia na graduação e com a produção do programa “Caixa da Carochinha” veiculado pela Rádio Kaxinawuá. Em conversas como orientador e as sugestões da banca que participou da qualificação, optamos por fazer uma comparação, levando os programas que foram gravados anteriormente para serem utilizados na presente pesquisa.

## 2 RÁDIO E RÁDIO COMUNITÁRIA

### 2.1 As Mídias e a Comunicação

Pensar na evolução das mídias nos remete imediatamente aos conceitos de comunicação, cultura e educação. Definir o significado de comunicação pressupõe pensar diferentes dimensões do mundo do saber. Nosso interesse, entretanto, está nas contribuições teóricas que vêm influenciando a comunicação das pessoas e seus meios, assim como ela se relaciona com os aspectos interpessoais e coletivos.

No que se refere ao uso da palavra, a Comunicação aparece estruturando a linguagem, concretizando o discurso, funcionando como um instrumento para que o homem se configure como um animal que sente, pensa, age e reage nas suas relações com o outro e a natureza. Desse modo, a comunicação está intrinsecamente ligada às relações de poder.

Um projeto moderno com base no conhecimento, sociabilidade, poder e política tem como seu maior desafio dominar o tempo e o espaço. Na disputa pela hegemonia, construir um modelo de comunicação que atendesse às demandas dessas propostas se tornou um paradoxo no paradigma de comunicação moderna. A esse respeito, fala Dominique Wolton: “A comunicação, que deveria em princípio aproximar os homens, serve na realidade para revelar tudo que os afasta.” (WOLTON, 2004, p. 37).

Uma comunicação livre e diversa é negada pela seleção do uso da palavra, o que tem sido motivo de embates por ser negada a comunicação. Para socializar-se, edificar culturas, promover desenvolvimento econômico e político e, principalmente, construir ideologias, a palavra é o principal signo humano criado. O conhecimento se desenvolve com o uso da palavra nas atividades interativas dos indivíduos. Caso seja silenciado, deixará de existir. Todos os campos do conhecimento humano que foram intrinsecamente mediados com o desenvolvimento da linguagem tiveram na palavra uma aliada relevante nas disputas de poder, seja para criticá-lo, mantê-lo ou mesmo destituí-lo (LUCENA, 2010, p.66).

Compreender seu ser e estar no mundo se relaciona intimamente em entender o significado da palavra na vida social. Em busca de conhecer as verdades de sua existência, a palavra se configura como um signo construído socialmente. Na construção desse conhecimento, Bakhtin complementa:

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto, claro, que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 2009, p. 42)

Os caminhos tomados pelo homem são revelados por meio da práxis, ação, de acordo com Bakhtin (2005, p.256) “Representar o homem interior [...] é possível, representando a comunicação dele com um outro. Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o ‘homem no homem’ para outros ou para si mesmo.”

A comunicação com base na práxis e no diálogo foi a teoria desenvolvida pelo educador Paulo Freire (1987, p.83), que só considerava uma verdadeira educação possível com uma verdadeira comunicação. Ele também destacou que “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. Para Freire, não há palavra sem ação, sem reflexão, do contrário ela fica oca e/ou se converte em puro ativismo. A palavra para ele não é privilégio de alguns homens e sim direito de todos. Dizer a palavra verdadeira, que é práxis, que é trabalho, pode transformar o mundo. E acrescenta: “Precisamente por isto ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais”. (FREIRE, 1987, p. 78). Conceituando o ato de comunicar, Freire (2002, p.69) afirma que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. A comunicação dialógica foi a base de toda sua obra. Ele fala na comunicação como um processo entre sujeitos históricos e ativos como proposta de uma educação capaz de libertar o ser humano da opressão social, política, econômica, cultural e/ou ideológica.

Freire (2002, p.73) se refere à educação verdadeira como condição necessária para transformação do mundo. O conceito de comunicação para Freire é radical:

A verdadeira comunicação não admite uma só voz, um só sujeito, a transmissão, a transferência, a distribuição, um discurso único, mas sim a possibilidade de muitas vozes, alteridade cultural, independência e autonomia dos sujeitos, inúmeros discursos, enfim, estruturas radicalmente democráticas, participativas, dialógicas. (FREIRE, 1987, p. 25).

Em sua obra, o educador Paulo Freire falou a respeito do uso da palavra como meio de comunicação e instrumento para uma educação emancipadora. Para ele, só a partir de uma relação dialógica os indivíduos poderiam transformar suas realidades e construir uma sociedade mais justa e menos desigual, seja no acesso ao conhecimento seja nas atividades interpessoais. Portanto, não podemos pensar em comunicação e educação sem pensar em cultura.

Ana Carolina D. Escosteguy destaca que, para se falar em cultura, é necessário traçar os eixos teóricos: as relações entre cultura e ideologia; a opção pela análise da cultura popular e a construção de identidades culturais contemporâneas mediadas, intensamente pelos meios de comunicação. Na América Latina, a partir da década de 80, começou a emergir uma reflexão crítica que abordava as novas configurações da cultura popular a partir das indústrias culturais. Nesse âmbito latino-americano estão as contribuições de Jesús Martín-Barbero e de Nestor García Canclini (ESCOSTEGUY, 2010, p.20).

Acrescentando a importância desses autores trazidos para esse estudo, Escosteguy destaca:

Nesse contexto geral, embora reconheça uma singularidade na reflexão latino-americana, representada, aqui, por Martín-Barbero e García Canclini, isso não pode ser motivo para assumi-la sem questionamento, deixando de ser objeto de crítica. Logo, pretende-se tanto recuperar e reconstituir alguns procedimentos ao longo dessa trajetória quanto, também, discuti-los sistematicamente, mediante uma leitura crítica e reflexiva, no sentido de ver para onde apontam, que via descortinam para prosseguir o estudo em torno das vinculações entre cultura e comunicação. Esse é, também, o norte da crítica ao atual desenvolvimento dos estudos culturais como um todo. (ESCOSTEGUY, 2010, p.22)

A mesma autora continua sua reflexão a respeito de estudos culturais afirmando:

Sinteticamente, pode-se dizer, ainda, que essa investigação está integrada a um contexto maior demarcado por uma teoria social crítica que insere essas análises da cultura e comunicação no âmbito do estudo da sociedade capitalista. Consequentemente, tenta analisar tanto as formas pelas quais cultura e comunicação são produzidas dentro desse ordenamento quanto os papéis e funções que exercem na sociedade, entendida enquanto um conjunto de relações sociais hierarquizadas e antagônicas. (ESCOSTEGUY, 2010, p.22)

Os estudos culturais, em alguns momentos, ao analisarem as implicações da comunicação nas relações sociais, não levavam em consideração três aspectos comunicacionais: produção, texto e consumo, transformando em objeto de análise apenas o modelo linear de comunicação: emissor, mensagem, receptor. Não levaram em consideração as práticas culturais específicas dentro de seus contextos, complexamente determinados e determinantes, como destaca Escosteguy (2010, p. 23). Aos poucos, nos anos 80, vão se definindo novas modalidades de análise dos meios de comunicação:

Passou-se, então, à realização de investigações que combinam análise de texto com pesquisa de audiência. São implementados estudos de recepção dos meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos. Também são alvo de atenção a literatura popular, séries televisivas e filmes de grande bilheteria. Todos estes tratam de dar visibilidade à audiência, isto é, aos sujeitos engajados na produção de sentidos. Também há um redirecionamento no que diz respeito aos protocolos de investigação. Estes passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico. (ESCOSTEGUY, 2010, p.42)

As ciências sociais como um todo tomaram um movimento mais abrangente em meados da década de 80. A questão da globalização, o debate sobre modernidade e o horizonte marxista vigente na época obrigariam a repensar a trama teórica:

Os deslocamentos com os quais se buscará refazer conceitual e metodologicamente o campo da comunicação virão do âmbito dos movimentos sociais e das novas dinâmicas culturais, abrindo, dessa forma a investigação para as transformações da experiência social (MARTÍN-BARBERO, 1992, p.29)

Barbero, ao falar a respeito dos estudos a respeito de comunicação a partir das práticas sociais, acrescenta:

Dei-me conta da necessidade que existia de uma teoria que não se restringisse ao problema da informação. Não obstante, percebia a importância capital que havia adquirido a informação na sociedade; via, também, que para a imensa maioria das pessoas a comunicação não se esgotava nos meios. [...] O problema não era de falta de lógica ou coerência a uma teoria pensada em termos de emissor, mensagem, receptor, código, fonte... O problema era que tipos de processos comunicativos podiam ser pensados a partir daí. Onde estava o emissor numa festa, num baile, num sacramento religioso? questionava-me. Onde estavam a mensagem e o receptor? O que existia de comunicação numa prática religiosa não tinha mais a ver com outros modos, com outras dimensões da vida, com outras experiências que desbordam por completo as explicações da teoria da informação? Foi aí que percebi com clareza que falar de comunicação era falar de práticas sociais e que, se queríamos responder a todas essas perguntas, tínhamos que repensar a comunicação a partir dessas práticas. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 14)

Na América Latina, as pesquisas em comunicação tiveram como marcantes quatro grandes áreas: influência da política econômica internacional no desenvolvimento cultural dependente; políticas dos meios de comunicação e, sobretudo, a democratização da comunicação; comunicação popular/alternativa como base da democratização da comunicação; papel dos meios massivos na transformação das culturas nacionais. De acordo com Escosteguy (2010, p.51), “as três primeiras são marcantes mais ou menos entre 1970 e início dos 80. A quarta problemática passa a ser mais desenvolvida a partir de meados dos 80”. As teorias dominantes na pesquisa em comunicação sofrem reflexos no nível regional, com a repressão desencadeada dos governos militares que, na América Latina, proliferavam. Como consequência, a resistência e a articulação da sociedade civil em combate ao autoritarismo provocaram alterações no contexto sócio-político-econômico. No nível internacional, a movimentação no campo intelectual e o momento histórico se desestabilizaram no que se refere às formas de pensar a cultura.

Aos estudos culturais e aos autores citados, Jesús Martin-Barbero, Nestor Garcia Canclini, Escosteguy (2010, p.97) declara que Gramsci será o ponto de confluência teórica. O conceito de hegemonia desenvolvido pelo autor permitiu vislumbrar um movimento mais complexo, porém mais dinâmico. Este pontuava que uma análise dos meios de comunicação de massa centrada na ideologia, nos moldes propostos por Louis Althusser, não permitia dar conta dos espaços que escapam às malhas da dominação.

O aporte gramsciano possibilitou, de acordo com Escosteguy (2010, p.98), a inversão da ideia corrente- *a comunicação como processo de dominação*. Assim Martin-Barbero<sup>1</sup>, no final da década de 70, propõe a investigação da *dominação como processo da comunicação*. Ao fazer um balanço de seu programa de investigação, o autor reconhece que tudo se inicia quando ele juntou Paulo Freire com Gramsci, afirmando:

Compreender a comunicação implicava, portanto, investigar não só as artimanhas o dominador, mas também aquilo que no dominado trabalha a favor do dominador, isto é, a cumplicidade de sua parte e a sedução que se produz entre ambos. Junto com Gramsci foi Paulo Freire quem me ensinou a

---

<sup>1</sup> Em *Comunicación masiva – Discurso y poder* (1978), essa ideia germina, ganhando densidade em *De los medios a las comunicaciones*(1987)

pensar a comunicação, ao mesmo tempo, como um processo social e como um campo de batalha cultural” (1998, p. 202).

Escosteguy aponta como fatores que implicam na provisoriedade das interpretações:

As condições históricas bem gerais como industrialização, modernização, urbanização, massificação, mercantilização da vida cultural, desenvolvimento de novas formas de capitalismo, globalização da economia, migrações, emergência de novos nacionalismos e fundamentalismos, entre outras, manifestam-se de forma diferenciada em diversos contextos nacionais. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 137)

E, concluindo, a autora Escosteguy afirma:

Se as identidades que configuram os movimentos que atuam na esfera pública e que, por sua vez, constituem a sociedade civil, são hoje, sobretudo, mediadas pelos meios de comunicação, esses mesmos meios e a cultura mediática em geral fazem parte e assumem um papel central no processo e na estrutura política. Entretanto, esse pressuposto implica que a comunicação não pode ser vista apenas como uma questão de mercado e consumo, embora se admita que os meios de comunicação estejam impregnados pela lógica do mercado e por interesses políticos particulares, mas como um espaço possível de pensar o público e a implementação da Democracia. (ESCOSTEGUY 2010, p.220)

Os meios de comunicação constituem-se em veículos que se relacionam na construção das identidades. Estudá-los tem sido a proposta de inúmeros pesquisadores, muito mais agora que a sociedade está completamente atravessada pelas inovações tecnológicas. Suas implicações e seus usos, como a ação humana, se organizam e atuam com eles. Em um território que se expande, as sociedades contemporâneas estão cada vez mais consumindo as informações e reestruturando seus modos de ser e estar neste processo cada vez mais dinâmico. Este constitui-se em um espaço privilegiado para se pensar conjuntamente, em uma pluralidade de formas de gestão dos meios de comunicação.

### 2.1.1 Rádio: sistema de comunicação sem fio

Formado pelo binômio locução (voz) e sonoplastia (música), o rádio pode ser caracterizado como um meio essencialmente auditivo, pautado na difusão de informações sonoras por meio de ondas eletromagnéticas.

Brecht define o rádio como o mais magnífico instrumento de comunicação imaginável da vida pública, um fabuloso sistema de canalização, caso não se limite apenas a transmitir mensagens, mas recebê-las também.

A radiodifusão poderia ser transformada de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. Poderia ser o mais fantástico meio de comunicação imaginável na vida pública, um imenso sistema de canalização. Quer dizer: isso se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; em outras palavras, se conseguisse que o ouvinte não se limitasse a escutar, mas também falasse, não ficasse isolado, mas relacionado. (BRECHT, 2005, p.15).

Macluhan afirma que, para cada grupo social, o rádio exerceu um tipo de influência diferente. Como uma mídia de massa, o rádio teria propiciado a primeira implosão eletrônica maciça.

Para aquelas cuja existência social constitui uma extensão da vida familiar, o rádio continuará a ser uma experiência violenta. As sociedades altamente letradas, que há muito subordinaram a vida familiar à ênfase individualista nos negócios e na política, tem conseguido absorver e neutralizar a implosão do rádio sem resolução. Mas o mesmo não acontece com as comunidades que ainda não possuem senão uma breve e superficial experiência de cultura letrada, para antes, o rádio é absolutamente explosivo (MACLUHAN, 1964, p.337).

O mesmo autor, comparando o telégrafo e o telefone ao rádio, revela sua superioridade ao igualar o rádio a uma extensão do sistema nervoso central, comparando-o à própria fala humana.

O rádio possui o seu manto de invisibilidade, como qualquer outro meio. Manifesta-se a nós ostensivamente numa frequência íntima e particular, uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas. Todas as extensões tecnológicas de nós mesmos são subliminares, entorpecem; de outra forma, não suportaríamos a ação que uma tal extensão exerce sobre nós. Mais que o telégrafo e o telefone, o rádio é a própria fala humana. Não é digno de mediação que o Rádio sintonize tão bem como aquela primitiva extensão de nosso sistema nervoso central, aquele meio de massa aborígine que é a língua vernácula? O cruzamento destas duas e poderosas tecnologias humanas não poderiam deixar de fornecer algumas formas extraordinariamente novas à experiência humana. (MACLUHAN, 1964, p. 340).

Segundo Murray Schafer, “o rádio existiu muito antes de ter sido inventado. Ele existia sempre que havia vozes invisíveis: no vento, no trovão, no sonho”. (SCHAFER, 2011, p.237). Deste modo, acredita o autor, que ele antecede à tecnologia. A relação do ouvinte de rádio desperta a imaginação por serem os sons transformados em imagens na mente de quem os escuta, deixando de ser invisíveis e se concretizando

na singularidade do ouvido que ouve. Complementando essa ideia, López Virgil apud Luz (2011) afirma:

A arte de falar no rádio consiste precisamente em usar palavras concretas. Que se possam ver, que se toquem, que se mordam, que tenham peso e medida. Palavras materiais. Palavras que pintem a realidade. [...] A linguagem radiofônica é escravizantemente descritiva, narrativa, sensual. [...] Certamente quando falamos de sensualidade nos referimos ao emprego de palavras e expressões que se dirijam aos sentidos, estimulem-nos. No rádio não se trata somente de fazer com que os cegos vejam, senão de fazer sentir o cheiro sem nariz e acariciar sem mãos e saborear à distância. (LÓPEZ VIGIL, 1997, p. 41)

O rádio atua na singularidade. A esse respeito, fala Deoclecio Ferreira da Luz: “Conforme o locutor e conforme os sons e ruídos de fundo, o ouvinte escuta algo que somente ele escuta. Dois ouvintes, diante do mesmo aparelho de rádio, ouvindo o mesmo programa e no mesmo momento, ouvem diferentes mensagens”. (LUZ, 2011, p.41). O autor salienta que o mais importante não é sobre o que o locutor fala, muito mais importante é como ele fala, o que vai determinar a imagem que cada ouvinte constrói. Deste modo ele acrescenta: “Porque, à parte os códigos, a semiótica, até a tecnologia, o rádio é imagem sonora. E cada ouvinte constrói a sua imagem, a sua psiquê no contexto em que o escuta”. (LUZ, 2011, p.41)

A locução é invisível, sedutora, misteriosa. A voz transmitida vem de algum lugar. Sua fala vem de algum lugar que não é palpável, como se fosse magia. Uma espécie de entidade divina que ocupa todos os espaços, portanto, não é visível. “Seus poderes mais evidentes – invisibilidade e ubiquidade – acentuam o lado mágico do rádio. Devemos temer o rádio”. (LUZ, 2011, p.41). A esse respeito também fala Murray Schafer: “Essa é a primeira coisa a ser lembrada ao se falar de rádio. Ele é um veículo temível, porque não se pode ver quem ou o quê produz o som: um excitação invisível para os nervos”. (SCHAFER, 2008. p.237)

Desta maneira, sendo veículo que atua no campo da emoção, Schafer afirma que, ao ser inventado o rádio, surgiram dois modelos de transmissão: o político, gerado pela ambição pelo poder<sup>2</sup> e o iluminista, em oposição ao outro.

A voz do que não é visível se torna íntima daquele que a ouve. “Porque a ausência de um rosto que fala não é uma inferioridade, pelo contrário, é precisamente a perspectiva da intimidade que vai se abrir” (BACHELARD, 1985, p. 131).

---

<sup>2</sup> Segundo Schafer (2008, p.238), Hitler teria dito: “nunca teríamos conquistado a Alemanha não fosse o alto falante”.

A relação que se estabelece entre o locutor e o ouvinte é uma relação de intimidade porque falar em rádio não pode ser para o vazio. Isso significa falar com a solidão do ouvinte. A emissão do programa de rádio cria uma intimidade que faz parecer uma conversa entre amigos, pois o locutor fala para o ouvinte, com o ouvinte. As imagens sonoras são a matéria prima do rádio. A esse respeito, Bachelard nos remete aos arquétipos junguianos<sup>3</sup>:

O rádio está munido dessa possibilidade de transmitir arquétipos? Um livro não estaria mais qualificado a fazê-lo? Provavelmente não: um livro você fecha, reabre, não vem a seu encontro na solidão. Ao contrário, o rádio está certo de lhe impor solidões. [...]  
O rádio possui tudo que é preciso para falar na solidão. (BACHELARD, 1985, p.132)

O rádio, como todo meio de comunicação, é mediado pelas relações sociais. A esse respeito André Barbosa Filho (2003, p. 50) ressalta como uma das principais características do rádio é a sua função social de atuar como agente de informação e formação do coletivo. Fortemente influenciado pelas ideias de Robert Mcleish, o autor elenca as funções do rádio para a sociedade, dentre as quais estaria a de “facilitar o diálogo entre indivíduos e grupos, promovendo a noção de comunidade” e ainda “mobilizar recursos públicos e privados para fins pessoais ou comunitários” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 50). O autor ainda salienta que o rádio tem a “magia de cativar e seduzir os seus ouvintes, conduzindo-os a atitudes e comportamentos [...], um meio que influencia o cotidiano das pessoas e assim nos possibilita resultados positivos” (BARBOSA FILHO, 2003, p.50). Através de uma abordagem sobre os gêneros radiofônicos, o autor salienta que o gênero educativo-cultural, “se devidamente utilizado, poderá ser de grande valia na conquista da cidadania” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 109-110). Nesta mesma direção salienta:

Educação radiofônica implica em transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade, as que se propõe a elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em agente ativo da transformação de seu meio natural, econômico e social (BARBOSA FILHO, 2003, p. 110).

A respeito das implicações que conduzem para um pensamento de que educação é comunicação dialógica, não devendo ser vista como uma simples troca

---

<sup>3</sup> O termo “arquétipo” foi criado por Carl Gustav Jung. Diz respeito a imagens e experiências que se reproduzem no tempo, gerando correspondentes no consciente.

de saberes e conhecimento, o autor Mario Kaplún (2008, p.83) ao falar sobre o rádio, declara: “No rádio estamos sós. O interlocutor está do outro lado do receptor, não pode intervir. [...] No rádio, o comunicador não pode perceber a reação dos ouvintes [...]. Os ouvintes por sua vez, não podem fazer qualquer pergunta” [...] Assim, o autor elenca algumas limitações que o rádio apresenta:

- Unidirecionalidade- risco de cansaço e risco de distração, comunicação unidirecional, quer dizer, em uma só direção, em uma única via. [...]
- Ausência do interlocutor: esta limitação não é como a anterior exclusiva do rádio, mas comum a todos os meios de massa. [...]
- Fugacidade: a mensagem radiofônica é efêmera, inscreve-se no tempo, não é possível voltar atrás e reler o que não se conseguiu apreender, como sucede na mensagem escrita. [...]
- Público condicionado: [...] o público está mais acostumado a ouvir do que escutar rádio. Ou seja, é baixo o nível de atenção e concentração ante a mensagem radiofônica. [...].

Contudo, Kaplún (2008, p.87) apresenta as possibilidades que o rádio tem, destacando os seguintes pontos:

- Poder de sugestão: se estamos privados de imagens visuais, o rádio dispõe, em troca de uma rica gama de imagens auditivas. [...] ser sugestivo no rádio é uma possibilidade [...] É quase uma exigência, já que a eficácia da mensagem radiofônica depende, em grande medida, da riqueza sugestiva da emissão, [...] (Kaplún, 2008, p. 87)
- Comunicação afetiva: se é certo que o rádio atua sobre um único sentido, a psicologia nos dá um dado relevante: esse sentido auditivo a que chega o rádio é o mais ligado às vivências afetivas do homem. [...] o ouvido é o sentido da comunicação humana por excelência; e a nível neurofisiológico, o órgão mais sensível da esfera afetiva do ser humano (Kaplún, 2008, p.88)
- Empatia: [...] Se em toda comunicação é indispensável a empatia, no rádio ela é decisiva. O comunicador radiofônico tem que desenvolver ao máximo sua capacidade de assumir a situação do ouvinte popular, tratar de perceber o mundo como ele percebe; sintonizar com sua vida, sua realidade, seu universo cultural; [...] (Kaplún, 2008, p.89)

- Relação de identificação: [...] quando as pessoas escutam rádio, entram em jogo mecanismos psíquicos fundamentais como o da identificação. O público se identifica com determinados locutores, com determinadas personagens, com determinados programas e estabelece com eles uma relação afetiva especial. [...] (Kaplún, 2008, p. 89)

### 2.1.2 O que é uma Rádio Comunitária?

De acordo com a definição dada na Lei n.º 9.612, de 19 de fevereiro de 1998:

Art. 1.º Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço. (BRASIL, 1998).

Existem vários tipos de emissoras de rádio de baixa frequência que são chamadas de rádios comunitárias. Entretanto, esse trabalho se refere àquelas que se relacionam com o modelo de comunicação participativo e desenvolvam seu trabalho junto à comunidade. É preciso que estas estejam abertas à participação popular, difundindo informações de interesse local e se proponham ao desenvolvimento da cidadania e processos educativos. Que estejam abertas à criatividade e à liberdade de expressão. Para que possamos compreender os diversos tipos de rádio com baixa potência que são chamadas de rádios comunitárias, recorreremos a Peruzzo, que define essa diversidade em: eminentemente comunitárias (as que estão sob controle de algumas pessoas); as comerciais; as de cunho político-eleitoral e as de cunho religioso. (PERUZZO, 2007 p.9). A respeito de rádios, Peruzzo declara:

A rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. A emissora radiofônica comunitária permite ainda a participação ativa e autônoma das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e na gestão da emissora. Enfim, se baseia em princípios da comunicação

libertadora que tem como norte a ampliação da cidadania. Ela carrega, aperfeiçoa e recria o conhecimento gerado pela comunicação popular, comunitária e alternativa no contexto dos movimentos sociais na América Latina desde as últimas décadas do século XX. (PERUZZO, p. 69-94, 2007)

A autora fala das finalidades de uma rádio comunitária declarando que a lei federal brasileira 9.612/98, mesmo ressaltando que apresenta muitas limitações, prevê mecanismos que estimulam os propósitos de uma emissora que tenha uma participação intensiva da comunidade. Pontua que a autorização para funcionamento sai em nome de fundações ou associações. Exige a formação de pelo menos cinco entidades locais. A programação deve ser de interesse social e facilitar o acesso do cidadão sem discriminação. Se existem canais efetivos de participação no planejamento da programação e na administração da emissora, certamente existirão reuniões avaliativas nas quais os equívocos vão sendo analisados e corrigidos (PERUZZO, 2007, p.69-74).

Ampliando o tema sobre a diversidade das rádios comunitárias, Peruzzo complementa com a definição dada pela Associação de Rádios Comunitárias (AMARC):

Rádio comunitária, rádio rural, rádio cooperativa, rádio participativa, rádio livre, alternativa, popular, educativa... Se as estações de rádio, as redes e os grupos de produção que constituem a Associação Mundial de Rádios Comunitárias se referem a eles mesmos por meio de uma variedade de nomes, suas práticas e perfis são ainda mais variados. Algumas são musicais, outras militantes e outras musicais e militantes. Localizam-se tanto em áreas rurais isoladas, como no coração das maiores cidades do mundo. Seus sinais podem ser alcançados a uma distância de apenas um quilômetro, na totalidade do território de um país ou em outros lugares do mundo via ondas curtas. Algumas estações pertencem a organizações sem fins lucrativos ou a cooperativas cujos membros constituem sua própria audiência. Outras pertencem a estudantes, universidades, municipalidades, igrejas ou sindicatos. Há estações de rádio financiadas por doações provenientes de sua audiência, por organismos de desenvolvimento internacional, por meio de publicidade e por parte de governos. (PERUZZO, 1999, p. 216.)

No mesmo caminho da entidade mãe, a AMARC do Brasil, mesmo enfatizando o caráter de interesse público, reconhece a diversidade das rádios comunitárias:

(...) Distintos nomes e um mesmo desafio: democratizar a palavra para democratizar a sociedade. Grandes ou pequenas, com muita ou pouca potência, as rádios comunitárias não fazem referência a um "lugarejo", mas sim a um espaço de interesses compartilhados. Nestas emissoras pode-se trabalhar com voluntários(as) ou pessoal contratado, com equipamentos caseiros ou com o que há de mais desenvolvido tecnologicamente. Ser comunitário não se contrapõe à produção de qualidade nem à solidez

econômica do projeto. Comunitárias podem ser as emissoras de propriedade cooperativa, ou as que pertencem a uma organização civil sem fins-lucrativos, ou as que funcionam com outro regime de propriedade, sempre que esteja garantida sua finalidade sociocultural” (Apud PERUZZO, 2007, pp. 73-74)

Peruzzo referenda a importância das rádios comunitárias no desenvolvimento social e declara que em várias partes do mundo elas são muito valorizadas. Há várias décadas, a UNESCO incentiva o uso dos meios de comunicação como instrumentos de promoção do desenvolvimento social e local. Como destaca Peruzzo, no folheto explicativo sobre “Centros Multimídia Comunitários”, a UNESCO considera:

A rádio comunitária é pouco custosa, fácil de manejar e tem a vantagem de alcançar a todos os membros da comunidade em sua própria língua. Como meio de comunicação de massa, incrementa consideravelmente o potencial de desenvolvimento implícito no intercâmbio de informação, de conhecimento e de experiência. A rádio comunitária não só informa, educa e entretém, mas dota a comunidade de mais poder ao outorgar a palavra a todos ‘sem-voz’, com o que favorece a transparência nos assuntos públicos. (Apud PERUZZO, 2007, p. 75.)

Para que a rádio comunitária possa favorecer o processo educativo, são necessárias algumas ações tais como: o meio comunitário de comunicação deve servir de canal para o exercício da liberdade de expressão do cidadão e das organizações coletivas; deve abrir espaços para participação direta dos cidadãos no microfone (na página do jornal ou na tela da televisão ou do computador), para que expressem seus pontos de vista, suas conquistas, suas reivindicações, suas alegrias etc.; deve conceder espaço para a difusão de programas produzidos autonomamente por cidadãos, grupos de jovens e organizações coletivas da localidade. É importante zelar pela distribuição igualitária e plural deste tipo de espaço na grade de programação para que a rádio não se caracterize como tendenciosa, seja no sentido político, religioso ou outro. Ainda é preciso criar uma rede de repórteres populares (ou correspondentes populares) constituída a partir de representantes de entidades civis organizadas e/ou por zonas geográficas ou bairros, setores, quadras, ruas etc. Esta iniciativa representa excelente mecanismo para manter programas jornalísticos sintonizados com a realidade local, ao mesmo tempo em que é favorecida a participação popular na programação; é preciso dar prioridade a conteúdos de interesse público local, centrados na informação de qualidade; explorar mensagens educativas sobre assuntos e situações vividos em cada localidade (prevenção de

doenças, perigos que o tráfico de drogas pode representar, principalmente, aos jovens, adolescentes e crianças etc.); tratar de temas que dizem respeito à realidade concreta da localidade onde a emissora se situa, principalmente assuntos que quase não têm espaço na grande mídia, ou seja, aqueles relacionados às atividades das organizações dedicadas a trabalhos visando o bem estar coletivo e à vida do “povo”, seu modo de ser, sua cultura. Neste sentido, cabe falar não só de problemas, mas também das festas do “povo”, e das conquistas dos movimentos populares. Cabe ainda prestar serviços de utilidade pública de acordo com a realidade de cada lugar. Há casos de rádios que avisam o dia de consultas marcadas em postos de saúde, mandam recados para parentes, ajudam a localizar crianças perdidas, devolvem documentos achados, fazem campanhas educativas etc. O importante é que cada rádio comunitária tenha a cara do seu lugar. Também se deve fornecer entretenimento que não agrida valores éticos e o respeito às pessoas em suas diferenças (idade, cor, gênero, nacionalidade, crenças, escolaridade, condição financeira etc.). Há de se haver espaço para a difusão da criatividade popular, como por exemplo, a música, peças teatrais e outras formas de produção artística, científica e técnica geradas na própria “comunidade”. Há de se contribuir para mobilizar os cidadãos e entidades sem fins lucrativos, para a utilização e empoderamento<sup>4</sup> da rádio comunitária e de outros meios de comunicação (tv comunitária, internet etc.) com finalidades educativas e de desenvolvimento cultural. Esses parâmetros não são alcançados de maneira imediata e a qualidade da programação das emissoras comunitárias não são desenvolvidos todos ao mesmo tempo, pois cada rádio vai estabelecer seus objetivos e eleger suas estratégias prioritárias. A participação comunitária requer a formulação de objetivos claros e constantemente reforçados, para que se estabeleça aplicação de práticas de cidadania e para que o processo de fazer rádio altamente educativo se converta em realidade (PERUZZO, 2007, pp. 69-74).

O processo de planejamento, criação, transmissão de mensagens e de mídia popular alternativa, se constituem em educomunicação comunitária. No nível conceitual, afirma Peruzzo (2007, p.69-74), “educomunicação diz respeito às interrelações entre Comunicação e Educação nos processos de educação formal, não-formal e informal. Na educação formal, a educomunicação se realiza quando “a escola se aproxima da comunicação”. A aprendizagem acontece em outros contextos

---

<sup>4</sup> Empoderamento quer dizer participação popular com poder de controle e de controle e decisão.” (PERUZZO, 2007, pp.69-74).

por imediação dos meios de comunicação como: relações sociais, nas reuniões das equipes, no processo das práticas comunitárias nas dinâmicas de educação informal e não-formal. Ou seja, não se aprende apenas nas escolas, colégios e universidades (PERUZZO, 2007, pp.69-74).

O debate a respeito da democratização dos meios de comunicação em nosso país perpassa pela discussão a respeito de quem realmente detém os meios de comunicação no Brasil. Quais informações e entretenimento se quer e, acima de tudo, transparência em relação aos critérios para concessão de outorga, visto que a legislação em vigor dificulta novas concessões de radiodifusão. Além de dificultar a obtenção da outorga, a legislação país afora se utiliza de aparato estatal para reprimir e criminalizar as rádios comunitárias<sup>5</sup>.

Em textos oficiais da Organização das Nações Unidas, no ano de sua fundação, já havia referência quanto à importância que tem a comunicação para o desenvolvimento da humanidade como direito fundamental:

Liberdade de informação é um direito humano fundamental por ser a pedra de toque de todas as liberdades às quais as Nações Unidas estão consagradas; liberdade de informação implica o direito de recolher, transmitir e publicar notícias em qualquer lugar e em todo lugar sem letras, como tal, é um fator essencial em todo esforço sério para promover a paz e o progresso do mundo. (NAÇÕES UNIDAS, 1946, tradução livre).<sup>6</sup>

Em seu artigo XIX, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.” (NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Com o fim dos regimes ditatoriais no Brasil, a expectativa era que “a liberdade de expressão” fosse cada vez mais contemplada. Contudo, os problemas gerados por

---

<sup>5</sup> Caderno de Educação para a Cidadania, n.º 4. Rádios comunitárias: avanços ou negação do direito humano à comunicação? Organização: Célia Rique; Gentile Dantas. Recife: Gajop, 2010. (Caderno de Educação para a Cidadania, 4).

<sup>6</sup>No original: “Freedom of information is a fundamental human right and is this touchstone of all the freedoms to which the United Nations is consecrated; Freedom of information implies the right to gather transmit and publish news anywhere and everywhere without letters, As such it is an essencial factor in any serious effort to promote the peace and progress of the world.”

governos totalitários não são o único impedimento do Direito Humano à Comunicação, como declara Ivan Moraes Filho (2010)<sup>7</sup>:

Os países que compõem a Organização dos Estados Americanos reconheceram a necessidade de estabelecer mecanismos de proteção à liberdade de expressão em 1997, o que levou a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) a estabelecer a Relatoria Especial para Liberdade de Expressão. Na Declaração de Princípios sobre Liberdade de Expressão, a relatoria diz que garantir o acesso à informação é obrigação do Estado e esclarece que monopólios e oligopólios “conspiram contra a democracia por restringir a pluralidade e diversidade” (OEA, 2000, Princípio 12).

Oito grupos empresariais controlam a comunicação em nosso país declara Ivan Moraes Filho (2010): “Globo, SBT, Record, Bandeirantes, RBS, Abril, Jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. Mesmo inconstitucionais, os oligopólios se sustentam por meio de leis ultrapassadas, que são aplicadas de forma não transparente” (MORAES FILHO, 2010).

Ficam à margem do processo os meios populares, comunitários e educativos, pois não conseguem liberação oficial e sem verbas garantidas pelo governo. Este, ao invés de promover e fomentar as agências governamentais, as reprime, enquanto concessões públicas de rádio e TV são distribuídas sem a devida transparência. A própria lei nº 9.612/98 (BRASIL, 1998), que regulamenta a existência das Radcom, limita o alcance, a potência e os recursos financeiros e condiciona com os veículos de comunicação comerciais relações desiguais.

### 2.1.3 Regulamentação das Rádios Comunitárias

No Brasil, a Radiodifusão comunitária se iniciou de forma tímida há quatro décadas, atendendo aos anseios das comunidades, bairros, vilas distantes dos grandes centros. Devido à linguagem simples e objetiva, com traços comuns da localidade onde está inserida, foi ganhando popularidade.

Em pleno regime militar, na década de 70 do século XX, período em que os registros datam as primeiras transmissões radiofônicas, surgiram como contraponto

---

<sup>7</sup> Jornalista, escritor, integrante do Centro de Cultura Luiz Freire, do Fórum Pernambucano de Comunicação e conselheiro do Movimento Nacional de Direitos Humanos.

político às emissoras convencionais controladas pela censura do governo militar vigente. A transmissão clandestina era considerada infração grave, passível de punição tida inclusive como atitude terrorista (SANTOS, 2007).

A partir daí, diversos segmentos sociais dentro da política brasileira começaram a cobrar dos governantes que os meios de comunicação fossem democratizados. Como o direito ao voto, a saúde, livre acesso à educação começava uma cobrança para que os meios de comunicação saíssem das grandes mídias corporativas. A maior parte das rádios comerciais estava nas mãos de políticos partidários ou pessoas envolvidas na política partidária.

Em contrapartida, começam a aumentar no cenário da radiodifusão brasileira as rádios livres que eram chamadas de forma pejorativa de “Rádios Piratas”. Este termo diz respeito ao fato de que, no final dos anos cinquenta, surgem as rádios livres e, na Europa, onde as primeiras transmissões começaram, elas surgiram na Inglaterra. A origem da expressão “pirata” vem daí, pois as emissoras eram instaladas dentro de barcos para escaparem da fiscalização do Estado Inglês. Os tripulantes erguiam nos barcos, onde eram feitas as emissões, uma bandeira negra, como a dos corsários.

O nome 'pirata' é cunhado no final da década de 50, quando algumas emissoras são montadas dentro de barcos para emitir desde fora das águas territoriais da Grã-Bretanha, como forma de escapar ao âmbito estatal. O costume de erguer uma bandeira negra, símbolo dos corsários, e ter fins lucrativos dá origem ao nome rádios piratas. (NUNES, 1995, p. 21.)

Como afirma Arlindo Machado (1987), as rádios piratas fizeram história: “as rádios Merkur, que emitiam nas costas de Copenhague (Dinamarca), a Nord nas costas de Estocolmo (Suécia), a Verônica em águas holandesas, a Caroline e a Atlanta no mar da Inglaterra”. O termo pirata também tinha outro sentido, salienta Machado: elas literalmente corriam atrás do ouro, já que entendiam o rádio como um veículo lucrativo e geralmente eram financiadas por empresas multinacionais, que esbarravam no protecionismo estatal ao tentarem entrar no mercado europeu.

Basicamente, essas rádios introduziram na Europa o estilo radiofônico norte-americano, baseado na difusão de música pop e na animação dos disk-jockeys. Se considerarmos que as rádios do monopólio eram, nessa época, palavrosas, enfadonhas e demasiado obcecadas com a difusão de música clássica, não é difícil imaginar que as piratas ganharam terreno em pouco tempo. A rádio Caroline chegou a conquistar 28 milhões de ouvintes entre 1964 e 1968. (MACHADO, 1987, pp.60-61)

Havia também as rádios chamadas periféricas, que tinham estúdios próprios dentro do território, porém a antena transmissora ficava fora do país para não se sujeitarem às leis. As verbas publicitárias de multinacionais e de empresas norte-americanas custeavam as mesmas. (MACHADO, 1987, p.61-62)).

Nos anos 60, a pirataria nas ondas gerou alguns incidentes internacionais, sobretudo por iniciativa da Inglaterra. Mas é um problema difícil de resolver pelas vias jurídica ou diplomática, uma vez que o conceito de soberania nacional só é aplicável ao território físico, mas não ao espaço eletromagnético. Ademais, as próprias superpotências internacionais desmoralizaram a ideia de inviolabilidade das nações quando, a partir dos anos 40, se engalfinharam numa verdadeira batalha nas ondas, em busca da penetração ideológica. As emissoras norte-americanas Free Europe, Liberty e Voice of America, a Rádio Central de Moscou, a Deutsche Welle da Alemanha Ocidental, além da própria BBC britânica, bombardearam os seus adversários políticos com emissões diárias em ondas curtas, seguindo o exemplo de Goebbels na Alemanha nazista. Colocados no fogo cruzado do monopólio estatal e da pirataria internacional, os europeus partiram para a sua própria revolução nas ondas radiofônicas, inventando uma terceira modalidade de emissão: as rádios livres. (MACHADO, 1987, p. 61-62)).

Na Itália, em 1975, vivendo em regime ditatorial, os jovens cansados de verem o setor de telecomunicação nas mãos do Estado Italiano, tomaram a seu modo uma atitude que tinha como objetivo romper com a situação em que viviam. As rádios livres na época defendiam que a comunidade deveria ir ao ar e expor suas ideias, sem precisarem de autorização do estado, como afirma Machado:

Desde o início, as rádios alternativas ao monopólio se aglutinaram em dois núcleos. De um lado, aquelas que tinham interesses comerciais, que visavam à exploração de publicidade e à transformação do rádio num negócio rendoso, como era nos Estados Unidos. Nessa perspectiva empresarial, a Rádio Milano Internazionale aparece como o melhor exemplo. De outro lado, porém, o desafio ao monopólio abriu espaço para uma experiência radiofônica absolutamente inédita, dirigida para uma autêntica gestão alternativa da informação e para o exercício direto da democracia, através de sua ligação com movimentos sociais contestatórios. Esta última estava quase sempre relacionada com as novas esquerdas ou com grupos de natureza político-cultural que não mais se encaixavam nos velhos partidos. (MACHADO, 1987, p.63)).

Os movimentos reivindicatórios eram noticiados em primeira mão pelas rádios italianas, que informavam sobre concentrações, greves e manifestações. Colaboradores e simpatizantes permitiam a autogestão da maioria dessas emissoras como são até hoje. O Estado tratava as rádios ilegais de forma diferenciada.

Toleravam as rádios comerciais, porém reprimiam as que discordavam do modelo político vigente:

No ápice de repressão às rádios livres "atravessadas" no movimento social, a empresa de navegação aérea Alitalia introduziu uma polêmica ridícula, baseada no argumento de que as emissões clandestinas estavam provocando interferências nos aparelhos de comunicações de bordo, durante a operação de aterrissagem. Essa polêmica logo foi engrossada pelas forças conservadoras do país, que começaram a pressagiar as rádios livres entrando nas faixas da polícia, das ambulâncias, dos bombeiros e provocando uma catástrofe urbana. O pânico era artificialmente produzido para manipular a opinião pública, pois jamais aconteceu acidente algum devido a emissões radiofônicas. (MACHADO, 1987, p.65)

Das rádios livres que atuaram na Europa naquela época a que merece destaque é a Rádio Alice. Um grupo que atuava na ação política de enfrentamento do sistema de governo vigente. Sua atuação começa em 1976. Como afirma Machado:

Alice se caracterizava, antes de tudo, pela recusa de assumir uma postura político-partidária definida nos termos convencionais e por trazer à discussão pública temas malditos como o corpo, o desejo, o prazer e a preguiça. Com muita frequência, mesclava valores estéticos com ações políticas, retomando a atitude desmistificadora do dadaísmo num contexto pós-moderno. (MACHADO, 1987, p.69).

Inserida no modelo sócio-existencial-político-econômico que se materializava como projeto nos anos 70 na Itália, Bolonha, o período de gestação e vida de Alice em 74-77, é uma experiência paradigmática como afirma Mauro Costa.<sup>8</sup>

O mesmo autor compara a atuação da Rádio Alice a Paris de 68, o que ele equivale a um imenso laboratório ético-político em que se constroem as bases para um mundo que virá. Segundo Mauro Costa (2004), "sua gestação foi também movida pela publicação do primeiro dos grandes tratados políticos desse mundo que virá: *Lógica do Sentido*,<sup>9</sup> de Gilles Deleuze, um livro sobre Alice".

As transmissões feitas pelos governantes eram interrompidas pelos militantes, que misturavam outras notícias sem sentido nenhum ao que estava sendo transmitido

<sup>8</sup> Professor Adjunto e atual Diretor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / UERJ; Procientista /UERJ; Coordenador da Oficina Híbridos do Labore – Laboratório de Estudos Contemporâneos -; Vice-presidente da Associação Comunitária de Comunicação, Educação e Cidadania de Vila S. Luís – Rádio Kaxinawá - maurosa@uerj.br

<sup>9</sup> Deleuze, Gilles. *Lógica do Sentido*. Trad de Luis Roberto Salinas Fortes, São Paulo, Perspectiva, 1974.

pelo governo. A esse respeito complementa Machado (1987, p.69-71) o temor que causava aos governantes vinha de suas transmissões:

Combinava citações literárias (Joyce, Maiakovski, Carrol) com música clássica, canções políticas, rock'n'roll, monólogos interiores, fluxos de pensamento, gritos primais, depoimentos de grevistas, slogans de manifestações e zueira de festas. Ora a linguagem era utilizada em sua dimensão instrumental, ocasião em que os microfones eram abertos aos ofendidos de toda espécie; ora a linguagem era experimentada na sua dimensão poética e reinventada numa perspectiva criativa; ora ainda ela explodia como uma operação de guerrilha no seio das mídias dominantes, revertendo a lógica da circulação de mensagens no espaço eletromagnético. (MACHADO, 1987, p.69-71).

Apesar de toda criatividade, sua operação comunicativa e política, a crise que atingiu a cidade de Bolonha em 1977 também coincidiu com o fim da Radio Alice. Essa rádio contribuiu para incentivar as pessoas a participarem das manifestações, dava notícias ao vivo enviadas por telefone pelos estudantes envolvidos nos conflitos, quando os universitários tiveram um confronto direto com policiais. O Estado Italiano conseguiu calar a Rádio Alice como relata Machado:

O poder de Estado considerou intolerável a intervenção da Rádio Alice nos acontecimentos e, no dia 12 de março, por ordem expressa do prefeito Zangheri, a emissora foi invadida por tropas policiais e os seus articuladores presos e processados. A invasão foi reportada ao vivo até o último momento. Silenciada, Alice se transformou em um mito, e o seu exemplo fez florescer outras incontáveis alices dentro e fora da Itália [...] (MACHADO, 1987, p. 70).

Com a liberação de FM, em 1976, de acordo com Peruzzo (2004, p.242), aconteceu a grande disseminação das rádios livres.

Certamente, as rádios livres dessa época cumpriram seu papel, tanto que conseguiram mexer com os sistemas oficiais de radiodifusão. Muitas desapareceram. A maior parte foi absorvida pelo sistema comunicacional de seus países, restando àquelas ligadas a partidos verdes ou as que ocupam um lugar em movimentos de expressão universal, como o ecológico. (PERUZZO, 2004, p. 243).

Entretanto, Machado (1987, p.77) aponta a legalização como o primeiro passo para a decadência das rádios livres. Ele afirma que o pior golpe dos estados foi a institucionalização. Porém, ressalta que as principais fontes do rádio, que eram os movimentos juvenis e trabalhistas, entraram em declínio. A legalização apenas acelerou o processo.

Como relata Peruzzo (2004, p.243), as rádios livres no Brasil surgiram nos anos setenta, uma época que a autora define “em que os meios de comunicação de massa estavam nas mãos de poucos”. Apesar da proposta de concessão das rádios comunitárias estarem na pauta das reuniões dos conselhos e congressos de comunicação do estado brasileiro, só na década de 90 houve uma medida efetiva para regulamentar a radiocomunicação no Brasil. Foi votada a lei 9.612, de 19 de fevereiro, pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Porém, apesar de tirar algumas emissoras da clandestinidade, a lei impôs limites às suas atividades. As rádios comunitárias ficaram proibidas de fazer anúncios publicitários e deveriam operar somente na frequência 104,9 mega-hertz, não ter mais que 25 watts de potência, a antena não poderia ser superior a trinta metros de altura e, a partir do ponto, a transmissão não poderia ultrapassar um quilometro de extensão.

Como podemos perceber, não foi satisfatória a regulamentação das rádios comunitárias, que de acordo com Mauro Costa:

Com muitos avanços e recuos o movimento consegue finalmente, em fevereiro de 1998, através da Comissão de Comunicação, Tecnologia e Informática, do Congresso, levar ao plenário e aprovar a lei que regulamenta as rádios comunitárias. Da proposta de projeto de lei do movimento só se conseguiu aprovar 10% dos itens definidos. No período da tramitação da lei, 70% dos parlamentares membros da comissão no congresso eram donos ou tinham interesses indiretos em empresas de rádio e televisão. Conseguiu-se, finalmente, aprovar um instrumento legal que regulamentou a radiodifusão comunitária. Será que isto foi um ganho real? Até a aprovação da lei, as rádios livres e comunitárias estavam numa situação definida pelos juristas como "a legal". Exerciam um direito garantido pela Constituição em seu artigo 5º (inciso 9º) - "é livre a expressão da atividade intelectual artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença" - mas que não tinham uma regulamentação específica. O espaço de negociação, em função deste artigo era bem amplo, bem mais amplo do que o que foi aproveitado pela nova lei. (MAURO COSTA, 2002, p. 104).

As rádios comunitárias são, no momento, a representação de um tipo de mídia que representa grupos que não são contemplados pelas mídias convencionais. Atuam enfocando assuntos da comunidade e grupos e segmentos sociais marginalizados. Tais emissoras promovem informação, lazer, fomentam manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo que possa promover o desenvolvimento comunitário sem discriminação. Como afirma Silveira:

Na verdade, as rádios comunitárias, todos sabem, romperão, definitivamente, esse vínculo de espúrio e levarão ao povo, independentemente, de cor partidária, sua imparcial visão dos acontecimentos públicos, permitindo-lhe,

pela primeira vez na história, desfrutar do livre acesso à informação em suas variadas versões, de modo a, mediante um juízo mais seguro, extrair a verdadeira, não deturpada por atos divisionários e ilusórios. Isso naturalmente acontecerá pelo permanente cotejo da informação divulgada com a versão fornecida pelos outros veículos de comunicação. (SILVEIRA, 2001, p. 259).

#### 2.1.4 Transmissão Radiofônica no Brasil

Gomes (2008) destaca que a primeira transmissão em público aconteceu durante a exposição internacional do Rio de Janeiro, na qual se comemorava o centenário da independência, em 7 de setembro de 1922. Neste evento, de acordo com Ferraretto (2001), a Westinghouse disponibilizou 80 recepções às autoridades civis e militares que ouviram o discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa. O público presente à inauguração escutou as transmissões por meio de alto-falantes de trechos de “O Guarani”, de Carlos Gomes. Também estavam presentes o antropólogo e educador Roquette Pinto, juntamente com o engenheiro Henrique Morize e outros membros da Academia Brasileira de Ciências. No dia 20 de abril de 1923, na sala de Física da antiga Escola Politécnica, no Largo do São Francisco, no Rio de Janeiro, em plena reunião fundaram a emissora de cunho educativo cujo nome: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que teria, de acordo com seu fundador, “fins científicos e sociais”.

Com as palavras “A partir de agora, todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte pelo milagre das ondas misteriosas que transportam silenciosamente, no espaço, as harmonias”, Roquette Pinto definia a primeira transmissão ainda experimental, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O evento foi realizado com equipamento emprestado, em primeiro de maio de 1923. De acordo com Ferraretto (2001), a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, apesar de marcada por um certo elitismo, foi quem começou de fato a trajetória da radiodifusão sonora em nosso país, visto que se preocupava nitidamente com a difusão cultural. Pinto (1997) pontuava que o novo veículo de comunicação seria o jornal de quem não sabia ler, visto que grande parte da sociedade era iletrada. E mais: o mestre de quem não pode ir à escola; o divertimento gratuito do pobre; o animador e consolador de novas esperanças; desde

que o espírito altruísta fosse elevado para consecução desses ideais. (PINTO,1997, p.8)

A partir daí, novas emissoras surgiram em todo país. Contudo, o rádio ganhou impulso e expansão a partir da Revolução de 1930. Especialmente por meio da publicidade, com a ampliação das relações capitalistas. O lugar hegemônico em que firmou o rádio como veículo se deu nas décadas de 1930 e 1940. Em 1932, foi regulamentada a publicidade em rádio, o que promoveu o início de uma nova fase na história da radiodifusão brasileira. Como destaca Ferraretto:

Está nascendo um Brasil mais urbano e moderno. O rádio começa a se estruturar, não mais como novidade, mas sim se constituindo em veículo de comunicação que, ao buscar o lucro, volta-se para a obtenção constante de anunciantes e de público. (FERRARETTO, 2001, p.102)

Com a invasão da publicidade, o rádio deixa de ser apenas um difusor cultural, proposta pelos seus primeiros idealizadores, passando a ser um instrumento de espetáculo massivo. Toda população, inclusive os analfabetos, são incluídos nessa nova mídia de comunicação, ficando passíveis aos apelos publicitários e do governo. Como afirma Ferraretto, “o regime implantado em 1930 vai transformar o veículo em instrumento ideológico” (2001, p.107).

Esse período em que o rádio se transformou em um instrumento manipulador e propagador de uma ideologia de interesses políticos fica marcado com a criação da “Hora do Brasil”, um programa de rádio implantado em 1935, pelo então presidente Getúlio Vargas. Inicialmente, eram transmitidas informações, pronunciamentos e música popular. Contudo, a divulgação das realizações do governo passou a ser seu principal objetivo.

Nas décadas de 40 e 50, a ideologia do Estado Novo era amplamente difundida na sociedade brasileira e a radiodifusão se consolidava como um fenômeno. A maior experiência de rádio já feita no Brasil é consagrada à Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Sendo patrimônio da união e empresa privada, a emissora se tornou na época a mais forte e influente como destaca Ferraretto: “O rádio viveria aquela que é considerado a sua época de ouro, caracterizada por uma programação voltada ao entretenimento, predominando programas de auditório, rádio-novela e humorísticos”. (FERRARETTO, 2001, p.112).

A primeira expressão da indústria cultural no Brasil se deu por meio da Rádio Nacional, que no ano de 1952 atingia 52,2% de audiência no estado do Rio de Janeiro. Como afirma Goldfeder: “A opção pela emissora e pelo período justificar-se-ia na medida em que ela se constituiu, na época, num dos mais eficazes instrumentos de propagação cultural já verificado até então através de uma ação hegemônica, a nível nacional” (GOLDFEDER, 1980, p.39). Na década de 50, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Getúlio Vargas utilizou a emissora como seu principal veículo de propaganda e manipulação das relações vigentes na sociedade. Seja no plano das significações ou concretamente como ferramenta de controle social, Goldfeder afirma que “a Rádio Nacional atuaria como um mecanismo de controle social, destinado a manter as perspectivas sociais dentro dos limites compatíveis com o sistema como um todo” (GOLDFEDER, 1980, p.40)

Com o surgimento da televisão, a radiodifusão, a partir de 1955 a 1970, começa a sofrer um processo de declínio não só no Brasil como em outros países ocidentais. O novo veículo ganha espaço na audiência e na migração de profissionais da comunicação com a decadência da rádio espetáculo. Assim diz Ferraretto:

A Nacional e a TV Tupi detinham nesta época contratos de exclusividade com a maioria dos grandes artistas da época, o que, de um lado, demonstra a força do rádio, mas, de outro, expõe, com clareza, o crescimento da televisão”. (FERRARETTO, 2001, p.135)

Em resumo, a sociedade brasileira passa ao final da década de 50 por profundas mudanças em suas estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas, período no qual a rádio participou ativamente ora em papéis secundários, ora no papel principal. “Mesmo que tenha enfrentado severas mudanças e reestruturações, o rádio foi consolidado como meio de comunicação de massa e fundamental para a formação de hábitos da sociedade brasileira”.

Nas décadas de 60 e 70, o Brasil passaria pelo período considerado o mais cruel de sua história, pois viveríamos a ditadura militar, que durou vinte anos, com a presidência de cinco generais. O rádio passaria por profundas reestruturações. O regime militar em vigor traria um novo elemento que descaracterizaria a liberdade de informação. Foi cortado qualquer diálogo com a sociedade. A censura foi imposta pelo novo regime que, para evitar manifestações populares, cassou o direito de voto do cidadão, calou as oposições e, pela violência dos órgãos de repressão policial,

torturou e matou muitos brasileiros. Ao tomarem o poder, os militares cassaram os direitos políticos de empresas de comunicação e do direito de funcionamento das rádios que se pronunciassem contra o regime. A esse respeito, diz Ferraretto: “Ocorreram demissões – por vez, seguidas de detenção – e gradativamente, com o fortalecimento da linha dura do regime, emissoras foram fechadas tornando-se prática comum” (FERRARETTO, 2001, p. 150.).

As empresas radiofônicas de pequeno porte, que se sustentavam da publicidade vinda de grandes empresas e bancos estatais, passaram a omitir notícias que comprometessem o sistema vigente. Entre os anos 1969 e 1974, no governo do general Garrastazu Médici, o Brasil viveu o período chamado “anos de chumbo”. Com a reestruturação nas décadas de 70 e 80 surge, de acordo com Ferraretto, uma divisão do aspecto radiofônico em dois ramos: o som e a abrangência. As estações de amplitude modular (AM) que promoveram a rádio- espetáculo das décadas anteriores, se mantiveram com programações de jornalismo, coberturas esportivas e na prestação de serviço à população. Esse estilo da rádio AM de programas populares centrado na figura do comunicador companheiro do ouvinte, explorando de maneira sensacionalista situações do cotidiano, não foi uma opção muito feliz.

A partir da década de 80, com a evolução técnica, surge uma modalidade de rádio que traz uma programação predominantemente musical: rádios de frequências modulares (FM's). O governo militar pretendia interiorizar as rádios a fim de abrir as chamadas “zonas de silêncio”, contudo essa nova categoria de rádio passou a adotar a mesma linguagem das rádios AM's..

#### 2.1.5 Responsabilidade Social

A rádio comunitária, além de ter a vantagem de ser meio de comunicação essencialmente popular, apresenta como principal característica a de ser útil para a comunidade através de seus programas educativos e também servindo como meio de entretenimento e diversão. Ela envolve a comunidade de maneira intensa e participativa.

A radiodifusão comunitária é um instrumento de construção da cidadania, por possibilitar a educação individual e coletiva das minorias, conjugando mobilização e

conscientização. Promove a importância da participação popular, tratando-se de um processo que tem objetivo despertar nos indivíduos sua capacidade de cobrar, de resolver problemas que afetem sua comunidade.

Através do desenvolvimento de ações de comunicação comunitária como instrumento de inclusão social, possibilita o processo de construção da cidadania a partir da ação coletiva de sujeitos sociais. As rádios comunitárias buscam em seus programas atender aos anseios da comunidade, promovendo serviços de utilidade pública, prevenção às DST/HIV/AIDS, controle social, entretenimento, rádio jornalismo, cidadania, educação, prevenção às drogas lícitas e ilícitas. Além de ações que ajudem e promovam o protagonismo juvenil, apresentando novas perspectivas de organização social.

As rádios comunitárias também promovem a abertura de novas interações dialógicas com as famílias, a comunidade e as instâncias de poder local em ações que combinem a proposta de informar, formar e educar com a desconstrução de valores, comportamentos e atitudes de risco, fortalecendo assim a luta pela democratização midiática e das iniciativas de cidadania.

A emissão radiofônica não precisa de um conhecimento específico para decodificação e recepção. Dessa maneira, ela pode ser entendida por um público diversificado. Muito diferente de uma mídia como o jornal que precisa do conhecimento da língua escrita para que seja decodificada a sua informação. O rádio permite que seu usuário exerça outras atividades concomitantes como caminhar, escrever, trabalhar. Em nossa sociedade cada vez mais dinâmica, ele se torna um veículo de comunicação sempre atual.

A programação musical radiofônica é conhecida mundialmente, porém ele também é um instrumento político, fonte de informação e de utilidade pública. As transmissões radiofônicas, desde o início, foram utilizadas por sua possibilidade de penetração e capacidade educativa por governantes e ativistas políticos, como meio de divulgação de seus ideais e interesses.

É essencialmente um instrumento de mobilização de natureza pública não estatal, legítimo da sociedade, de autogestão comunitária.

A participação popular pode facilitar o devir de uma nova práxis da comunicação. A participação e a comunicação representam uma necessidade no processo de constituição de uma cultura democrática, de ampliação dos direitos de cidadania e da conquista da hegemonia, na construção de uma sociedade que veja o ser humano como força motivadora,

propulsora e receptora dos benefícios do desenvolvimento histórico. (PERUZZO, 1999, p. 296).

Dialeticamente, o rádio é mediado e mediador, atuando no sentido de uma perspectiva emancipadora. Ele está vinculado aos movimentos sociais, que ao conquistarem o direito de dizer, mostrar, argumentar, ouvir, ler criticamente a realidade, dialoga com seus pares no espaço da comunicação midiática, se constituindo como ferramenta fundamental para construção da liberdade nos mais diversos campos da atividade humana nas sociedades modernas.)

Ao se tornarem protagonistas da comunicação e não somente receptores, participando na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária, contribui para que se tornem sujeitos e sejam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se tornam sujeitos sociais. Trata-se do direito coletivo de dizer, ao invés de apenas ouvir.

Ao longo da história, sob o domínio do Estado e da classe dominante, lutas políticas dos índios, dos negros, dos trabalhadores rurais e urbanos, das mulheres e outros segmentos, inclusos na subalternidade, foram silenciados pelos meios de difusão de fatos e ideias.

O localismo que Peruzzo (1999) denomina como busca da identidade própria é uma crítica da realidade e uma possibilidade de emancipação na luta por uma sociedade mais justa.

Os veículos de comunicação produzidos por setores organizados das classes subalternas, ou a elas organicamente ligados, acabam por criar um campo propício para o desenvolvimento da educação para a cidadania. As relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e dos instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem quanto pelo que aprendem através da vivência, da própria prática. Por exemplo, a seleção de notícias que a pessoa se vê obrigada a fazer na hora de montar o noticiário na rádio comunitária, bem como os demais mecanismos que condicionam o processo de produzir e transmitir mensagens com os quais se depara cotidianamente, lhe tiram a ingenuidade sobre as estratégias e as possibilidades de manipulação de mensagens pelos grandes meios de comunicação de massa. (PERUZZO, 1999, p. 27.).

As rádios comunitárias, já que atuam nos meios comunitários, potencializam a participação direta do cidadão. Por se situarem dentro da comunidade e as pessoas que participam de suas programações conhecerem a localidade, podem atuar diante das necessidades que os afeta e buscar e cobrar o auxílio e participação dos órgãos públicos responsáveis.

Na proposta dos PCNS, a educação ambiental é vista como: "... um meio indispensável para se conseguir criar e aplicar formas cada vez mais sustentáveis, de interação sociedade-natureza, e soluções para os problemas ambientais. A educação sozinha não é suficiente para mudar os rumos do planeta, mas certamente é condição necessária para tanto." (BRASIL, 1998, p.180).

Nesse contexto, a rádio comunitária também está inserida, possibilitando uma reivindicação mais ampla no processo de desenvolvimento socioambiental, contribuindo para que o cidadão perceba através de um outro olhar a sua estreita ligação com o meio que vive, construindo valores e aumentando sua consciência. A realidade e os acontecimentos locais permitirão então construir uma sensibilização mediante a questão ambiental.

É necessário, então, que a educação ambiental e os meios de comunicação assumam um papel estratégico no grande desafio do século atual, que será reduzir os severos impactos ambientais que a ação humana tem provocado. Par tal, as pessoas precisam ter um contato mais intenso com as questões ecológicas e que isso se reflita em sua prática, independentemente do local onde morem, cor, sexo ou condição financeira. Faz-se necessário tornar a educação ambiental parte do cotidiano das pessoas e essa formação precisa ter qualidade.

Enfim, um movimento voltado às questões ligadas à qualidade de vida, terra, moradia produção, cultura, lazer, educação dentre outras questões fundamentais se faz necessário na compreensão de uma Educação Ambiental.

Um dos grandes problemas que tem afetado grande parte da população brasileira é o alagamento de ruas e moradias nos períodos de chuvas fortes. As rádios comunitárias desempenham um importante papel na transmissão de atitudes que os moradores dessas localidades precisam desenvolver para a preservação de rios e o cuidado com resíduos espalhados pelas ruas. É preciso que haja o envolvimento da comunidade nas questões ambientais e o rádio pode ser um instrumento facilitador para transformar realidades tão trágicas como essas que tem ocorrido regularmente

durante o período das fortes chuvas. A emissora, unida aos esforços da comunidade e outros segmentos da sociedade juntos, poderão realizar grandes mudanças, mobilizando poderes públicos e órgãos responsáveis para atuarem com medidas cabíveis e adequadas a melhorias e busca de melhor qualidade de vida dos cidadãos.

Na medida em que fica claro o vínculo entre educação e comunicação, mediadas através das relações que ocorrem através de linguagens e de formas comunicativas, fica claro nas interrelações pessoais uma forma estritamente educativa para o receptor. Comunicar e educar são ações indissociáveis inerentes à humanização. Podem ser exploradas tanto para a liberdade quanto para manipular pessoas. Ambas lidam com as interações pessoais e unidas fazem com que os limites entre informação e conhecimento diminuam. A respeito da estreita ligação entre comunicação e educação, fala Peruzzo:

Parece-nos que a frase comunicação é um ato pedagógico e a educação é um ato comunicativo, sintetiza a complexidade e ao mesmo tempo as inter-relações entre comunicação e educação. Essa cumplicidade entre os dois campos ultrapassa as instituições de ensino para penetrar no campo dos grandes meios de comunicação de massa, mas também a comunicação engendrada no contexto das práticas associativas e comunitárias. A escola já não é mais o espaço primordialmente potencializado para educar. Os meios de comunicação passam a compartilhar de tal poder, embora nem sempre o fazem no sentido em que vá de encontro ao bem estar comum. (PERUZZO, 2001, p.p. 11-128).

A preocupação com o meio ambiente fica explícita em conformidade com a legislação brasileira prevista no § 1º, VI do artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, como uma obrigatoriedade do Poder Público:

“art. 225 – Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:  
(...)

VI – promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e conscientização pública para a preservação do meio ambiente.” (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

É necessário observar que, no artigo acima, toda coletividade, aliada ao poder público, esteja comprometida com a responsabilidade de defesa e preservação do meio ambiente. A Educação Ambiental se constitui como componente permanente da educação nacional em todos os níveis e modalidades do processo ensino e ou

aprendizagem. Direciona-se à comunidade e onde cabe uma grande diversidade de propostas, que tem por objetivos a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

A Constituição Federal Brasileira, Lei nº.795 de 27 de abril de 1988, define em seu artigo 5º os objetivos que fundamentam a Educação Ambiental:

- I – o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;
- II – a garantia de democratização das informações ambientais;
- III – o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;
- IV – o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;
- V – o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade sustentabilidade;
- VI – o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia;
- VII – o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.” (BRASIL, 1988).

As rádios comunitárias são importantes instrumentos para o desenvolvimento sustentável. Consideram-se importantes para: aprofundar as possibilidades de engajamento das comunidades nas ações de implementação e consolidação desses meios como ferramenta de resgate e valorização dos saberes tradicionais; ampliar e dar voz à população local; justiça social e exercício da cidadania; o desenvolvimento social, econômico e cultural como processo de democratização; tornar as rádios sustentáveis ou autossustentáveis como consequência da participação comunitária na gestão de seus programas. Entendendo comunicação no sentido educativo, todo programa de desenvolvimento local deve levar em conta a ação comunicativa veiculada pela rádio. As rádios comunitárias estarão (se observados os pressupostos citados), exercendo a comunicação livre e verdadeiramente democrática. Deste modo, estarão oportunizando a difusão de ideias, cultura e promovendo a integração e o convívio social, servindo ao interesse e desenvolvimento da sua comunidade.

### 3 CONTAR HISTÓRIAS

#### 3.1 A importância de contar histórias

Nesta parte, relato a descrição dos resultados da pesquisa de campo: o processo e a experiência que deu origem a esse momento em que estava iniciando na graduação e a participação da autora na pesquisa de rádio. O contexto e as reações observadas nos ouvintes, neste caso crianças que estudam nas escolas próximas ao rádio. Além de uma reflexão a partir das informações colhidas e a importância de contar histórias na Rádio Kaxinawá. Porém, antes de entrar propriamente nos resultados da pesquisa, é interessante estabelecer alguns referenciais teóricos a respeito da contação de histórias.

O ato de contar histórias, em muitos povos, representou e/ou representa a continuidade de seus costumes, suas tradições, a memória de sua cultura. A cultura brasileira apesar de, a partir do século XIX, ter iniciado a produção livresca, ainda é fortemente influenciada pela oralidade. Em grande parte, a população continua ágrafa e, apesar dos esforços para democratização dos bens culturais, grande parte de nosso povo vive excluída dos mesmos.

Ao contar uma história, a oralidade do narrador vai influenciar no ouvinte de acordo com a relação que se estabelecer entre o ouvinte e o narrador. Mas este não é o único fator: a história de vida de cada um vai determinar as cores, os sons, as paisagens e ações dos personagens. Ao narrador caberá a liberdade de escolher como vai ser a narrativa, em que momento será preciso maior ênfase, quando vai ser necessário modificar a entonação da voz, enfim poderá dispor de instrumentos para que seu desempenho seja satisfatório.

Contar histórias é também suscitar a imaginação, nos conflitos das personagens, nos impasses, identificar-se com um ou outro e encontrar possíveis soluções ou não. Ao contar uma história existe a possibilidade de recriação. “O critério de seleção é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto...” (ABRAMOVICH, 2004, p.20). Afinal, existe o ditado “*quem conta um conto aumenta um ponto*”. Na citação, Fanny se refere a crianças como ouvintes, contudo, é claro que o mesmo se aplica a qualquer outro ouvinte.

No que se refere ao texto, é preciso distinguir duas espécies de texto literário envolvidos na contação de histórias: o escrito e o oral. A literatura oral se constitui de uma dualidade de sujeitos, de um lado o autor/ contador e, de outro, o ouvinte/ leitor.

É importante destacar que a escrita nasce como respostas às necessidades econômicas e religiosas dos povos e o narrar como memória da cultura e transmissão de conhecimentos das gerações anteriores para as que as sucediam, na antiguidade, era o principal fator de preservação do mito. A oralidade, ao preservar o mito, é dinâmica, visto que precisou se adaptar como fator de transmissão cultural e de valores. O texto oral é sempre passível de modificação e sempre aberto à participação do ouvinte. Sua essência é a oralidade e poderá ser diferente a cada vez que for narrado, pois a recriação e invenção fazem parte dele.

Segundo Walter Benjamin (1994, p.215): “o primeiro narrador é e continua sendo o dos contos de fadas”. Marina Warner (1999, p.449) complementa essas palavras assim: “os narradores dos contos de fadas sabem que um conto, para cativar, deve levar os ouvintes ao prazer, ao riso ou as lágrimas”, logo “se falharem ninguém mais irá querer ouvir suas histórias.”

Os autores que reconhecem nos contos de fadas a importância pedagógica e lúdica afirmam que, embora estejam profundamente ligados à realidade econômica medieval europeia, os contos de fadas se mantêm sempre atuais. São satisfatórios porque mapeiam impulsos e temores conscientes e inconscientes. Lidam com problemas universais e defendem causas perdidas. Embora castigada, a curiosidade é incentivada. Revelam elementos comuns à espécie, como erotismo, iniciação sexual, esperteza e malícia. Tem espaço para a mulher comunicar suas ideias nas personificações fantásticas. Apresentam uma justiça poética: o filho mais novo, mais tolo, mais insignificante perante a família e a comunidade é quem casa com a princesa. Falam de amor, medos da dificuldade de ser criança, de carências, de perdas e buscas, da vida e da morte. Relacionam-se com o leitor dando significação a seus desejos e necessidades. Envolvem o maravilhoso e o terrível, partindo de situações reais, lidam com emoções; passam-se em tempo e lugar indefinidos; as personagens são simples e vivenciam situações diferentes, resolvem conflitos nos quais buscam a cumplicidade da criança através do imaginário em que fadas e bruxas atuam como elementos mágicos.

Cabe lembrar que há opiniões contrárias aos defensores dos contos de fadas das quais recebem as críticas de serem mentirosos, materialistas e conterem, em suas

narrativas, terror explícito, reproduzem preconceitos, racismos, modismos. Contudo, é necessário observar que há inúmeras possibilidades de interpretação sejam: historiográficas, psicanalíticas, religiosas, voltadas para os rituais da colheita, fases da lua, os ritos de iniciação ou de passagem, o objetivo aqui é proporcionar suporte teórico de sua validade na literatura oral.

Algumas vertentes históricas e sociais permitem entrever significações morais e pedagógicas como representações de valores determinados. O psicanalista austríaco Bruno Bettelheim, educador e terapeuta de crianças gravemente perturbadas, cuja principal tarefa foi a de restaurar um significado na vida delas, mostra a função de divertimento, as razões, as motivações psicológicas, os significados emocionais, a linguagem simbólica do inconsciente que estão subjacentes aos contos infantis. Quanto à importância dos contos de fadas é importante repetir as palavras de Bettelheim: “o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido” (BETTELHEIN, 1980, p.185).

A condição curativa que Bettelheim afirma encontrar nos contos não é uma ideia recente, os povos orientais também acreditavam que o conto curava, “em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele. Nesse caso, o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocou o distúrbio físico.” Para Busatto, “o conto de tradição oral, seja ele conto, seja ele contos de fada, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior.” (2003, p.17)

A literatura oral, apesar de ser estudada com mais rigor somente no último século, não é uma atividade recente como vimos, esteve presente desde os tempos mais remotos. Como representante dessa atividade figura o contador de histórias; as importantes denominações que recebeu nas mais diferentes épocas e sociedades é o que veremos a seguir.

### 3.2 Contadores de Histórias

Os contadores de histórias, desde as mais remotas épocas, foram de grande importância para a transmissão e preservação da história, da cultura, conhecimentos e perpetuação dos valores da sociedade. Com o surgimento da escrita, foi estabelecida uma nova relação espaço-tempo do indivíduo com a memória, a comunicação e a informação. Atualmente, os escritores de textos literários para crianças ocupam o lugar que foi dos contadores de histórias nos primórdios da humanidade. Principalmente na Idade Média, época em que a sedução das palavras e fruição de encantamento dos sons era primordial para manter a tradição oral.

Ao longo do percurso da tradição oral, transcorrido pelos contadores de histórias, estes receberam nomes diferentes nos diversos lugares por onde passaram:

(...) rapsodo para os gregos, bardo para os celtas, griot para os africanos, que narrava de aldeia em aldeia os ensinamentos ouvidos por seus ancestrais, ou por seus mestres, como fizeram os tantos discípulos de Cristo e Buda. (BUSATTO, 2003, p. 26)

De acordo com as origens da tradição oral, muitos de seus ensinamentos foram de cunho religioso.

Cristo foi um exímio contador de histórias e suas parábolas podem ser encontrados no grande livro do cristianismo, a Bíblia. Estes temas religiosos estão presentes em vários contos de fadas, como O pobre e o rico, dos Irmãos Grimm, e as tantas andanças de Jesus pela terra..." (BUSATTO, 2003, p.26).

A riqueza da oralidade dos primitivos africanos e seus contos ainda não foram muito divulgados para nós ocidentais.

Ali tudo nasceu e teve sua origem na terra. O sol, a lua e as estrelas viviam na terra antes de subirem ao céu. Nestes contos sentimos o cheiro pântanos, os estrondos dos vulcões e podemos sentir a escuridão das selvas. Animais geram filhos humanos, e humanos são devorados por feras mitológicas." (BUSATTO, 2003, p.26)

O povo africano, que está nas raízes formadoras da população de nosso país, contribuiu profundamente com a nossa trajetória linguística e cultural. A esse respeito, segundo afirma o pesquisador Gilberto Freyre, negros anônimos preservaram histórias. É o caso dos akpalô (fazedor de alô, ou conto), que tinha como profissão

recitar contos e narrar histórias pelos lugares em que passavam. “O akpalô é uma instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa de negras velhas que tinham como ofício contar histórias. Negras que andavam de engenho em engenho contando histórias às outras negras, ama dos meninos brancos.” (FREYRE, 2002, p. 386) Por meio das canções de ninar, das histórias de bichos que falavam como gente e das histórias portuguesas de príncipes, princesas, madrastas, gigantes, mouras-tortas, as mulheres preservavam histórias da tradição oral, também ao mesmo tempo iam ensinando palavras de dialetos africanos e modificando sons e formas das palavras portuguesas. De acordo com Freyre, isso dava ao vocabulário infantil “um especial encanto. O dói dos grandes tornou-se dodói dos meninos. Palavra muito mais “dengosa”. Assim a sonoridade da nossa língua adquiriu proximidade com os idiomas e dialetos dos povos do continente africano”. (CASTANHA, 2001)

Os registros de contos populares no Brasil foram realizados por viajantes, antropólogos e folcloristas. Entre eles figuram Silvio Romero e Câmara Cascudo, considerado grande ouvinte das histórias que o povo contou. Cascudo conviveu durante 38 anos com uma grande contadora de histórias, uma valiosa fonte da literatura oral, humilde descendente de lavradores que não sabia ler nem escrever. Luiza Freire, ou simplesmente “Bibi”, foi ama de Cascudo até o fim de seus dias. Alguns dos livros em que estão registradas as histórias que o povo contou a Câmara Cascudo são: “Lendas brasileiras, Contos tradicionais do Brasil, Histórias que o tempo leva, Antologia do folclore brasileiro, Trinta estórias brasileiras e Literatura oral no Brasil (BUSATTO, 2003).

Hoje, com a valorização do livro infantil pela nossa sociedade capitalista e o mercado livreiro se estabelecendo como artigo de consumo rentável, surgem também os contadores de histórias profissionais, pessoas preocupadas em narrar os textos de forma atrativa e criativa, cuja justificativa a princípio seria incentivar e influenciar no interlocutor o gosto pela leitura.

Como sabemos e não podemos ser ingênuos, nem sempre os objetivos dos contadores de histórias de hoje têm os mesmos propósitos dos *griots*, ou das velhas contadoras que outrora foram tão importantes para a formação cultural de tantos povos. Entretanto, é importante saber que não devemos generalizar porque nem todas as intenções são mercadológicas e, apesar dos equívocos de alguns, existem aqueles que, ao contarem histórias, se concentram nos aspectos pedagógicos e interagem com os ouvintes fazendo uma reflexão nos aportes culturais e lúdicos das narrativas.

Inquietam-se com as possibilidades de mediação no processo de formação de leitores críticos na construção da cidadania. Conhecem a importância da arte na construção de valores. Compreendem a riqueza e a complexidade de um texto literário, sua motivação estética e o discurso subjetivo. Por fim, optam pela poética ao invés de valorizarem apenas como recurso utilitário.

Hoje, entre os educadores que lidam com a tarefa de formar cidadãos críticos e sujeitos de sua aprendizagem, é cada vez mais importante saber como se estabelecem essa relação dos contadores de histórias com os textos escolhidos. Qual a intenção pedagógica, social, cultural e até mesmo pessoal das histórias narradas em salas de leitura e nos mais variados ambientes sócio-educacionais.

Contar e escrever histórias para crianças sempre teve um propósito. Não é uma ação ingênua, ético-politicamente falando. O ato de ler e contar histórias colabora com o acesso a várias linguagens, amplia o imaginário e as possibilidades de pensar dos leitores. Algumas vertentes históricas e sociais permitem entrever significações morais e pedagógicas como representação dos valores da sociedade, enquanto a vertente psicológica tem relação com os mistérios da alma humana e a vertente literária apresenta toda a capacidade criativa e imaginativa do artista, as narrativas geralmente apresentam como eixo gerador uma problemática existencial ou uma problemática social que, através de atitudes humanas, se confrontam com o desejo de autorrealização.

Esse tema não se esgota aqui. A literatura infantil não deve ser pensada apenas como uma atividade divertida, sem nenhuma intenção ideológica ou educativa. Para dar maior sustentação a qualquer argumentação no sentido de esclarecimento e justificação a esse trabalho, o próximo tópico vai mostrar como se deu e quais as considerações encontradas na pesquisa de campo.

### 3.3 Rádio Kaxinawá

A Rádio Kaxinawá, como afirma Mauro Costa<sup>10</sup> (2011), não surgiu de maneira imediata como um projeto pedagógico curricular, mas sim após a participação do professor na segunda versão de um evento dedicado à “educação da escuta.”<sup>11</sup> Em convênio com os Seminários de Música Pro-Arte e Centro de Educação Ambiental de Meio Ambiente da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, foi uma ideia agenciada pela educadora Musical Cecília Conde<sup>12</sup>, no ano de 2000.

“Outros modos de lidar com o som e a música” tem como tradicional inventora Cecília Conde, inspirada pelo trabalho de Murray Schafer, compositor canadense. Estudioso que ainda nos anos 70 iniciou junto com seus alunos do Departamento de Comunicação da Simon Fraser University, na cidade de Vancouver, um estudo que viria a ser uma nova área da Ecologia: a “ecologia acústica”. É um estudo que tinha como principal objetivo, ao documentar o ambiente sonoro da cidade de Vancouver, recolher dados com a finalidade de estimular uma consciência a respeito do estado doentio no qual se transformava o ambiente sonoro nas grandes cidades.

Schafer inventou o conceito de “paisagem sonora”, que além de instrumento de pesquisa da ecologia acústica, se tornou um novo gênero na música do século XX. Inspirado em Schafer, como afirma Mauro Costa, o projeto de fazer Rádio se integrava tanto com a leitura da ecologia acústica como com a ideia da educação sonora e da estética das paisagens sonoras.

Ao coordenar o Mestrado em Música com Janete El Haouli e Regina Porto, aconteceu o primeiro contato com a área de pesquisa em rádio, rádioarte, rádio experimental, radiodrama, e todo um espaço da linguagem radiofônica que se tornou uma apaixonante descoberta de Mauro Costa.

Nesse mesmo período, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense saía do centro de Duque de Caxias e passou a ocupar um CIEP em Vila São Luís, bairro periférico com uma população socioeconomicamente bastante homogênea.

---

<sup>10</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, 2011.

<sup>11</sup> *ESCUITA! - Um abraço Sonoro na Cidade*

<sup>12</sup> Cecília Conde participou desde jovem de projetos inovadores na área de Música; inicialmente com Liddy Mignone, reinventora do ensino de música para crianças, no Conservatório Brasileiro de Música. Cecília criou o primeiro curso de Musicoterapia, no CBM, no início dos anos 70; e foi junto com Darcy Ribeiro, em sua *Secretaria Extraordinária de Programas especiais*, a inventora do campo da “animação cultural” nos CIEP’s.

Então, em 2001, iniciava-se como projeto de extensão, o Laboratório de Rádio Experimental, Educativo, Comunitário em Bairro do Município de Duque de Caxias, com apoio e colaboração da Associação de Moradores de Moradores de Vila São Luís que, na época, tinha dona Paula Moutinho como presidente. A ideia da criação de uma rádio para o bairro, associada à UERJ, foi bem recebida por Dona Paula, que colaborou fazendo contato com diversas entidades do bairro: Ministério dos Cavaleiros de Cristo; a Igreja Evangélica Boas Novas; um grupo espírita; a colônia de pescadores do Porto da Chacrinha; União da Juventude Socialista (jovens do PCdoB; o Movimento Revolucionário Hip Hop de Vila São Luís; o Pré-Vestibular Comunitário de Vila São Luís. Ao grupo associou-se também o Centro Acadêmico Henfil, da FEBF/UERJ e o Laboratório de Rádio. Esse grupo criou a Associação Comunitária de Educação Comunicação e Cidadania de Vila São Luís, a ONG com responsabilidade administrativa sobre a Rádio Kaxinawá. COSTA (2011)

A Associação de moradores passou a ser o ponto de encontro de todos estes grupos, que se reuniam aos sábados, durante os encontros que eram gravados para acervo do movimento. A Rádio Kaxinawá representava, dentro da faculdade, sobretudo, um espaço de fruição artística. As características que compunham os diferentes indivíduos que faziam parte das reuniões eram completamente distintas. Imagina em um espaço reduzido, tendo no máximo sessenta metros quadrados, acomodando pessoas com aspirações religiosas, político, social e de gêneros diferentes, discutindo a respeito do fazer Rádio. Por diversas vezes, observávamos o professor Mauro divagando, perdido em pensamentos que pareciam estar longe dali. No entanto, ele fazia inferências que nos faziam compreender seus objetivos criativos e o quanto era importante a participação daqueles indivíduos díspares na construção de uma Rádio comunitária. Em nossas reuniões quinzenais na Associação, dona Paula, uma senhora de meia idade com olhos azuis muito expressivos que brilhavam quando falava a respeito da função que exercia com orgulho na Associação de Moradores da Vila São Luís, impactava nosso imaginário. Ela certamente, em sua escolarização, não tivesse completado o Ensino Fundamental. No entanto, relatava com desenvoltura fatos da comunidade e sabia elencar exatamente quais políticas públicas seriam necessárias para garantir aos moradores de seu bairro uma vida digna. Havia chegado ao bairro muito nova, conhecia grande parte das pessoas que povoavam as ruas. Referia-se sempre com muita preocupação a respeito dos moradores que habitavam a parte posterior do morro onde ficava a Associação. Era

um conglomerado de construções sem nenhum planejamento urbanístico; algumas residências eram feitas de madeira. Uma colada às outras para aproveitar a parede do vizinho que, na sua maioria, eram parentes, nordestinos egressos de sua terra natal vindos em busca de uma vida melhor ou empregos; esses iam se aglomerando em moradias totalmente improvisadas. Algumas pessoas analfabetas ou com baixíssima escolaridade, sem empregos formais, vendiam balas nos meios de transporte locais e, por vezes, sobreviviam como catadores de lixo no aterro sanitário que ficava próximo. Famílias numerosas, as crianças eram cadastradas por dona Paula que ia de casa em casa para orientar as mães a fazerem planejamento familiar e vacinar as crianças. A associação dispunha de plantões com um pediatra, atendente de enfermagem e um clínico que dava encaminhamentos para a maioria das vezes em que era necessária consulta a outras especialidades médicas. As mães também eram orientadas a buscarem vagas para seus filhos no CIEP 098 Professora Hilda do Carmo Siqueira, que ficava bem próximo da comunidade, à beira do valão; ou um pouco mais à diante, em frente a Associação, no Colégio Estadual Lia Marcia Gonçalves Panaro. Dona Paula nos dava aulas de política partidária. Era militante de um partido político que fazia oposição ao do chefe executivo de nosso município. Ela relatava com riqueza de detalhes o desespero das pessoas quando caía chuva forte, principalmente as chuvas torrenciais no verão. Apesar de haver coleta de lixo na comunidade, os moradores jogavam grande parte de seu lixo domiciliar no entorno do valão, então com excesso de água e sem escoamento, o lixo se acumulava, impedindo a água da chuva de passar na manilha, retornando para dentro das casas no entorno do valão, o que obrigava as pessoas a saírem de suas casas, algumas com mais de cinquenta centímetros de água em seu interior. E, no dia seguinte, era a mesma rotina, jogar fora o pouco que tinham e lavar suas paupérrimas residências. A Associação fazia aí sua função de agente comunitária, para buscar doações de roupas, móveis e até mesmo alimentos para socorrer os atingidos com a enchente. Fazia abaixo assinados, solicitando às autoridades locais medidas de prevenção, como limpeza do valão e/ou o manilhamento completo para evitar que o lixo fosse levado para dentro do valão. Lutava em seu espaço de voz para garantir a resistência aos politiqueros que só procuravam a Associação de Moradores em momentos de campanha política para eleições de seus cargos eletivos. Nós ouvíamos suas histórias e tentávamos construir nossas próprias, explorávamos aquele contexto que muito

enriquecia nossa formação e também proporcionava outra perspectiva de produção artística para nossos programas de rádio.

O professor Mauro Costa e grande parte dos alunos ouviam essas histórias com muita perplexidade, visto que não moram nesse bairro tampouco nesse município. Para pessoas que moram na zona sul do Rio de Janeiro ou em bairros mais urbanizados fica difícil compreender como um município com arrecadação tributária tão grande como a do município de Duque de Caxias não consegue desenvolvimento social. Claro que sabemos que as enchentes em períodos do verão carioca não atingem apenas o bairro Vila São Luís, quiçá apenas o município de Duque de Caxias. Os bairros mais nobres também sofrem com as ruas alagadas, quedas de barreiras, no entanto, as disparidades sociais dentro de um município com tantas possibilidades econômicas não são aceitáveis. Não há políticas públicas sérias desenvolvidas no atendimento do povo deste município.

Nossa participação nessas reuniões nos fazia enxergar a importância daquele grupo que compunha a nossa rádio. Pessoas simples com histórias de vidas muito ricas porque representavam parte de um contexto que estava no entorno de nossa faculdade e, querendo ou não, influenciavam e eram influenciados por nós. Faziam parte de um processo que também vivenciávamos. Acabamos dando mais ênfase aos relatos de dona Paula porque suas histórias tinham mais a ver com o contexto social e as mazelas de nossa sociedade excludente.

Porém, há um outro ponto que também nos inquietava durante e após as reuniões: o pastor falava pouco, estava sempre preocupado com a grade de programação da rádio para saber quais eram seus horários e quantos programas poderia fazer para atender aos seus fiéis. O pai de Santo demonstrava sempre a mesma preocupação que era muito comum a todos nós: como fazer o programa e como lidar com aquelas ferramentas necessárias à produção de um programa de Rádio. O professor Mauro sempre orientava com muita paciência e, para ajudar nesse aspecto, tinha sempre a sugestão de um aluno que dominava bem os instrumentos para acompanhar os menos habilidosos. O pai de Santo era uma pessoa muito espirituosa e transmitia leveza em suas colocações. Havia muito respeito entre os participantes, não se polemizava em relação as religiões ali representadas. Era algo muito interessante observar o diálogo do nosso professor Mauro com o pastor, levando em consideração que ele é ateu. E o pastor, por mais que tentasse respeitar o espaço como um locus de criação de programas para uma rádio comunitária,

acabava vez ou outra professando sua fé e falando de sua religião. Contudo, a grande preocupação de todos era ocupar aquele espaço e aprender a lidar com demandas do fazer Rádio. Aprendemos bastante refletindo a esse respeito, como um pastor, um representante de uma religião afrodescendente e um ateu com concepções de mundo tão diferentes conseguiam ocupar o mesmo espaço cujo objetivo era o mesmo levar a comunicação de maneira criativa a uma mesma comunidade. Mas acreditamos que o propósito de nosso professor era justamente nos mostrar as possibilidades infinitas dos meios de comunicação. E sendo a Rádio Kaxinawá uma rádio comunitária inserida em espaço acadêmico não poderia deixar de dialogar com essas pessoas. Não poderia deixar de dar voz e lugar de fala para esses indivíduos.

Uma outra atividade importante a ser destacada foi a “oficina de voz”, ministrada pelo ator e diretor teatral Gilson Moura, com experiência de teatro de rua em comunidades e que também dava oficinas de teatro na FEBF. O objetivo do “curso de locução radiofônica” era permitir o desenvolvimento espontâneo da expressão oral, com a voz que cada um tem, evitando a homogeneização que caracteriza a locução radiofônica corrente.

Após as oficinas em que se faziam exercícios de voz, própria da preparação de atores, vinha a segunda parte que consistia em gravação de debates com temas de interesse do grupo, como exemplo debate sobre a questão das drogas, do funk, dificuldades da educação escolar para alunos do Ensino Médio e responsáveis por crianças na escola. O primeiro programa de rádio que foi ao ar resultou da edição do debate sobre a questão das drogas, na Rádio Onda Livre (FM 95,3) comunitária, em São João de Meriti, parceira nas atividades do Laboratório COSTA (2011).

As oficinas com a Associação de Moradores iam sendo realizadas e, ao mesmo tempo, outras ações para concretizar a instalação da rádio foram necessárias, como o projeto de pesquisa em Rádio junto à Sub-Reitoria de Pesquisa da UERJ. O professor Mauro pediu auxílio de pesquisa à FAPERJ para compra de equipamento de rádio e foi formalizado o grupo de pesquisa de rádio na FEBF, com os estudantes que participavam dos encontros na Associação de Moradores e outros interessados, dentre os quais a autora deste trabalho. Para dar sustentação mais formal à atividade, deste grupo saíram os primeiros bolsistas de Extensão e de Iniciação Científica dos projetos de Rádio COSTA (2011).

Neste momento inicial, parcerias eram muito bem vindas, como o apoio de Wallace Hermann, ativista do movimento pelas rádios comunitárias que trabalhava em

um projeto junto à Rádio Bicuda, uma comunitária do bairro de Vila Kosmos, associada à ONG Bicuda Ecológica.<sup>13</sup> Wallace adquirira equipamento para produção de rádio a partir de verba para desenvolver programas radiofônicos comunitários em campanha do Ministério da Saúde e UNESCO, do Programa Nacional de Combate as DST/Aids. Tal equipamento passou a ser compartilhado conosco, inclusive o programa sobre drogas que editamos.

Para ganhar mais experiência na produção, criação e edição em rádio, o professor Mauro Costa passou a fazer um programa junto com Wallace para a Rádio VivaRio.<sup>14</sup> A Rádio VivaRio, da ONG VivaRio, era uma webradio e atuava na articulação das rádio comunitárias do Grande Rio, projeto desenvolvido por Tião Santos<sup>15</sup>.

A brincadeira de fazer rádio, como diria o professor Mauro, se concretiza com a chegada do equipamento financiado pela FAPERJ. Inventar programas, discutir formatos, experimentar com as linguagens que o haviam conquistado lá atrás se realizava nas gravações sonoras dentro da faculdade, com a participação dos alunos da FEBF, que são oriundos de vários bairros da Baixada Fluminense, inclusive de outros bairros do Rio de Janeiro. Marcelo Anarquia nos apresentava, por exemplo, o som de hip hop dos grupos da baixada. E outras rádios comunitárias eram contatadas e visitadas para enriquecer os conceitos e alargar os horizontes a respeito de fazer rádio comunitária.

Ao começarmos as transmissões, foi necessário procurar um eletro artesão de transmissores de rádio. Então Seu Jorge, o mesmo que construiu o transmissor da Bicuda, foi contatado para fazer o serviço. A compra e a instalação do transmissor e da antena foram financiadas pela direção da FEBF. A contratação de dois operadores de áudio foi possibilitada pela ajuda financeira da FASE<sup>16</sup> providenciada por Dona Paula. Assim, durante seis meses trabalhando ao lado desses técnicos, os nossos programadores aprenderam a operação de áudio e esse aprendizado se multiplicou no cotidiano do nosso fazer rádio. A esse respeito, acrescenta Mauro Costa (2011):

---

<sup>13</sup> Organização local que desenvolvia um programa ambiental de recuperação (reflorestamento) da Serra da Misericórdia.

<sup>14</sup> O *Nonsense Jazz Clube* ou *Nonsense Radio Clube*.

<sup>15</sup> Tião Santos foi o fundador da Rádio Novos Rumos, em Queimados, Baixada Fluminense, primeira referência das rádios livres - futuramente comunitárias -, em 1990. Funcionava no quintal de sua casa, com a participação de um grupo de amigos rádio-ativos. A rádio existe até hoje – agora com concessão do MinCom, naturalmente.

<sup>16</sup> FASE – Federação dos Órgãos de Assistência Social e Educacional - Organização não-governamental voltada para a promoção dos direitos humanos, da gestão democrática e da economia solidária.

E fizemos a primeira reunião de programação, com os participantes comunitários de Vila São Luis, junto com alunos, professores e funcionários da FEBF. Marcelo Anarquia – DJ e grafiteiro – com o seu *Hip Hop na Veia* (começou e continua até hoje no ar), o Francisco com sua *Música Nordestina*, a Dona Paula com o programa da Associação de Moradores; o Adonis, jovem universitário de origem marroquina que fundou o Pré-vestibular Comunitário; os Projetos de Pesquisa da FEBF, como o *Ideia de Cultura Brasileira*, do Prof. Mauricio Rocha e o de *Políticas Públicas*, das Profas. Gilcilene Barão e Alzira Batalha, com seu programa; o *Quinta Dimensão*, inventado pelo Prof. Henrique Sobreira, entrevistando pesquisadores científicos de todas as áreas, da UERJ e de outras universidades (ainda no ar); o *Díspora*, da nossa pedagoga Zene Santarosa e sua equipe militante do Movimento Negro (ainda no ar); mas também o *Paisagens Sonoras* do Alexandre Fenerich, mestrando em Música na UFRJ, tocando música eletroacústica, paisagens sonoras e outros eruditos contemporâneos; e os programas dos alunos, variando, alguns por um ou dois semestres, outros por vários anos, como o *Zona Fantasma*, do Sandro e do Wally, que tocavam o rock de garagem de todo o Brasil. (COSTA, 2011, p. 528-529)

Não temos a pretensão de “cartografar” todo o processo de construção do ensino de rádio exatamente como aconteceu na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ), apenas apresentar, parcialmente, a trajetória da rádio comunitária que foi instalada nesta faculdade, pelo Laboratório de Rádio sob a orientação do professor Mauro José Sá Rego Costa e a experiência que deu origem a esse trabalho: o programa de contação de histórias *A Caixa da Carochinha*.

A principal dificuldade encontrada pelos alunos quando iniciam a participação no projeto de pesquisa do laboratório de rádio é percebida no momento da produção dos programas, pois alguns nunca tinham sequer entrado em um estúdio de Rádio. Outra seria o receio da exposição, os meios de comunicação de massa criam modelos que se configuram como ideais, criando barreiras nos indivíduos comuns. A maioria se sentia fora dos padrões que são estabelecidos pelas rádios comerciais, esteticamente falando.

A produção radiofônica em questão tem como direção principal o desenvolvimento de novas possibilidades de narrativas sonoras no rádio, um campo de testagem de experiências de comunicação radiofônica que atua, por si mesmo, como rádio-educação; isto, tanto em uma programação experimental desenvolvida por esta equipe, quanto através do acompanhamento à produção desenvolvida pelos demais grupos da rádio comunitária. A rádio funciona para os alunos da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense que fazem as disciplinas Rádio I e Rádio II como laboratório para prática de atividades propostas nas aulas. O fundamento teórico é a

abordagem sonoro-política presente no conceito de ritornelo, de Deleuze e Guattari. O objeto desse estudo é a experiência da escuta, especialmente da escuta radiofônica, ou a exploração e a compreensão de possibilidades da experiência da escuta e do rádio em direções determinadas na educação e no estímulo ao desenvolvimento comunitário. Relatamos o processo pelo qual este tema se constituiu como objeto de pesquisa para nós; e as primeiras experiências e os planos de uma rádio comunitária-universitária desenvolvida com base nesses pressupostos teóricos.

### 3.4 O que foi realizado

A Rádio Kaxinawá tem, com sua programação, promovido a participação dos alunos da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, integrando a comunidade da Vila São Luís e levando aos seus ouvintes, através de sua programação, a consciência da importância dos meios de comunicação na disseminação da cultura e as falas dos mais diferentes atores sociais, fazendo-se presente nos mais diversos eventos da faculdade ao procurar informar e contribuir na formação dos alunos que participam dessa pesquisa. Como a Rádio Kaxinawá tem uma programação diária e conta com os programadores para produzirem e fazerem a transmissão de seus programas, a maioria teve que aprender a lidar com seus equipamentos. Alguns programas são transmitidos ao vivo, outros são gravados em CDs pelos que dispõem de computador.

A Rádio Kaxinawá, nesse momento, conta com a seguinte programação: entre outros, o *Matemática Musical*, do Felipe Viana, estudante de Matemática; o *Bora Caxias*, do Henrique Silveira, que já está no Mestrado, e continua divulgando as produções e produtores culturais de Caxias; o *Vulva Fúcsia* (todas as cores da feminilidade) da Nyh! Marinho, cujo programa de 8 de julho, "Mistérios da Língua: Sexo Oral", foi censurado em sua página no Facebook; o *Planeta Macarrão*, do Murilo, Anoberto e Jonathan, dois produtores musicais e um engenheiro nuclear; o *Conexão África*, de Stephanie Malherbe, advogada francesa morando no Brasil, que mostra toda a música africana atual (e faz, como voluntária, um grupo de estudos com aluno(a)s da FEBF sobre músicas e culturas africanas); e o *Grupo de Estudos*

*Deleuze*, um grupo de estudos de Filosofia (da filosofia de Deleuze e Guattari) orientado pelo professor Mauro Costa, com a participação de alunos do Mestrado.

Tendo em vista o espírito libertário da rádio, que nasceu da marca de transversalidade do início de seu movimento com os encontros e trocas possibilitados, limites e fronteiras sociais foram revistos, ignorando-se as relações hierárquicas presentes nas instituições, como uma escola e até mesmo uma faculdade. Nas assembleias, não há hierarquia entre professores, alunos, funcionários da FEBF e participantes da comunidade. Todos têm o mesmo direito de voz, de fazerem suas propostas, apresentarem e discutirem seus projetos. A respeito deste tipo de (des)organização, declara Mauro Costa:

O modelo deste tipo de (des)organização remete imediatamente ao que Felix Guattari e Jean Oury criaram no projeto da clínica psiquiátrica comunitária de La Borde, a primeira experiência de "hospital comunitário" (fundada em 1955). Psiquiatras, enfermeiros, funcionários, administrativos e pacientes organizavam juntos, em assembleias, as atividades, os serviços, a vida da clínica, incluindo, além dos espaços terapêuticos, as atividades administrativas, a cozinha, as hortas (a clínica fica numa fazenda) - todos atuando em todos os campos - e grupos de atividades variadas, grupos de criação artística em música, teatro, artes plásticas, grupos de estudos, esportes...<sup>18</sup> Havia grupos de estudos para qualquer assunto onde surgisse uma demanda e um número de interessados. Chegou a haver um grupo de estudos de "Brasil", num período em que vários médicos estagiários brasileiros estavam lá e muitos ficaram interessados em saber mais sobre este "lugar". (COSTA, 2011, p. 530)

O mesmo autor continua a se referir ao modelo de um grupo que desenvolve sua criatividade a partir da diversidade dos indivíduos que o compõe, fazendo a seguinte citação:

Lidar com paradoxos sempre foi próprio das artes: o lugar da criação como zona de indiscernibilidade; fazer surgir as nuances, as tonalidades, os devires, a partir do que antes só se percebe bruta e opoção; romper as oposições prontas na lógica, como na sociedade ou nos afetos; ou, de modo aparentemente inverso, fazer surgir diferenças onde antes há o indiferenciado. Augusto Rodrigues é um "teórico da arte" muito especial ao fazer a leitura das diferentes tonalidades dos discursos e dos fazeres de artistas, cientistas, jornalistas, poetas ou técnicos de futebol e propor juntá-los a educadores e psicólogos, no CIAE, não em função de convergências prévias, mas dos paradoxos que eles compõem; dos jogos, da invenção, dos possíveis, que sua justaposição provocará na experiência (criadora) dos alunos. (COSTA, In Capt.III, 1994, apud COSTA, 2008)

Por essas aspirações e inspirações, a percepção de toda potência pedagógica que fluía das atividades realizadas, em 2002, Mauro Costa propôs a inclusão do rádio como disciplina ou disciplina eletiva na grade curricular da FEBF.

Para que as duas disciplinas fossem incorporadas à grade disciplinar ( Educação e Comunicação: Rádio I e Educação e comunicação: Rádio II), foi necessário criar suas ementas, programas e a bibliografia. Como ementa da Educação e Comunicação: Rádio I, formulada pelo professor Mauro Costa :

O caráter próprio do rádio – a experiência auditiva – as variedades da experiência da escuta. Narrativa musical e narrativa sonora. Música e socialidade – o conceito de ritornelo. O ritornelo e a construção do socius. As diversas explorações dos territórios constituídos pelo uso experimental e criador do rádio desde o início do século XX. Rádio, Política e Educação. A experiência europeia (Itália e França) nos anos 70. A experiência brasileira atual. Práticas de estúdio para o desenvolvimento de produção radiofônica básica.

E para Educação e Comunicação Rádio II :

As paisagens sonoras como recursos de linguagem. Produção de programas de rádio experimentais, explorando novas narrativas sonoras. O campo teórico da exploração experimental do rádio – rádio-arte e rádio experimental. Experiência de utilização das novas linguagens em programação para as rádios comunitárias.

Como afirma Costa (2011), essas ementas são apenas roteiros hipotéticos, podendo sofrer alterações de acordo com a composição das turmas, visto que, a cada semestre, se formam diferentes grupos. Em algumas turmas estão incluídos alunos que já participam da programação da rádio, misturados a outros que nunca participaram de um estudo como o proposto pela disciplina Rádio. Assim, os conteúdos e os modos de trabalhar vão se refazendo no desenvolvimento da prática. Para alguns, inscrever-se na disciplina é apenas uma maneira de cumprir os créditos exigidos para a formação e a disciplina se adequa a sua composição de carga horária.

Contudo, essa realidade vem se modificando em consequência de um grupo de professores que enfatizam a necessidade de inclusão das tecnologias de comunicação na formação de docentes em nossa sociedade contemporânea. Com a incorporação à Faculdade de outros professores com formação em Comunicação, equipamentos para uso destas linguagens, como a criação de um estúdio de televisão e a incorporação de uma televisão transmitida ao vivo pela internet (IPTV), além do Laboratório de Informática, resultou em novas disciplinas introduzidas à grade disciplinar: Multimídia e Educação I e II; Cultura da Interface I e II; Tecnologias Informáticas e Educação; e Cibercultura e Produção de Subjetividade I e II.

Essa inovação na formação e educação tem contribuído para o estímulo e o empenho de uma parcela de alunos apaixonados por essas linguagens e tecnologias de comunicação. Isto se configura nas atividades apresentadas na utilização crescente da convergência de mídias, como nos programas de rádio que criam seus próprios blogs, e a incorporação de vídeos, como linguagem complementar ao material em texto e áudio Costa (2011).

O professor Henrique Sobreira foi responsável pela utilização do vídeo e a criação da IPTV por demonstrar interesse em transmitir em vídeo os programas do “Quinta Dimensão”, gravando-os com a presença dos alunos no auditório, ao invés do estúdio da Rádio. Com o auxílio financeiro da CAPES, e a entrada da professora Alita Sá Rego, doutora em cinema e televisão, foi definida a compra de equipamentos e iniciada uma formação específica em produção televisiva para os alunos. Um dos programas que também tem seu próprio blog para transmissão dos programas em vídeo é o “Quinta Dimensão” Costa (2011).

A respeito da convergência de mídias na Faculdade de Educação acrescenta Costa (2011):

A convergência de mídia se completa com o Canal Interativo Kaxinawá – web rádio e vídeo -, na verdade uma rede de relacionamento da FEBF, criada por um ainda estudante do nosso mestrado – Carlos Alexandre Moraes – [www.febfuerj.ning.com](http://www.febfuerj.ning.com) -. Ning é uma plataforma gratuita para a criação de redes sociais. Febfuerj.ning, servindo igualmente para a hospedagem de canais para transmitir a Rádio Kaxinawá – webradio - e a IPTV Kaxinawá, foi uma saída *hacker* para dar a volta na recusa do Departamento de Informática da Universidade em transmitir a rádio, com a justificativa de que prejudicaria a rede de transmissão da Faculdade, ocupando muito espaço em nossa não tão larga banda larga (de 10 Mb). Assim, tanto a rádio como a rede social são administrativamente independentes da Universidade. (COSTA, 2011, p.533)

Toda atividade e esse movimento a partir do uso de mídia e das TIC's na Faculdade envolve um processo afetivo e cooperativo entre alunos, funcionários e professores, além da articulação originária com a comunidade do bairro, caracterizando essa nova forma de trabalho e produção que “vem sendo discutida desde o final dos anos 90, por teóricos políticos italianos e franceses como Franco Berardi, Antonio Negri, Maurizio Lazzarato e outros” (COSTA, 2011, p. 534). A partir daí criou-se o conceito de “trabalho imaterial” (LAZZARATO; NERI, 2001, p.26-27). .

A participação de alunos do curso de Pedagogia que atuam como bolsistas na pesquisa do Laboratório de Rádio tem contribuído no enriquecimento de sua formação

acadêmica posto que a faculdade pública se sustenta no tripé ensino, pesquisa e extensão.

#### 4 CONTANDO HISTÓRIAS NO RÁDIO

A contação de histórias na rádio Kaxinawá e o programa Caixa da Carochinha tem início com a nossa participação como bolsista no projeto de laboratório de rádio.

Para produzir um programa foi necessário repensarmos nosso posicionamento diante dos sons e da escuta e considerarmos a alternativa de trabalhar no sentido de uma resensibilização da escuta, através das pesquisas sobre uma proposta de rádio diferente. A princípio, foi necessário conhecer os fundamentos filosóficos de uma pesquisa teórico-conceitual sobre o rádio como veículo, explorar o potencial de linguagem radiofônica pouco experimentada e a função da rádio como instrumento educativo e no desenvolvimento comunitário.

Consideramos que a rádio, ao ser criada, de acordo com Murray Schafer (2008), possibilitou dois modelos de transmissão: o modelo político e o iluminista, dentro de um projeto democrático de comunicação. Posteriormente, os estilos de programação se homogeneízam em função dos interesses e das estratégias capitalistas de dominação e controle de massas, surgindo a rádio comercial, modelo dominante na atualidade, servindo como disseminador dos interesses da classe hegemônica.

Em contrapartida, surge a rádio comunitária, que se baseia em proposta de transmissão radiofônica com outro posicionamento diante dos sons e da escuta, significando o rádio como um disseminador cultural. Isso se materializa com uma rádio comunitária funcionando em um ambiente acadêmico, e ao mesmo tempo articulada com a comunidade local, difundindo e organizando uma produção sonora de criação artística, política e social.

Essa pesquisa se constituiu, em prática, na produção de um programa de Rádio, a Caixa da Carochinha, que era transmitido inicialmente todos os dias, posteriormente de terça a sexta-feira. Nesse programa, era feita a narrativa de histórias infantis. Os programas eram gravados em CD, com a utilização dos programas Sound Blaster 16 e Easy CD Creator. As narrativas eram feitas de forma criativa para despertar o interesse e a atenção dos ouvintes.

Ao iniciar a participação no projeto de pesquisa de rádio, não tínhamos ideia do que seria um estúdio de rádio ou mesmo de como se produziam os programas. O primeiro desafio foi entender um pouco os procedimentos técnicos elementares de

uma transmissão radiofônica. A proposta do projeto de uma rádio comunitária que não se baseia nos moldes das rádios comerciais nos trouxe um pouco de tranquilidade porque não há uma preocupação em se imitar o que já foi feito por outros programas e sim dar espaço para o desenvolvimento da criatividade.

Ao pensar na produção de um programa na rádio, escolhemos o tipo com o qual nos identificamos: histórias para crianças. Como nunca tínhamos feito nada parecido, buscamos mais conhecimentos e informações a esse respeito, fazendo um curso para aprender como os contadores de histórias realizam esse tipo de atividade, para as narrativas se tornarem mais atrativas. Ficou claro que, apesar de alguns seguirem certo padrão, a maioria desenvolve seu próprio estilo. Então, iniciou-se a produção dos programas em um computador e a gravação em CD. A produção dos programas transformou-se em um trabalho muito prazeroso. Ao fazer a leitura das histórias, desenvolvíamos estilo próprio de contá-las. Em algumas é feita uma narrativa simples, sem mudanças na voz, já em outras são feitas mudanças no tom da voz para cada um dos personagens, colocamos os sons de sonoplastia, usando, enfim, recursos disponíveis.

Contando histórias na rádio, nos apropriamos de duas manifestações artísticas, Literatura e Rádio; ambas utilizam a “palavra”, o que se tornou motivo de nossa indagação. Na prática com as séries iniciais, percebemos a grande dificuldade, hoje, em se formar o aluno leitor. Ler e escrever são correlatos, não são inatas como a capacidade de falar comum à espécie “sapiens”. Parafraseando La Fontaine, “*A Literatura, desde que não falte muita fantasia, é uma maneira suave de despertar consciências.*” O grande desafio está em se fazer a ponte entre a palavra falada e a escrita. Despertar o gosto pela leitura como instrumento de uma prática educativa libertadora tem sido motivo de nossas reflexões. As histórias contadas para crianças, sejam os clássicos ou contemporâneos, trazem um cunho didático e/ou pedagógico e não foram criadas apenas para o divertimento; são discursos e relatos históricos com intencionalidade e implicações. Participar dessa pesquisa nos remete a momentos de profunda reflexão e nos faz ampliar a concepção a respeito da importância de uma leitura crítica, seja ela feita em qualquer texto.

Contar e escrever histórias para crianças não é uma atividade ingênua, muito menos apenas prazerosa. O ato de ler e ouvir histórias nos proporciona o acesso a várias linguagens, ao ideário e imaginário de autores e interlocutores, tem enriquecido

e influenciado várias gerações, além de ampliar conceitos culturais, criando e recriando a realidade.

Durante todo o percurso do programa Caixa da Carochinha, procuramos ser o mais ecléticos possível. Foram narrados desde os clássicos contos de fadas, contos populares, aos mais variados livros de autores contemporâneos.

Fazer o programa Caixa da Carochinha, que a princípio demandou muita inquietação por conta de ser parte de um programa de iniciação científica, aos poucos foi se tornando algo muito satisfatório. Vale destacar que nem sempre havia tempo para produzir os programas no estúdio da rádio. O programa era veiculado todos os dias e não poderia ser nos momentos das aulas, afinal não é esse o objetivo de um projeto de pesquisa. Talvez seja por esse motivo que grande parte dos alunos da classe trabalhadora não consegue conciliar, na sua formação, a participação em um projeto de pesquisa.

No entanto, estar trabalhando em sala de aula com crianças era um dos principais objetivos para ludicidade do contar e ouvir histórias. Como os programas eram gravados em CDs, poderiam ser levados às salas de aulas para que os alunos ouvissem. Sobretudo porque o alcance das ondas de uma rádio comunitária não era longo. Quando o rádio era ligado na sala de aula, as crianças ficavam atentas e ao perceberem que a voz que saía do aparelho era a mesma da professora presente na sala, então, era muito interessante para elas. Para alguns, era extremamente complicado entender isso. Principalmente os alunos das turmas de Educação Infantil. Mas logo se acostumavam e gostavam da proposta. Era sempre muito gratificante observar a reação das crianças diante do ato de contar e ouvir histórias, por mais inquietas que fossem sempre se conseguia prender a atenção delas.

Em uma das escolas na qual foi desenvolvida parte da pesquisa, as crianças ficavam ansiosas pelo momento da contação de histórias no rádio. Nessa escola, era comum, no momento das aulas, ouvirmos fogos e tiros e termos que parar a aula até que a situação melhorasse. Os alunos sabiam diferenciar exatamente o que eram fogos e quais os objetivos dos mesmos. Eram meninos totalmente desprovidos de um ambiente propício à criatividade e à ludicidade, no entanto se encantavam com as histórias veiculadas no rádio.

Observamos que contar histórias apenas fazendo a narrativa do texto lido agradava mais aos alunos das turmas avançadas como os alunos dos quartos e quintos anos. Para os alunos das turmas de Educação Infantil e do Ciclo de

Alfabetização era interessante fazer um fundo musical durante a contação, ou até mesmo mudar o tom da voz para personagens como os vilões: lobos, bruxas, monstros. Fazer os sons de trovão, batidas na porta, passos, enfim. Tudo isso cria um clima diferente, gerando uma atmosfera de emoções e muitas reações de deleite nas crianças.

As produções dos programas e sua veiculação em salas de aulas eram sempre acompanhadas de uma profunda reflexão a respeito do texto lido, das reações dos alunos ao ouvirem as histórias contadas e, principalmente, qual a importância do ato de ouvir e contar histórias.

#### **4.1 Porquês:**

As ideias foram saindo do imaginário e dos estudos de pesquisa no campo da comunicação e tomaram corpo em diversos programas radiofônicos. Os alunos do projeto de pesquisa da Rádio Kaxinawá chegavam, em sua maioria, com uma concepção completamente adversa da proposta implementada pelo professor Mauro, que defendia um estilo de fazer rádio diferente dos moldes conhecidos nas rádios comerciais. A primeira preocupação surgia, geralmente, no tom de voz próprio para um radialista. Depois vinham as dificuldades em lidar com os instrumentos dentro do estúdio de rádio. Como lidar com som e controlar os ruídos, quais botões manipular para melhorar a qualidade do som. Enfim, primeiro a grande maioria dos alunos se preocupava basicamente com os aparatos técnicos e tecnológicos presente no estúdio.

No entanto, a proposta da Rádio era em relação à fruição artística, à liberdade em se tratar nos programas de assuntos que fossem relevantes para nossa formação humanística. Abordar temas que enriquecessem tanto culturalmente os alunos que produziam os programas quanto os ouvintes da comunidade. As atitudes, em nossas reuniões, tanto na Associação de Moradores quanto no estúdio da Rádio, eram surpreendentes. Éramos desafiados a testar nossos limites criativos todas as vezes que nos reuníamos, algumas vezes tínhamos em nossas mãos o microfone e éramos questionados por algum assunto que surgia na nossa roda de conversa e, naquele momento, estava sendo veiculada uma transmissão para toda comunidade. Algumas pessoas comumente falantes, quando se viam naquela posição de expor suas

concepções, demonstravam um certo desconforto. Ficava clara a importância de um meio de comunicação que leva suas mensagens para outros espaços, outros ouvidos, outras interpretações. A liberdade para o desenvolvimento criativo sem se desagarrar da pesquisa a respeito de comunicação e outras formas de fazer um programa de rádio despertava diversas atividades e temas. A criatividade de cada participante tinha o acompanhamento e orientação do nosso professor, que sabia respeitar os momentos e as ideias de cada um, mesmo quando não havia concordância com as concepções políticas, religiosas e filosóficas das propostas de programas que compunham a grade da programação de nossa rádio. Decidíamos sempre no coletivo as propostas de programas, os horários dos programas e temas tratados nas transmissões que eram veiculadas em nossa Rádio. As propostas eram discutidas, entretanto, eram respeitados todos os projetos apresentados.

O nome do programa Caixa da Carochinha precisou ser explicado, por exemplo, porque a grande maioria dos jovens que compunham a equipe de bolsistas não conheciam as histórias da Carochinha. Então, foi necessário explicar quem era a Carochinha. E o porquê desse nome associado a um programa que fazia a contação de histórias infantis, cuja narrativa se fazia a partir de títulos da literatura infantil. As histórias contadas para crianças, no nosso país, eram conhecidas como contos da Carochinha, originados pelas publicações que eram advindas da Europa, mais propriamente de Portugal.

Esse propósito se deu justamente porque, por volta dos anos de 1920, não existiam editoras em nosso país. Os livros vendidos aqui, em sua maioria, vinham de Portugal e não chegavam a grande parte da nossa população. A livraria Quaresma, nos anos de 1937, trouxe para o Brasil livros de cunho popular, edições em formato reduzido e a preços mais acessíveis. Essas ficaram conhecidas como “Edições Quaresma”. Mas, com isso, surgiu um outro desafio: as crianças brasileiras tinham dificuldades para entenderem as leituras realizadas nos livros porque a língua portuguesa falada em Portugal é diferente da nossa. Então, a livraria Quaresma contratou o escritor Alberto Figueiredo Pimentel, também cronista social do periódico Gazeta de Notícias, com a proposta de escrever histórias para crianças. Pimentel escreveu o primeiro livro infantil publicado para crianças com o título de “Histórias da Carochinha”. No livro de Pimentel, a Dona Carochinha era uma velha bondosa que contava histórias. Mas a palavra “carocha” significa “barata” em Portugal e a história

da Dona Baratinha é contada como a “História da Carochinha”, e assim os contos tradicionais infantis foram chamados de Contos da Carochinha.

Em seu livro “Reinações de Narizinho”, o escritor Monteiro Lobato apresentou uma velha baratinha que estava sempre de mau humor porque os personagens de suas histórias fugiam de suas histórias. O programa Caixa da Carochinha se remetia, justamente, à Dona Carochinha, por se tratar de narrativas da nossa Literatura Infantil, sendo o rádio, aparelho que fazemos a transmissão dos nossos programas, geralmente parecido com caixas. Esta foi uma maneira criativa de nomear os programas produzidos para nossa transmissão radiofônica. Nossa pesquisa, nesse momento, encontrava-se em seu terceiro ano e a grade de programação já era bastante diversificada. Os programas apresentados são, em sua maioria, produzidos e apresentados por alunos da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense e pessoas da comunidade da Vila São Luís. A programação não segue os moldes das rádios comerciais. Buscamos a construção de uma identidade mais próxima dos sujeitos reais, com suas especificidades múltiplas, suas potencialidades e características culturais. Os programas apresentados são, quase sempre, de cunho educativo, sem perder de vista a possibilidade do entretenimento, visando à integração da comunidade com a Faculdade de Educação e cumprindo, assim, sua função enquanto meio de comunicação que é divulgar e promover a cultura e a educação.

O interesse por esta área de pesquisa da escuta começa a se materializar com a participação do Professor Mauro Sá Rego Costa em dois eventos que podem ser tomados como marcos na formulação de sua ação em educação no Rio de Janeiro: os eventos *Escuta! Um Abraço Sonoro na Cidade*, em 1998; e *Escuta! 2000 Construindo a Paisagem Sonora da Cidade*. Ele iniciou, em seguida, o projeto de pesquisa em rádio e áudio que deu origem ao Laboratório de Rádio da UERJ/Baixada, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Desde então essa pesquisa passou por várias transformações, o estúdio de rádio foi implantado e as transmissões da Rádio Kaxinawá, a rádio educativo-comunitária, foi sendo montada pela comunidade do bairro de Vila São Luís, em articulação com o Laboratório de Rádio UERJ/Baixada.

## 4.2 Para quem

Os principais objetivos que nortearam esta pesquisa de campo foram verificar como o narrador de histórias infantis cria e/ou estimula, na criança, o gosto pela leitura enquanto lazer e fruição estética; verificar até que ponto a “contação” de histórias contribui para formação de gostos, valores atitudes, principalmente no que se refere à literatura, e, finalmente, verificar a efetividade dos programas educativos nesse sentido.

As quatro escolas onde foi realizada a pesquisa são públicas, situadas no município de Duque de Caxias, duas da rede estadual de ensino e duas escolas municipais. Quanto ao nível de escolarização das turmas nas escolas estaduais: duas turmas de quarta série, uma de terceira e duas de segunda série do Ensino Fundamental. Nas da rede municipal: duas turmas do primeiro ano do ciclo, duas do segundo ano do ciclo e duas do terceiro ano do ciclo do Ensino Fundamental. Cabe acrescentar, as professoras que inicialmente se comprometeram a participar e contribuíram com os resultados são também formandos no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense- UERJ.

A audição do programa radiofônico Caixa da Carochinha, feita nas escolas, foi organizada em quatro semanas consecutivas. As narrativas foram feitas a partir dos seguintes livros de histórias infantis:

**Menina bonita do laço de fita – Ana Maria Machado**

**Faca sem ponta galinha sem pé – Ruth Rocha**

**Alice no país das maravilhas – Lewis Carroll**

**Maria-vai-com as outras – Silvia Ortof**

As reações em relação à atividade proposta deixaram bem clara a influência que a imagem ocupa hoje no público infanto-juvenil. Um dos questionamentos feitos pela maioria dos alunos, ao serem levados para a sala em que ouviriam os programas, foi que gostariam de ver e não apenas ouvir, ou seja, isso nos leva à reflexão da atuação da televisão como senão a única, mas principal fonte de informação e entretenimento, principalmente nas áreas mais carentes, como no caso dos alunos que participaram desta pesquisa.

Nas escolas da rede municipal (as que participaram da pesquisa), a contação de histórias como estratégia de estudo e desenvolvimento do gosto e hábito de leitura

possibilitado pela articulação com o contador de histórias é uma das atividades que as professoras estão desenvolvendo.

De acordo com a observação às reações e ao efeito causado, foi possível perceber que os alunos mais novos tiveram uma capacidade maior de concentração, ficaram bastante interessados em ouvir o programa. Quanto a desenvolver a prática e/ou gosto pela leitura, percebe-se que a transmissão de um programa radiofônico de contação de história contribuiu e nos leva a refletir a respeito do desenvolvimento de uma reeducação da escuta. Os mais velhos demonstraram interesse em produzirem programas de rádio e, em contrapartida, apresentar outras possibilidades de utilização dos meios de comunicação. O rádio, para a maioria deles, tem como única finalidade tocar as músicas que são divulgadas pelos meios de comunicação de massa.

Nos espaços selecionados para a o desenvolvimento da pesquisa, tivemos como objetivo observar alunos de escolas públicas, com várias especificidades do ponto de vista da aprendizagem, porém, apresentando pontos em comum. Todas as escolas eram localizadas em áreas de periferia com os indicadores socioeconômicos aproximados, levando em consideração que, em sua maioria, os alunos vivem em meio a um grupo social de filhos de trabalhadores. Esses apresentam, de modo geral, dificuldades para ofertar momentos de leitura de um livro de literatura infantil. O acesso a esse tipo leitura se dá basicamente em suas salas de aulas, nas escolas. São meninos e meninas que interagem em meios culturais muito reduzidos, tendo pouco acesso aos bens culturais amplamente usufruídos pela classe dominante. Crianças com pouquíssimas oportunidades de desenvolverem seus dons artísticos, que por vezes observamos em nossas aulas. No entanto, como já foi apresentado em diversas pesquisas que abordam os temas relacionadas ao uso bem sucedido da contação de histórias nas aulas, há o bom desenvolvimento das aprendizagens.

Nossos alunos participantes colaboraram com as mais diversas reações ao uso da Rádio como meio de comunicação e instrumento de escuta das histórias infantis. Muito embora, por diversas vezes, deixaram claro que ficariam mais satisfeitos se fossem ao estúdio para produzir seus próprios programas. Algo que foi observado, como uma reflexão nossa, sobre talvez propor mais protagonismo para nossos alunos. Apenas ouvir as histórias deixava-os restritos em sua capacidade de criação. Ao final da apresentação, nos parecia que faltava algo a ser acrescentado para que aqueles alunos pudessem ser protagonistas do momento de possibilidades infinitas de ensino e aprendizagem. Contudo, não tínhamos a possibilidade de montar uma rádio nas

escolas, o que foi algo bastante salientado tanto pelos alunos quanto pelos professores que participaram da pesquisa.

Tivemos alguns desdobramentos da contação de histórias com uso do rádio. Em uma das escolas, os alunos do quarto ano nos disseram que queriam contar histórias para as outras turmas. Essa atitude por parte do grupo nos deixou muito satisfeitos e com muitas expectativas para dar conta desse desdobramento. A turma em questão tinha muitos alunos com dificuldades de aprendizagem, eram muito agitados. Era muito difícil fazê-los se concentrar e nos causou muita satisfação a participação deles na audição das histórias. Como não podíamos montar uma rádio na escola, que era a proposta inicial deles, montamos um projeto chamado “Os Contadores de histórias”. A princípio, tivemos muita dificuldade para dar nome ao projeto; os meninos sugeriam os mais variados nomes: alguns de personagens de desenhos animados, outros de jogos de vídeos game. As meninas também não ficavam atrás, era cada nome que nos espantava tamanha criatividade. Por fim, para que ficasse um nome que atendesse a todos, por votação da maioria, ganhou “Os Contadores de Histórias”, contanto que cada grupo responsável pelas contações de história tivessem seus próprios nomes era condição que eles impuseram. Os alunos tiveram total liberdade para se dividirem de acordo com suas preferências. Enviamos declarações para os responsáveis assinarem tomando ciência das atividades propostas e autorizando as crianças a irem, no contraturno, em dias previamente combinados, para fazerem as contações de histórias. E aí foi que a criatividade deles causaram espanto e momentos de extrema satisfação. Alguns grupos fizeram inicialmente apenas as leituras dos livros escolhidos por eles para apresentarem nas turmas do contraturno. À medida que iam se apropriando do prazer de contar histórias, eles iam sugerindo estratégias para o momento da apresentação. Apresentaram narrativas com dedoches que eles mesmo faziam, usavam máscaras para representar os personagens, faziam cartazes. Passaram também a representar as histórias. As mães ficavam enlouquecidas porque eles levavam lençóis, maquiagem para montar os figurinos. Esse projeto envolveu a escola de tal maneira que, no dia do encerramento do ano letivo, fizeram inúmeras apresentações para toda a comunidade.

Quanto aos aspectos positivos, por consequência, o comportamento dos alunos em sala de aula foi totalmente transformado. Antes, aqueles que não paravam para prestar atenção nas aulas passaram a cobrar daqueles que, por ventura, em

algum momento, se dispersavam durante as atividades propostas. Não havíamos imaginado a proporção que tomaria a nossa proposta inicial da pesquisa. Aqueles alunos que observávamos ouvindo histórias também interagiram a sua maneira, exigindo de nós uma reflexão mais profunda a respeito das emoções despertadas pelo simples fato de que, ao contar uma história, independente da forma como se realiza a narrativa, é uma ação que impacta os envolvidos, desencadeando as mais imprevisíveis reações humanas. Não dispomos de muitos recursos e aqueles meninos, antes totalmente desinteressados, passaram a ser protagonistas de suas próprias histórias.

Contudo, essas considerações são apenas o ponto de partida para buscar elementos que possibilitem uma prática educativa mais enriquecida, lúdica. Ao mesmo tempo, ao lidar com um meio de comunicação que só transmite a linguagem oral, nos remete a um campo de inúmeras possibilidades de lidar com a ferramenta vocal, visto que o professor tem a voz como principal instrumento na sua prática.

### 4.3 Como

Como foi citado anteriormente neste trabalho, a pesquisa de campo foi realizada em dois momentos diferentes: a primeira no período de graduação em Pedagogia, concluída em 2004 na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, na qual fomos bolsista no projeto de pesquisa da Rádio Kaxinawá; e, na sequência, houve a participação na produção e criação de um programa no qual fazíamos contação de histórias no rádio.

Partindo da curiosidade dos alunos pelo nome da Rádio, tomamos como proposta fazer uma pesquisa rápida para atender à curiosidade deles. Foi então que soubemos o motivo da escolha desse nome para a Rádio. O nosso professor responsável pela pesquisa de Rádio comunitária educativa havia passado um período de sua vida envolvido em uma outra pesquisa que tratava de estudos a respeito dos modos de vida da tribo Kaxinuwá. Não nos aprofundamos muito nesse tema, mas esclarecemos aos alunos que a tribo Kaxinawá são de etnia indígena localizada na fronteira do Brasil com o Peru e que eles não falam a mesma que nós. Falam a língua da família Pano, o que provocou algumas risadas e a afirmação de que pano é usado para fazer roupas. Respondemos a perguntas relativas ao modo de vida e costumes

dos Kaxinawá, esclarecemos que eles vivem em meio à mata e que suas casas não eram como as nossas. Quanto às atividades produtivas, explicamos que vivem da caça, da pesca, do plantio e da colheita. Plantam banana, mandioca, feijão, amendoim e algodão. As crianças, na tribo, aprendem desde cedo que só os homens realizam a caça, com isso logo passam a observar os hábitos dos animais, as técnicas e rituais e aprendem a observar seus rastros e imitar seus sons. A pesca pode ser realizada tanto pelos homens como pelas mulheres, que utilizam o timbó ( bambu) e jogam no rio um cipó venenoso que, ao ser diluído na água, faz com que os peixes saltem na superfície, sendo facilmente capturados. Utilizam tinta do jenipapo para em datas festivas pintarem os corpos dos membros da comunidade e também aplicam em objetos de uso cotidiano como cestos e esteiras. Para ilustrar nossa contação de história a respeito da tribo Kaxinawá, povo que originou o nome de nossa Rádio, levamos cartazes e passamos um vídeo. Como atividade, os alunos fizeram desenhos imitando os desenhos feitos pelos Kaxinawás.

Desde o momento que iniciamos nossa participação no programa de rádio até o momento de produção dos programas de contação de histórias para rádio Kaxinawá, as primeiras incursões no projeto foram as reuniões na associação de moradores quando gravávamos os debates. A primeira vez ao microfone a timidez se fez presente. Ao ouvir minha voz expondo minha opinião sobre a questão levantada usei vários “nés” que, nas cartilhas de orientação para falar ao microfone de uma rádio, precisam ser evitados. Os instrumentos dentro do estúdio foram outro problema. Começamos fazendo oficina de rádio e também a oficina de contação de histórias.

Concomitante a todas essas atividades, também precisávamos conhecer o campo teórico que embasam os estudos do rádio, como mídia de massa, meio de comunicação e mediador de práticas sociais e políticas, seu potencial como difusor de informação e ideologias e seu uso como resistência aos modos de controle e lutas pela democratização aos meios de comunicação para uma sociedade mais ativa, menos omissa e menos alienada de seus direitos. Ou seja, mais consciente de seu valor e sua capacidade de ser protagonista de sua história, de seu grupo, de sua comunidade, de sua cultura. Perceber que, em um país tão diversos como o nosso, o que enriquece a cultura é justamente suas diferenças, sem os julgamentos de valor ancorados nos modelos de uma minoria dominante, que impõe padrões de acordo com seus interesses. Estamos ainda muito impregnados dos conceitos machistas e

escravocratas que disseminam preconceitos e provocam a exclusão de grande parte da população de seu direito de ser humano.

Sentimos na pele todas as consequências das ações de políticas públicas que não atendem às demandas e reais necessidades dos cidadãos, de políticas partidárias eleitoreiras que interferem em áreas básicas de nossa sociedade como educação, saúde e segurança, tripé de toda campanha eleitoral imediatamente esquecido ao candidato eleito quando toma posse. Sentimos também a precariedade dos transportes urbanos, da falta de segurança pública, do descaso dos governantes ao atendimento de saúde, da falta de condições estruturais e físicas das nossas escolas públicas. As periferias urbanas são palco de todas as mazelas causadas pelas ações de nossos governantes: violência, trânsito caótico, transportes coletivos insuficientes precários, hospitais sem atendimento digno, pessoas sem moradia entregues aos vícios; o período das chuvas, tragédias, como enchentes e desmoronamentos. Os meios de comunicação de massa negam a real informação. Tentam alienar os cidadãos com sua programação criadora de estereótipos e modelos formatados, caricatos, acrílicos.

Fizemos um retrocesso anterior para ilustrar o contexto e as influências culturais sociais e todos as influências que marcaram o processo de construção da nossa personalidade e da bagagem cultural e conceitual que permitiram a elaboração deste trabalho.

O segundo momento foi a transmissão desses programas gravados, que estavam guardados em bom estado de conservação. Transmitidos em aparelho de som para alunos de duas escolas públicas situadas em dois municípios diferentes: uma no município do Rio de Janeiro e a outra no município de Duque de Caxias.

Vamos chamar a escola em Duque de Caxias de Escola I e a do município do Rio de Janeiro de Escola II. As turmas que participaram na pesquisa de audição de histórias do programa “Caixa da Carochinha” da Escola I foram: duas turmas de 5º ano, cada uma com 26 alunos com idades variando de nove até catorze anos; uma de quarto ano com 17 alunos com idade de nove a dez anos; uma de terceiro ano com 19 alunos, a idade variando entre sete a nove anos; uma de educação infantil com 20 alunos, a idade variando de cinco a seis anos. As turmas da Escola II foram: duas de Educação Infantil, 26 alunos e idade variando de quatro e ou cinco anos; duas de primeiro ano, 28 alunos, idade seis e/ou sete anos; uma de segundo ano, 28 alunos, idade oito e/ou nove anos.

A Escola I é situada no terceiro Distrito do Município de Duque de Caxias, em Santa Cruz da Serra. Foi inaugurada em 5 de junho de 2002, com 143 alunos matriculados, divididos em sete turmas, desde o 1º ano do Ciclo de Alfabetização até o 5º ano de escolaridade e, no ano de 2004, a escola passou a atender 450 alunos divididos em 18 turmas, em três turnos, com turmas do Ciclo de Alfabetização até o 5º ano de escolaridade e uma sala de Recursos.

No ano de 2003, o prédio onde funciona a escola passou por uma ampla reforma em sua estrutura física. Reestruturação que possibilitou não só a ampliação, mas a integração de seus espaços, fornecendo aos alunos um ambiente mais adequado ao desenvolvimento de suas potencialidades. A escola foi reinaugurada no dia 14 de agosto de 2003 e passou a ter uma sala de recursos, para atender aos alunos portadores de necessidades educativas especiais.

Atualmente, a Unidade Escolar possui 4 turmas de Educação Infantil, 1 turma do 1º ano de escolaridade, 1 turma do 2º ano de escolaridade, 2 turmas do 3º ano de escolaridade, 2 turmas do 4º ano de escolaridade, 2 turmas do 5º ano de escolaridade, 1 sala de recursos, 1 classe especial e sala de leitura, que foi inaugurada pela escritora Roseana Murray.

A Escola I funciona em regime de dois turnos. O primeiro turno (7h 30min às 11h30min) tem 6 turmas (150 alunos) e uma sala de recursos (8 alunos). O segundo turno (13h às 17h) tem 6 turmas (177 alunos) e uma classe especial (8 alunos).

O corpo docente é constituído por 15 professores efetivos (incluindo sala de leitura, educação física e dirigentes) e 2 professores de aula extra. Com relação aos outros funcionários e servidores de apoio na unidade escolar, são 11 (distribuídos em 2 porteiros, 3 merendeiras, 1 auxiliar de serviços gerais, 2 auxiliares administrativos e 3 inspetoras).

Quanto à estrutura física, há mobiliário, equipamentos e recursos materiais. A Unidade Escolar possui seis salas de aula, uma sala de recursos compartilhada com uma classe especial, uma sala de leitura, secretaria, sala dos professores, almoxarifado, cozinha, dispensa e pátio. O prédio escolar possui dois andares e um pátio, com mais duas salas na parte de trás e sanitários, sendo que estes são separados do restante da escola.

As crianças precisam de um ambiente melhor para realizar suas refeições, visto que não há um refeitório. As refeições são realizadas no pátio da escola, o número de

mesas e bancos é insuficiente para atender de maneira satisfatória a demanda escolar nos horários do recreio.

As salas, em sua maioria, são abafadas, necessitando com frequência de reparos nos ventiladores para amenizar o calor.

No ano passado, a escola recebeu o PDE-ESCOLA, melhorando assim o oferecimento de material pedagógico (jogos, acervo literário etc.) para atender de forma satisfatória as necessidades dos alunos diante da precariedade da realidade socioeconômica.

Quanto à estrutura e ação Pedagógica da Escola I: de acordo com os Fundamentos Filosóficos apresentados pela Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias e com o Regimento Escolar da Secretaria municipal de Educação de Duque de Caxias, firma sua postura político-filosófica e metodológica que pretende dar rumo à sua ação, assumindo compromisso com sua comunidade escolar de buscar atender às demandas e desafios de uma educação que seja significativa para a formação dos seus alunos.

Entre os documentos que servem de apoio para o trabalho desenvolvido pela escola destacam-se: a Constituição da República Federativa Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº. 9.394/96), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental, os Fundamentos Filosóficos da Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias e o Regimento Escolar da Secretaria Municipal de Duque de Caxias.

O perfil traçado do público alvo e da comunidade escolar, através de conversas com o corpo docente, funcionários e alunos residentes próximos da Escola I é o seguinte:

- alunos com muitas dificuldades de aprendizagem em algumas turmas, precariedade de higiene e falta de cuidados com o material escolar;
- sistema de saúde precário no bairro, moradias próximas ao rio em péssimas condições sanitárias;
- traços de desestrutura familiar em alguns núcleos familiares;
- as atividades econômicas principais são comércio e a prestação de serviços (escolas, bancos, casas lotéricas, posto de saúde), setor terciário da economia, trabalho informal;

- precariedade no transporte, apresenta alto índice de transporte alternativo, sendo a bicicleta o meio mais utilizado pela comunidade escolar;
- baixa oferta de instituições educacionais que ofereçam Educação Infantil e Ensino Superior;
- precariedade na sinalização e iluminação nas imediações da escola;
- coleta regular do lixo doméstico;
- serviço de água precário, ocasionando constantes faltas d água (inclusive na escola);
- falta de áreas de lazer (cinemas, teatros, centro esportivo...).

A Escola II está situada no município do Rio de Janeiro em meio a uma comunidade muito violenta, por ser dominada pelo tráfico de drogas ilícitas. O espaço físico da escola é um prédio que foi emprestado pela igreja católica há mais de quarenta anos. As salas são muito quentes e, apesar do projeto de climatização da Secretaria de Educação e da Prefeitura municipal do Rio de Janeiro, a escola não tem condições de ser contemplada porque a fiação elétrica não suportaria.

Atualmente, a Unidade Escolar possui 6 turmas de Educação Infantil, 3 turmas do 1º ano de escolaridade, 3 turmas do 2º ano de escolaridade e 3 turmas do 3º ano. A partir do ano de 2013, a escola deixou de atender turmas de 4º e 5º anos de escolaridade do Ensino Fundamental. Por determinação da Secretaria Municipal de Educação, o “Projeto Casa de Alfabetização” passou a ser desenvolvido na Unidade de Ensino, atendendo apenas crianças nas turmas de Educação Infantil e Ciclo de Alfabetização (1º, 2º, 3º anos), com um total de 451 alunos matriculados.

A Escola II funciona em regime de dois turnos. O primeiro turno (7h às 11h30min) tem 8 turmas. O segundo turno (12h30min às 17h) tem 7 turmas (177 alunos) e uma sala fica ociosa.

O corpo docente é constituído por 14 professores efetivos (incluindo sala de leitura, educação física e inglês) 5 professores fazem aula extra. Com relação aos outros funcionários e servidores de apoio na unidade escolar, são 13 (distribuídos em 2 porteiros, 3 merendeiras, 5 auxiliares de serviços gerais, 1 auxiliar administrativo e 2 inspetoras).

Entre os documentos que servem de apoio para o trabalho desenvolvido pela escola destacam-se: a Constituição da República Federativa Brasileira, o Estatuto da

Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº. 9.394/96), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental, os Fundamentos Filosóficos da Rede Municipal de Ensino do Município do Rio de Janeiro e o Regimento Escolar da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro.

Apesar de vivermos em uma sociedade imagética e na Escola II cada sala de aula ter um aparelho de televisão e um data show disponível para o professor utilizar em suas aulas, os recursos eram pouco utilizados. A sala de informática, por exemplo, pouco funcionava, pois os equipamentos vão se deteriorando e não têm manutenção. A clientela é carente, mas lida com aparelhos como celulares modernos e tablets. A maioria não compra material escolar, aguarda receber os kits de material distribuídos pelas Secretarias de Educação. Não tem lápis, borracha, apontador ou outro material escolar básico, porém levam para escola, apesar de proibido o uso em sala de aula, celulares e/ou tablets de última geração. Há uma distorção de valores completamente surreais. Usam roupas de marcas e conhecem as originais e imitações.

Apesar da violência demonstrada em brincadeiras e/ou situações do cotidiano escolar, são solidários, compartilham merenda, compartilham vasilhames, não se incomodam em beber algo no mesmo copo, no mesmo canudinho de refrigerante ou suco. E não costumam sentir nenhum tipo de rejeição em compartilharem as coisas uns dos outros, como roupas e sapatos, às vezes os trocam no pátio em brincadeiras. Há momentos em que são extremamente violentos, em outros são carentes. Apesar de valorizarem as músicas que mais ouvem na comunidade, que são os ritmos como os do funk, gostam muito de ouvir histórias não com aquela inocência de acreditar em fadas ou temer bruxas, pois os temores são outros. Os ídolos são os apresentados pela mídia, os mcs. Usam as redes sociais como Orkut e facebook, lidam muito bem com novas mídias e aparatos tecnológicos. São completamente independentes para algumas coisas e dependentes para outras, aprendem coisas complicadas no dia a dia e apresentam dificuldades para tarefas escolares simples.

Quanto à estrutura física, como mobiliário, equipamentos e recursos materiais, a Unidade Escolar possui oito salas de aula, uma sala de leitura, uma sala de informática com 10 computadores, secretaria, sala dos professores, almoxarifado, cozinha, refeitório, dispensa, um pátio coberto onde ficam os sanitários dos alunos e

um pátio descoberto com brinquedos para os alunos da Educação Infantil, conhecido como parquinho.

A audição do programa era feita nas turmas das colegas que colaboraram com a pesquisa, sempre durante as aulas extras na turma da autora, visto que, enquanto sua turma estava em aula com outro professor, ela ficava livre para ir a sala das colegas ligar o rádio (CD) com programas que foram gravados para o programa “Caixa da Carochinha”. A autora que também é professora nas Escolas I e II. Na Escola I, trabalha com a turma de quinto ano na Escola II com a turma de segundo ano.

O período da audição dos programas compreendeu os meses de abril à metade do mês de julho. As histórias contadas foram: *Cinderela*, *Branca de Neve*, *João e Maria*, *Os três porquinhos*, *A bela e a fera*, *Menina bonita do laço de fita*, além de algumas histórias orais, transmitidas pela mãe e pela avó da autora deste trabalho e, depois, retransmitidas aos seus filhos e alunos, em uma cadeia de tradição, de geração em geração (ANEXOS)<sup>17</sup>. Também houve um programa em que contamos uma história em capítulos, diariamente, ou seja, foram cinco dias consecutivos da mesma história, cada dia uma parte diferente: A história das *Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*. A gravação deste programa foi realizada antes da versão Hollywoodiana chegar em filme ao Brasil, no ano de 2003. Com as turmas de Educação Infantil não funcionou muito bem, as crianças não entendiam uma história em capítulos e se dispersavam. Funcionou muito bem com as de quinto e quarto ano, que se remetiam ao filme e acharam interessante que a história do filme fosse contada em um programa de rádio. As contações que mais agradaram foram aquelas com mudanças no timbre da voz para diferenciar personagens, por exemplo as vozes de bruxa, do coelho da Menina bonita do laço de fita, até porque eles conheciam a história por terem ouvido por outras professoras ou a professora da sala de leitura. A primeira vez foi um pouco difícil, eles estão acostumados à imagem seja na televisão, ou seja, da professora com o livro mostrando as figuras ao ler a história. Alguns identificavam a voz da autora na contação da história e acharam interessante

---

<sup>17</sup> As narrativas são: “Maria e a cachorrinha” e “O menino e a orelha do chifrudo”. Essas histórias eram contadas pela avó e mãe da autora desta dissertação, em volta de uma fogueira, em Natal, Rio Grande do Norte, influenciando todo um imaginário infantil. A maioria das histórias que ouvíamos naqueles momentos eram textos populares que passavam de geração em geração, através da oralidade. Naquela época, os meios de comunicação não eram tão avançados como os de hoje e a Rádio era um veículo muito importante para aquela sociedade. Os mais velhos acompanhavam as notícias, os jogos da copa, a propaganda eleitoral e as radionovelas, que os levavam às lágrimas. Choravam copiosamente ouvindo, por exemplo, a história de Albertinho Limonta, em “O direito de nascer.”

Foram dois programas de rádio com essas narrativas e os alunos costumavam pedir para que fossem repetidas sempre.

o recurso da trilha sonora durante a narração. Tem sempre uma música clássica de fundo e os mais velhos perguntaram se a autora tocava piano. Alguns se interessaram em saber como os programas eram produzidos e como a autora fazia os programas na Rádio; estranharam o nome da Rádio Kaxinawá, nunca tinham ouvido falar na tribo indígena que originou o seu nome.

Com o passar dos dias, alunos das turmas visitadas pela autora se acostumaram com a atividade proposta. Perguntavam quando seria a próxima visita, se manifestavam alegremente quando ela chegava com seu aparato: aparelho de rádio, CD, as caixinhas de som para ampliar um pouco o som deficiente do aparelho, visto que o som ambiente nas escolas é por vezes caótico, com turmas no pátio em recreio ou recreação (aula de Educação Física) ou obras dentro escola, enfim, manter a concentração não é algo fácil. Ao levar os programas gravados com histórias estávamos propondo aos alunos outra dinâmica de leitura e contação de histórias.

Os estudos a respeito de leitura/escrita/alfabetização/letramento apontam como possibilidades de formação de leitores atividades que envolvam práticas e usos da literatura como instrumento para desenvolvimento dessa habilidade. Contar histórias nas escolas é prática comum, principalmente nas turmas de Educação Infantil e Ciclo de Alfabetização do Ensino Fundamental. As duas escolas nas quais foi realizada a pesquisa contam com sala de leitura e professora de sala de leitura. Contudo, a contação de história proposta foi diferente da contação feita pela professora em sala de aula. A princípio, os alunos não estavam habituados apenas a ouvir. “Não se encontra em nossos currículos escolares uma disciplina que trabalhe e ensine o aprendizado da escuta, pois é possível aprender de ouvido” (LARROSA, 2004).” A palavra dita nos atinge conforme a situação e a sua intensidade, e nos afeta porque vem ao nosso encontro. Não é necessário que nos movimentemos até ela, como acontece quando tomamos um texto impresso para ler.

A pesquisa transcorreu de maneira peculiar, resguardadas, nas duas escolas, as singularidades de cada turma e de cada momento. O rádio é um instrumento de introspecção de quem ouve. A atividade de fazer ouvir é um exercício de perseverança de quem quer ser ouvido. Todos fazem inúmeras coisas ao mesmo tempo e a atividade de aguçar o ouvido fica, na atual situação de imagens cada vez mais dinâmicas, como um exercício disciplinar. A atividade com as turmas maiores causou curiosidade a respeito do uso dessa mídia para contação de história; os alunos relacionaram o programa aos programas das rádios comerciais que, em sua

programação, geralmente, é musical ou fazem referência ao consumo de produtos. Especularam a respeito dos programas jornalísticos e transmissão de jogos de futebol. Princesas e príncipes são apenas figuras mitológicas e as meninas gostam de ouvir histórias sobre princesas, mas nas brincadeiras e atitudes agem de igual para igual com os meninos. Encaram até para brigar, não temem os meninos pelo fato de serem do gênero masculino e sim, no caso, de perceberem desvantagens físicas. Algumas crianças não fazem planos a longo prazo, por exemplo se questionadas sobre o futuro, respondem que não sabem, ou seja, é como se vivessem o imediatismo, o hoje, o agora.

O estudo empírico que desenvolvemos neste trabalho teve por pilar principal os pressupostos da epistemologia qualitativa. Segundo Ramos (2011), o pesquisador precisa dar sentido e interpretar continuamente os objetos de seu estudo, também a interação com o sujeito relacionado é essencial para o processo dos fenômenos humanos.

No cotidiano escolar, a “Contação de Histórias” ocupa alguns lugares nem sempre conhecidos. As inquietações que provocam questões que se busca fazer com este trabalho em parte surgiram da vivência da autora como contadora de histórias, professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e produtora do programa de rádio “Caixa da Carochinha”, observando e interagindo em situações que lhe eram familiares, porém que precisavam ficar sob suspeição, para que pudesse conduzir a pesquisa.

Um diário de campo foi utilizado pela pesquisadora durante todo o período da coleta de dados, para o registro de observações, de impressões e do que considerava relevante. Nele foi registrada a transcrição parcial de conversas informais que aconteceram no dia a dia, no período em que fazíamos a audição dos programas de rádio com professores e alunos, que contribuiriam para a pesquisa.

Cada sessão foi dividida em três momentos: organização e instalação dos equipamentos, audição do programa e conversa informal sobre a história. No primeiro momento, após a instalação dos equipamentos, a professora da turma conduzia os alunos até o espaço acordado com a pesquisadora e esta, após recepcioná-los, ligava o aparelho para a audição do programa daquele dia. No segundo momento, observava as reações e o envolvimento dos alunos durante a atividade. No terceiro momento, o da conversa informal sobre a história, a contadora-pesquisadora conversava com

todos os alunos sobre o enredo das histórias, observando suas reações e argumentos perante as ações das personagens e todo o programa apresentado.

Após cada sessão, a pesquisadora instigava-os a uma conversa e as informações obtidas pelas observações da contadora pesquisadora eram registradas no diário de campo.

As infinitas descobertas científicas continuam contando a história humana, nem sempre de forma tão afetiva e descortinadora, diante dos novos paradigmas da educação. O presente estudo lança as bases para uma questão ancestral – a contação de histórias - mas vislumbra, nessa arte, as possibilidades de sua aplicação no atual contexto educacional, da cultura cibernética e da aceleração do tempo. Sua ação desperta a sensibilidade humana que, desde o princípio, foi inaugurada com o aparecimento da linguagem articulada, com a capacidade de ler o mundo para conhecê-lo.

Neste contexto, o contar histórias ainda se apresenta em toda a sua magnitude, encantando as pessoas, porque fala de histórias, de vidas, de esperanças, porque, mesmo com toda a tecnologia e diversidade da comunicação, apresenta sua humanidade, seu caráter pessoal de interação, de troca afetiva, de compartilhamento. Acreditamos que as metodologias lúdicas sedimentam o caminho de aprendizagens, apresentam o propósito de adentrar a sala de aula e fazem da arte da contação de histórias um caminho de iluminação para o conhecimento das verdades humanas.

## CONCLUSÃO

As considerações finais dessa pesquisa nos fazem pensar nas inúmeras possibilidades de temas que podem ser abordados tendo o rádio como instrumento de estudo. Optamos por pesquisar um programa de rádio com contação de histórias porque a escolha para este tipo de programa foi intencional, tanto do ponto de vista pessoal quanto do profissional.

Do ponto de vista pessoal, refere-se à nossa predileção por leitura e, principalmente, por serem os contos de fadas nossos grandes companheiros de infância e adolescência. Claro que, anteriormente, de uma maneira romântica, diríamos até ingênua ou acrítica. Quando líamos na infância não parávamos para pensar nas implicações culturais ou sociais que estavam implícitas nas ações e modos de ser das personagens. Nunca foram observadas as características físicas e comportamentais das princesas, sempre loiras, de olhos azuis, cabelos longos e lisos. Até a que tinha cabelos negros e olhos negros como o ébano tinha a pele branca como a neve. Obedientes, lindas e indefesas, sempre à mercê de um jovem príncipe valoroso, corajoso que as tomavam nos braços, resolviam todos os seus problemas e eram felizes para sempre. A crueldade e as mensagens subliminares de que as mulheres teriam que ser submissas e indefesas mostravam às crianças como deveriam ser obedientes, enfim. Se ficarmos buscando outros temas como racismo, machismo, questões de gênero e sexualidade não vão faltar abordagens.

Quanto ao ponto de vista profissional, se refere ao fato de trabalhar com séries iniciais do Ensino Fundamental, em que a alfabetização precisa acontecer e a primeira atividade fundamental para aprender a escrever é saber ler, no sentido mais completo da palavra, ou seja, interpretar não apenas para memorizar signos da língua, mas, principalmente, decodificar a mensagem expressa pela palavra escrita. E qual é a maneira mais prazerosa de ler? Hoje, grande parte dos estudos que buscam explicar a importância da leitura para desenvolvimento da escrita consideram a literatura como fonte de prazer e atividade lúdica.

A outra vertente deste trabalho é o rádio como instrumento de comunicação, e toda sua trajetória desde a primeira transmissão de comunicação sem fio até os dias atuais, como comprovada mídia de massa. O rádio, seja para informar ou entreter, sempre se revelou um potente meio de comunicação. Tanto que políticos e líderes se

utilizaram de seu potencial capacidade de alcance para diminuir distâncias entre pessoas e informações, com uma comunicação direta.

O rádio de hoje concorre com outros aparatos tecnológicos e outras mídias que, além de som, emitem também imagens, porém, continua sempre atual e necessário à informação e/ou entretenimento. Em nossa sociedade, em que as pessoas fazem várias atividades ao mesmo tempo, ele se mostra ainda indispensável. Quem é que não liga imediatamente o rádio do carro ao sair de casa para saber as notícias sobre o trânsito, a fim de tentar fugir dos inúmeros engarrafamentos que acabam com a paciência de qualquer um nas grandes cidades? Alguns estudiosos apontam o rádio como veículo de maior implosão na área da comunicação, como difusor cultural, ideológico e político. Contudo, o rádio, hoje, também apresenta as rádios comunitárias como principais instrumentos de luta para democratização dos meios de comunicação. Este trabalho não é o começo nem o fim de uma trajetória tão rica e com tantas possibilidades de estudo, mas sim o registro de uma reflexão a respeito de inúmeros temas que cabem e se resumem em três palavras, de conceitos amplos e carentes de inúmeras reflexões: educação, cultura e comunicação. Era uma vez...

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Quem Educa Quem?** São Paulo: Summus, 1985.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1997.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices 5ª ed.** São Paulo: Scipione, 2004.
- ANDERY, Maria Amália. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.** Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo; S.P: EDUC, 1988.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar.** São Paulo: Difel, 1985.
- Bakhtin, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARBERO, Jesus Martin. Comunidades falsificadas. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 23 de agosto 2009. Caderno "Mais!" Entrevista concedida a Renato Essenfelder Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=552ENO004>. Acesso em 14 jun. 2010
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo. Paulinas, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasilense, 1994.
- BETELLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Trad. de Arlene Caetano. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm). Acesso em: fev., 2010.

BRECHT, Bertold. Teoria do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis, SC: Insular, 2005. v. 1. p. 35-46.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CADEMARTORI, Ligia. **O Que é Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

CASTANHA, Marilda. **Agbalá**: um lugar continente, Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1983.

COSTA, Mauro José Sá Rego. Paisagens sonoras: Murray Schafer fala do projeto como arte, educação e política. Mauro Sá Rego Costa entrevista Murray Schafer. **Revista Pesquisa e Música**, Rio de Janeiro: Conservatório Brasileiro de Música, v.4, n.1, p. 58-61, 1998.

COSTA, Mauro José Sá Rego; HERMANN, Wallace . Rádios livres, rádios comunitárias: outras formas de fazer rádio e política. **Lugar Comum (UFRJ)**. Rio de Janeiro, v. 16-17, p. 97-107, 2002.

COSTA, M.J.S.R.. Rádio Alice Através do Espelho. Gilles Deleuze. Política e Poética Estóicas na Teoria do Rádio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004.

Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/149707278892704242199657690067904327088.pdf>. Acesso em: set 2012.

COSTA, Mauro José Sá Rego. **Educação e comunicação**: Rádio I, Rádio II. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, X Encontro dos Grupos/ Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Recife, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1859-1.pdf> Acesso em: set 2012

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. de Luis Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. Trad. de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

EL HAOUALI, Janete. **Radiopaisagem**. 2000, 182f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **A pesquisa do popular na comunicação**: uma análise metodológica. 1993, 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Néstor García Canclini: notas sobre um autor latino-americano. **Comunicação e Sociedade** 27, São Paulo, p. 103-121, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Itinerário de um deslocamento: dos meios às mediações. In: FAUSTO, A. e Pinto, M. (orgs.). **Mídia e cultura**, Rio de Janeiro: Diadorim/Compós, 1997, p. 83-88.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** : uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 2.ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIL, José. **A imagem-nua e as pequenas percepções**. Estética e Metafenomenologia. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Gramsci e as culturas populares na América Latina. In: COUTINHO, Carlos N. e NOGUEIRA, Marco. A. (orgs.). **Gramsci e a América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

GOLDEFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCOLOTO, Valci. (Org.). **Teorias do Rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2008. Vol. 2, p. 81-90.

LAJOLO, Mariza, e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 1984.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LAZZARATO, Mauricio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Formas de vida e produção de subjetividade. DP&A, Rio de Janeiro, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei no 7.505, de 02 de julho de 1986. Dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico. Disponível em: <http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1986/7505.htm>. Acesso em: fev. 2010.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei no 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Restabelece princípios da Lei no 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wpcontent/uploads/2008/04/lei-8313-de-1991-atualizada.pdf>. Acesso em: fev. 2010.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei no 8.685, de 20 de julho de 1993. Cria mecanismos de fomento à atividade audiovisual e dá outras providências. 1993b. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8685.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8685.htm). Acesso em: fev. 2010.

LUZ, Dioclécio. **Trilha apaixonada e bem humorada do que é e de como fazer rádios comunitárias, na intenção de mudar o mundo**. Brasília: Copyleft, 2001.

MACHADO, Arlindo, MAGRI, Caio, MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres, a reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix, 1964.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos**. São Paulo: UNESP, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). 3 ed. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Radiodifusão comunitária no Brasil – Análise da situação para sua disseminação**. Relatório final do grupo de trabalho interministerial (GTI). Brasília: Ministério das Comunicações, 2005. Documento apócrifo.

MONTEIRO, Eduardo. Mídiaeducação e educomunicação: semelhanças, diferenças e especificidades. In: RIO DE JANEIRO (RJ). Prefeitura. **A escola entre mídias**. Rio de Janeiro: MultiRio, 2011. Coleção MultiRio na Escola ; n.1, p. 50-63.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios Livres: O outro lado da voz do Brasil** São Paulo, Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, Guilherme de Souza Leal de. **Patrocínios culturais incentivados: porquês, para quem e como.** Oi Futuro – um estudo de caso. Rio de Janeiro: FGV / CPDOC / Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2010.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Revista Novos Olhares, Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Mediáticos**, ECA/USP, ano 1, n.2, 2º sem. 1998

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

GRUBER, Klemens. Ouvir e escutar, entrevista com François Bayle, compositor e diretor do INA-GRM (Paris). In: SCHEPS, Ruth. (org.) **O império das técnicas.** Campinas: Papirus, 1996. p. 40-46

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERUZZO, Cicília M. Krohling . Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos.** São Leopoldo/RS, Vol. III, n.1, set 2001.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** 2001, 136f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal.** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo.** Trad. de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2001.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante.** Trad. de Marisa Fonterrada. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SILVA, Sérgio Pinheiro da. **Rádio Comunitária: os desafios do ambiente educativo da rádio Heliópolis FM.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

SILVEIRA, Fernando Silveira. **Rádios comunitárias.** Belo Horizonte: Del Rey. 2001.

UNESCO/UMESP de comunicação regional. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco / UMESP, 2003.

UNESCO. **Políticas culturais para o desenvolvimento**: uma base de dados para a cultura. Brasília: Unesco Brasil, 2003.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

*VIGIL, José Ignacio López*. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. Quito: AMARC/ALER, 1997.

WARNER, Marina. **Da fera à loira, sobre contos e seus narradores**. Trad. de Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WESTERKAMP, Hidegard. O ambiente sonoro no rádio. In: BENTES, I. ZAREMBA, L. (orgs). **Rádio Nova, consteações da radiofonia contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1996. p. 156-167.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. São Paulo: Bookman Companhia Editora, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1985.

## ANEXO A - MARIA E A CACHORRINHA

ERA UMA VEZ, EM UM LUGAR MUITO, MUITO DISTANTE, DIZEM QUE LÁ PELAS BANDAS DO SERTÃO NORDESTINO, EM UMA CASINHA MUITO HUMILDE, MORAVA UMA MENINA MUITO POBRE COM SUA MÃE. A MENINA ERA UMA CRIANÇA MUITO OBEDIENTE, FAZIA TUDO QUE SUA MÃE COSTUMAVA MANDAR. A MÃE SAÍA CEDO PARA A ROÇA. ELA SAÍA QUANDO O SOL AINDA COMEÇAVA A ESPALHAR SEUS RAIOS NO HORIZONTE. E QUANDO O SOL JÁ SE PUNHA E O VEU DA NOITE COBRIA TODO O LUGAR COM SEU MANTO NEGRO VOLTAVA A MÃE CANSADA, TRAZENDO SEMPRE ALGUMA COISA PARA PREPARAR A COMIDA QUE ELAS JANTAVAM E ALMOÇAVAM NO DIA SEGUINTE. O NOME DA MENINA ERA MARIA. ELA ERA UMA CRIANÇA MUITO FELIZ APESAR DA POBREZA EM QUE VIVIAM. ELA ERA MUITO SATISFEITA COM A VIDA QUE ELA E A MÃE LEVAVAM.

CERTO DIA, SUA MÃE CHEGARAM EM CASA COM UMA CACHORRINHA E DISSE PARA A FILHA PARA CUIDAR BEM DA CADELINHA. PORQUE ELA SERIA SUA GUARDIÃ E IRIA LHE PROTEGER ENQUANTO ELA, SUA MÃE, ESTIVESSE FORA DE CASA NA ROÇA. A MENINA FICAVA TODA SERELEPE. PARA ONDE IA SUA CADELINHA, ELA IA ATRÁS. COMIA COM ELA, DORMIA COM ELA E ATÉ NO BANHO LHE FAZIA COMPANHIA. UMA VEZ, SUA MÃE FICOU MUITO DOENTE. ELA CHAMOU MARIA E FALOU QUE TALVEZ NÃO ACORDASSE NO DIA SEGUINTE. MARIA ENTÃO COMEÇOU A CHORAR. SUA MÃE LHE PEDIU QUE ELA CUIDASSE MUITO BEM DE SUA CADELINHA PORQUE ELA IRIA LHE PROTEGER E NUNCA IRIA DEIXAR NENHUM MAL ACONTECER À MENINA. ACRESCENTOU TAMBÉM QUE TOMASSE MUITO CUIDADO COM ESTRANHOS, POIS HAVIA PESSOAS RUINS QUE PODERIAM LHE FAZER MAL.

ENTÃO, COMO SUA MÃE LHE PREVENIRA, NO DIA SEGUINTE, ELA PARTIU. A MENINA CONTINUAVA COM SUAS ATIVIDADES E FICAVA COM SUA CADELINHA QUE NÃO PERMITIA A PRESENÇA DE NENHUM ESTRANHO PRÓXIMO A CASA DELA. CERTA NOITE, ELA OUVIU A CADELINHA LATINDO INCESSANTEMENTE. QUANDO DE REPENTE UMA VOZ MUITO POTENTE CANTANDO A SEGUINTE CANÇÃO: “MARIA JÁ LAVOU OS PÉS E LAVOU AS

MÃOS E JÁ FOI SE DEITAR. MARIA AMANHÃ PRENDE A TUA CACHORRINHA QUE DE NOITE EU VENHO TE VISITAR”.

A MENINA FICOU TODA AGITADA. SABIA QUE A MÃE HAVIA DITO PARA ELA CUIDAR DA CACHORRINHA E QUE DEVERIA TOMAR CUIDADO COM ESTRANHOS. NO ENTANTO, ELA ESTAVA SOZINHA, QUERIA VER QUEM CANTAVA AQUELA CANÇÃO. A CACHORRINHA COMEÇOU A LATIR E A VOZ CESSOU.

NA NOITE SEGUINTE, MARIA PRENDEU A CACHORRINHA. NOVAMENTE A VOZ COMEÇOU A CANTAR: “MARIA JÁ LAVOU OS PÉS E LAVOU AS MÃOS E JÁ FOI SE DEITAR”.

A CACHORRINHA MESMO PRESA LATIU TANTO QUE CHAMOU A ATENÇÃO DOS VIZINHOS. E A VOZ ENTOOU NOVAMENTE: “MARIA JÁ LAVOU OS PÉS E LAVOU AS MÃOS E JÁ FOI SE DEITAR. AMANHÃ MATA TUA CACHORRINHA QUE DE NOITE EU VENHO TE VISITAR.”

A MENINA SABIA QUE NÃO ERA CERTO MATAR SUA CADELINHA. MAS ELA ESTAVA MUITO CURIOSA PARA CONHECER O DONO DAQUELA VOZ. ENTÃO RESOLVEU MATAR A CACHORRINHA E DEIXOU O CORPO JOGADO NOS FUNDOS DO QUINTAL.

QUANDO CAIU A NOITE, ELA OUVIU: “MARIA JÁ LAVOU OS PÉS E LAVOU AS MÃOS E JÁ FOI SE DEITAR.”

A CACHORRINHA MESMO MORTA LATIA MAIS FORTE AINDA. ENTÃO A VOZ CANTOU MAIS UMA VEZ: “MARIA JÁ LAVOU OS PÉS E LAVOU AS MÃOS E JÁ FOI SE DEITAR. AMANHÃ ENTERRA TUA CACHORRINHA QUE DE NOITE EU VENHO TE VISITAR.”

MARIA LEVANTOU CEDO CAVOU UM BURACO BEM FUNDO E ENTERROU A CACHORRINHA.

A NOITE CAIU E MAIS UMA VEZ ELA OUVIU: “MARIA JÁ LAVOU OS PÉS E LAVOU AS MÃOS E JÁ FOI SE DEITAR.”

PARECIA INCRÍVEL DE ACREDITAR. MAS A CACHORRINHA LATIA MAIS ALTO E MAIS FORTE QUE NAS NOITES ANTERIORES.

“MARIA JÁ LAVOU OS PÉS E LAVOU AS MÃOS E JÁ FOI SE DEITAR. AMANHÃ QUEIMA TUA CACHORRINHA QUE DE NOITE EU VENHO TE VISITAR.”

MARIA ENTÃO CATOU VÁRIOS GRAVETOS, COLOCOU O CORPO DA CADELINHA E, SEM HESITAR, ATEOU FOGO. AO CAIR DA TARDE UM VENTO BEM FORTE SOPROU SOBRE AS CINZAS QUE RESTAVAM DA FOGUEIRA EM QUE A MENINA QUEIMARA SUA CADELINHA. E AS CINZAS FORAM LEVADAS AO SABOR DOS VENTOS PARA UM LUGAR MUITO... MUITO DISTANTE...

LOGO A NOITE CAIU, MARIA DEITADA EM SUA CAMA NÃO OUVIU A VOZ, TAMPOUCO A CANÇÃO. NÃO OUVIU LATIDOS. DE REPENTE FOI OUVINDO PASSOS QUE CADA VEZ CHEGAVAM MAIS PERTO...MAIS PERTO...PERTO...PERTO... TE PEGUEI!!!

## **ANEXO B-O MENINO E A ORELHA DO CHIFRUDO**

HÁ MUITO, MUITO TEMPO, TALVEZ EM ALGUMA CIDADE DO NORDESTE BRASILEIRO, VIVIA UM CASAL QUE TINHA MUITOS FILHOS. ERA UMA VERDADEIRA ESCADINHA. UNS MENININHOS QUE SE PARECIAM MUITOS UNS COM OS OUTROS E QUE TRAZIAM NA FACE A MARCA DAS CARÊNCIAS QUE PASSAVAM. O PAI ERA UM HOMEM UM TANTO RUDE EM SUAS ATITUDES, MAS AMOROSO COM SUAS CRIAS. A MÃE NEM TINHA TEMPO PARA PENSAR EM APARÊNCIA. LOGO QUE LEVANTAVA JÁ TINHA INÚMERAS TAREFAS PARA DAR CONTA. FAZER O CAFÉ PARA O MARIDO QUE SAÍA CEDO PARA A ROÇA. TINHA QUE SERVIR O CAFÉ PARA OS FILHOS MAIS VELHOS E MANDÁ-LOS PARA A ESCOLA. IAM UNS TRÊS OU QUATRO E O MAIS VELHO ERA O RESPONSÁVEL PELO GRUPO. OS OUTROS MENORES FICAVAM PELOS CANTOS DA CASA OU NO QUINTAL. ENQUANTO ISSO, A MÃE CORRIA DE UM LADO PARA OUTRO PARA LIMPAR A CASA, LAVAR A LOUÇA, AS ROUPAS. ERAM TAREFAS QUE NUNCA TINHAM FIM. FICAVA MAIS TRANQUILA QUANDO OS MAIS VELHOS CHEGAVAM DA ESCOLA E AJUDAVAM COM OS MENORES OU COM ALGUMAS DAS TAREFAS DA CASA. DE TODOS OS FILHOS, O QUE MAIS DAVA PREOCUPAÇÃO ERA O MAIS NOVO, DOS QUATRO MAIS VELHOS, QUE FREQUENTAVAM A ESCOLA. O MENINO ERA TERRÍVEL, VIVIA APRONTANDO CONFUSÃO NA ESCOLA. NO CAMINHO, TOMAVA SEMPRE UNS CASCUDOS DO IRMÃO MAIS VELHO. MAS MESMO ASSIM NÃO SE EMENDAVA. JOGAVA PEDRAS NOS TELHADOS DOS VIZINHOS, QUEBRAVA VIDRAÇAS.

CERTO DIA, AO VOLTAREM DA ESCOLA, O MENINO SERELEPE SE AFASTOU DOS IRMÃOS MAIS VELHOS E TIROU DO BOLSO SUA INSEPARÁVEL ATIRADEIRA, OU BODOQUE COMO COSTUMAVA CHAMAR, E COMEÇOU A ATIRAR PEDRAS NOS PASSARINHOS QUE VOAVAM ACIMA DE SUA CABEÇA. MAS UMA DAS PEDRAS AO INVÉS DE SUBIR... DESCEU JUSTAMENTE EM DIREÇÃO DA JANELA DA CASA PAROQUIAL. O PADRE SAIU DE LÁ MUITO FULO DA VIDA. PEGOU O MENINO PELA ORELHA E O LEVOU ATÉ EM CASA. SUA APARÊNCIA ERA ASSUSTADORA, SUANDO EM BICAS. NÃO BATEU PALMAS COMO DE COSTUME. FOI ADENTRANDO CASA À DENTRO E VOCIFEROU COM TODA FORÇA DE SUAS ENTRANHAS:

- DONA MARIA! (ESSE ERA O NOME DA MÃE DO MENINO QUE ELE TRAZIA PELAS ORELHAS, COM OLHOS ESBUGALHADOS DE PAVOR E DUAS TORRENTES DE LÁGRIMAS QUE NÃO CESSAVAM DE ESCORRER PELO ROSTO SUJO PELA POEIRA DA CAMINHADA).

- ESSE MOLEQUE ACABA DE DAR MAIS UM PREJUÍZO PARA NOSSA PARÓQUIA. ACABOU DE QUEBRAR MAIS UMA VIDRAÇA DA CASA PAROQUIAL. NÓS ACABAMOS DE CONSERTAR. VÊ SE A SENHORA E SEU MARIDO EDUCAM MELHOR ESSA CRIANÇA. ELE VIVE METIDO EM CONFUSÕES. JÁ PERDI AS CONTAS DA QUANTIDADE DE VIDRAÇAS QUE ELE QUEBROU.

A MÃE DO MENINO NÃO SABIA ONDE ENFIAR A CARA DE TANTA VERGONHA. O PADRE VINDO A SUA CASA PARA RECLAMAR DE SEU FILHO, ERA DEMAIS. PEDIU INÚMERAS DESCULPAS AO PADRE. OFERECEU UM CAFEZINHO QUE O MESMO ACEITO SEM DELONGAS. QUANDO O PADRE SAIU JÁ MAIS CALMO, ELA PEGOU O MENINO PELAS ORELHAS NOVAMENTE E DISSE:

- VENHA CÁ SEU DESAVERGONHADO!! VC NÃO ME DÁ UM DIA DE SOSSEGO. SÓ VC QUE ME DÁ ESSE TIPO PROBLEMA. JÁ NÃO CHEGA QUE TENHO QUE DAR CONTA DE SEUS IRMÃO MENORES!!!

O MENINO NÃO FALAVA NADA, SÓ CHORAVA. E A MÃE CONTINUAVA COM SEUS ESBRAVEJAMENTOS. QUANDO EM UM DETERMINADO MOMENTO O MENINO ABRIU A BOCA PARA TENTAR FALAR, “MAS, MAMÃE...”, A MÃE O EMPURROU PARA CIMA DA CAMINHA QUE ELE DIVIDIA COM MAIS TRÊS IRMÃOS. E DISSE SEM NEM PERCEBER AS PALAVRAS QUE ACABARA DE PROFERIR:

- VÁ PARA O INFERNO!!

O MENINO FICOU DEITADO CHORANDO POR HORAS.

QUANDO, DE REPENTE, PARECENDO ESTAR ACORDANDO DE UMA LONGA NOITE DORMIDA, ELE SE VIU EM UM LUGAR MUITO ESTRANHO. MUITO DIFERENTE DAS PAISAGENS QUE ELE ESTAVA ACOSTUMADO A VER NOS ARREDORES DE SUA CASA, OU NO CAMINHO PARA A ESCOLA.

ERA UM LUGAR ESQUISITO, CHEIO DE FUMAÇA, COM PEDRAS EMBRASADAS QUE PARECIAM AS BRASAS DO FOGÃO À LENHA DA COZINHA DE SUA CASA. O PIOR ERA O CHEIRO. QUE CHEIRO HORRÍVEL! NAUSEANTE. ELE COMEÇOU A CAMINHAR E CHAMAR POR SUA MÃE, SEU PAI, SEUS IRMÃOS... E NADA. NINGUÉM APARECIA. ELE FOI CAMINHANDO, CAMINHANDO. EIS QUE, DE REPENTE, UM VULTO ENORME NO MEIO DAQUELA FUMACEIRA VAI SURGINDO E PARA DIANTE DO MENINO. ELES SE OLHARAM ATENTAMENTE, O QUE CAUSOU UMA SÉRIA IMPRESSÃO À FIGURA ENORME QUE OLHAVA O MENINO ATÉ COM CERTA ADMIRAÇÃO. O MENINO NÃO GRITARA, NÃO CORRERA COMO OUTRAS PESSOAS MUITO VELHAS E MAIORES QUE AQUELE RAQUÍTICO. AO CONTRÁRIO, O OLHAVA FIRME NOS OLHOS. O MENINO, NO ENTANTO, SE PERGUNTAVA QUEM SERIA AQUELA CRIATURA. ERA ENORME. TINHA DOIS CHIFRES ENORMES. UM ROSTO ESQUISITO QUE PARECIA TER UM FOCINHO DE PORCO COM DOIS OLHOS ESBUGALHADOS. E OS PÉS PARECIAM CASCOS DE CAVALO. TINHA UMA CAUDA ENORME QUE TERMINAVA COM UMA PONTA EM FORMATO DE SETA. UM PEQUENO ARREPIO SUBIU DO FINALZINHO DA COLUNA DO MENINO ATÉ O COCORUTO. MAS, ELE SE MANTEVE FIRME ENCARANDO AQUELE SER HORRÍVEL E FEDORENTO DE MANEIRA DESAFIADORA.

O MENINO PERGUNTOU:

- QUEM É VOCÊ? ONDE ESTÁ MINHA MÃE? MEU PAI? MEUS IRMÃOS? QUE LUGAR É ESSE?

O SER ODIOSO DEU UMA GARGALHADA QUE ESTREMECEU O CHÃO AOS PÉS DO MENINO. E RESPONDEU:

- VAI ME DIZER QUE VOCÊ NÃO ME RECONHECE? SEUS IRMÃOS, SEU PAI E SUA MÃE ESTÃO MUITO, MUITO LONGE DAQUI. VOCÊ AGORA TERÁ QUE MORAR COMIGO. SUA MÃE MANDOU VOCÊ PRA MIM. LEMBRA DAS ÚLTIMAS PALAVRAS QUE OUVIU DA SUA MÃE?

SIM, ELE LEMBRAVA, MAS SABIA TAMBÉM QUE SUA MÃE A ESSA HORA COM CERTEZA JÁ HAVIA SE ARREPENDIDO. NÃO TINHA FALADO POR MAL, ESTAVA NERVOSA. ELE RESPONDEU:

- EU QUERO VOLTAR PARA MINHA CASA. QUERO FICAR COM MINHA FAMÍLIA. ME DEIXA IR EMBORA, AGORA!

O MALÉFICO, ADMIRANDO A CORAGEM DAQUELE SERZINHO TÃO INSIGNIFICANTE, RESOLVEU BRINCAR. POIS SABIA QUE O MENINO NUNCA COSEGUIRIA SE LIVRAR DELE OU DAQUELE LUGAR. ENTÃO, FEZ A SEGUINTE PROPOSTA:

- EU NÃO DEVERIA, MAS VOU FAZER UM ACORDO COM VOCÊ. SE VOCÊ CONSEGUIR CUMPRIR A TAREFA QUE VOU TE DAR, EU PERMITO QUE VOLTE PARA SUA CASA. DO CONTRÁRIO, VOCÊ FICARÁ AQUI PARA SEMPRE.

ALGUMA COISA LÁ NO ÍNTIMO DO MENINO DIZIA QUE O TINHOSO NÃO IRIA PROPOR ALGO FÁCIL. MAS, ELE NÃO TINHA ESCOLHA. ERA ACEITAR A PROPOSTA OU FICAR NAQUELE LUGAR HORRÍVEL PARA SEMPRE. OLHOU PARA O CARA DE PORCO FIRMEMENTE E PERGUNTOU:

- VOCÊ JURA QUE SE EU CUMPRIR A TAREFA VOCÊ DEIXA EU VOLTAR PRA MINHA CASA? VOCÊ JURA PELA SUA MÃE MORTINHA?

AO MESMO TEMPO QUE FALAVA, IMAGINAVA QUE TIPO DE MÃE TERIA GERADO AQUELE SER HORRENDO.

O FEDORENTO DEU OUTRA GARGALHADA ESTRIDENTE E RESPONDEU:

- SIM, EU PROMETO QUE TE LIBERTO IMEDIATAMENTE.

ENTÃO, O MENINO FALOU:

- PODE FALAR QUAL É A TAREFA QUE TEREI DE CUMPRIR.

A CRIATURA ENTÃO SE AFASTOU UM POUCO DO MENINO, PEGOU ALGO QUE PARECIA SER UM PUNHAL E CORTOU A PRÓPRIA ORELHA. O MENINO QUASE VOMITOU. POIS NÃO HAVIA SANGUE SAINDO DA ORELHA CORTADA, PORÉM UM LÍQUIDO VISCOSO COMO SE FOSSE LODO ESCORRIA DAQUELA ORELHA IMENSA QUE O TINHOSO BALANÇAVA E ENTREGAVA AO MENINO DIZENDO:

- COMA ESSA ORELHA TODINHA E DEIXO VOCÊ IR EMBORA!

NÃO, NÃO ERA POSSÍVEL QUE O DESAFIO FOSSE ESSE! O MENINO SENTIA O SANGUE CORRER DEPRESSA EM SUAS VEIAS, O CORAÇÃO BATIA TÃO ACELERADO QUE PARECIA SAIR PELA BOCA. O MENINO ENTÃO GRITOU DESESPERADO:

- ISSO NÃO É JUSTO! ISSO É IMPOSSÍVEL!

ENTÃO, MAIS UMA VEZ O CHIFRUDO DEU OUTRA GARGALHADA E SAIU ZOMBANDO DAQUELA SITUAÇÃO QUE SABIA SER IRREMEDIÁVEL.

O MENINO SENTOU NO CHÃO, OLHANDO AQUELA COISA NOJENTA JOGADA A SEUS PÉS E CHOROU POR ALGUM TEMPO. SEM SABER COMO DEVERIA FAZER PARA CONSEGUIR AQUELE DESAFIO IMPOSSÍVEL. TENTOU MORDER E NÃO AGUENTOU O CHEIRO HORRÍVEL QUE EXALAVA CADA VEZ MAIS FORTE DAQUELE PEDAÇO HORRENDO DE CARNE FÉTIDA. ENTÃO, DE REPENTE TEVE UMA IDEIA. CORREU, CORREU O MAIS LONGE QUE CONSEGUIU, LEVANTOU UMA PEDRA E ESCONDEU A ORELHA. VOLTOU OFEGANTE E CHAMOU O CHIFRUDO:

- EI, SENHOR, OLÁ. ONDE ESTÁS. EU COMI A ORELHA.

EIS QUE DEU UM GRANDE ESTOURO E O CHIFRUDO SURTIU COMO SE SAÍSSE DO NADA. ELE FOI LOGO RESPONDENDO:

- NÃO ACREDITO! NÃO TENDE ME ENGANAR! VAI SER PIOR PRA VOCÊ! VAMOS LÁ ENTÃO:

- ORELHA ONDE TU ESTÁS?

E LÁ BEM LONGE, A ORELHA RESPONDEU:

- ESTOU AQUI!!! EMBAIXO DE UMA PEDRA!!!

O VERMELHO QUE FICOU MAIS VERMELHO AINDA DE RAIVA DEU GRUNIDO E NUM ESTOURO SUMIU GRITANDO:

- VOCÊ SÓ PIORA SUA SITUAÇÃO, COMA A ORELHA SE QUISER IR EMBORA DAQUIIIIIII!!!

O MENINO FICOU ESTARRECIDO. NUNCA IMAGINOU QUE A ORELHA FALASSE... COMEÇOU A CAMINHAR E, DE REPENTE, ENCONTROU UM RIACHO. ELE PENSOU... EMBAIXO DA ÁGUA A ORELHA NÃO CONSEGUIRÁ SER OUVIDA. LOGO, PROCUROU A PARTE MAIS PROFUNDA DO RIACHO BEM EMBAIXO DE UMA PEDRA, ESCONDEU A ORELHA E VOLTOU PARA AVISAR QUE A TAREFA HAVIA SIDO CUMPRIDA.

O TINHOSO FOI LOGO PERGUNTANDO:

- ORELHA ONDE TU ESTÁS?

E LÁ BEM LONGE A ORELHA RESPONDEU:

- ESTOU, GLUB, GLUB EMBAIXO GLUB DE UMA PEDRA GLUB, GLUB DENTRO DO RIACHO GLUB, GLUB...

O CHIFRUDO DE VERMELHO FICOU INCANDESCENTE. OLHOU O MENINO BEM DENTRO DOS OLHOS E FALOU:

- NÃO TENDE ME ENGANAR NOVAMENTE! SE VOCÊ ME CHAMAR E NÃO TIVER COM MINHA ORELHA NA SUA BARRIGA. EU VOU FAZER VOCÊ SE ARREPENDERRRR!! SAIU EM OUTRO ESTAMPIDO QUE DEIXOU OS OUVIDOS DO MENINO ZUNINDO.

O MENINO, ENTÃO, FICOU MUITO ASSUSTADO, NÃO PODERIA SE ARRISCAR MAIS UMA VEZ. SABIA QUE SERIA MUITO PERIGOSO TENTAR ENGANAR AQUELA CRIATURA. POR OUTRO LADO, POR MAIS QUE TENTASSE, NÃO CONSEGUIRIA ENGOLIR AQUELA ORELHA NOJENTA. SENTOU, SE ESCOROU EM UMA GRANDE PEDRA E COMEÇOU A MEXER NO CADARÇO QUE TINHA NO SHORT. FOI NESSE MOMENTO QUE ELE TEVE UMA BRILHANTE IDEIA PARA SAIR DAQUELA ENRASCADA.

O CHIFRUDO, AO OUVIR MENINO CHAMAR, FOI LOGO AVISANDO:

- SE VOCÊ VIER COM MAIS UMA DE SUAS MENTIRAS VAI PAGAR CARO!

O MENINO PARADO A SUA FRENTE SEGURAVA FIRME A BAINHA DA CAMISA QUE USAVA E ENCARAVA SEU Oponente com valentia e apreensão. A PERGUNTA DE SEMPRE FOI FEITA:

- ORELHA, ONDE TU ESTÁS?

- E LÁ DA BARRIGA DO MENINO A ORELHA RESPONDEU:

- ESTOU AQUI NA BARRIGA DO MENINO!!!

O TINHOSO DEU UM GRUNIDO ESTRIDENTE E NUMA EXPLOSÃO GRITOU:

-NÃO É POSSIVEL!!!!!!

DE REPENTE O MENINO COMEÇOU A SE SENTIR MOLHADO, SACUDIDO E A OUVIR UMA VOZ CONHECIDA CADA VEZ MAIS PRÓXIMA QUE DIZIA:

- MEU FILHO, ACORDE! POR FAVOR!! PELO AMOR DE DEUS MEU FILHO QUERIDO, MAMÃE TE AMA! ACORDA MEU FILHO!!

O MENINO ABRIU OS OLHOS E VIU SUA MÃE CHORANDO SOBRE SEU PEITO. SEUS IRMÃOS TODOS EM VOLTA DA CAMA, SEU PAI COM OS OLHOS CHEIOS DE LÁGRIMAS. TAMBÉM ALGUNS VIZINHOS. E VIU, INCLUSIVE, O PADRE QUE FAZIA SINAL DA CRUZ E TINHA UMA VELA ACESA NAS MÃOS. TODOS O OLHAVAM ADMIRADOS, COMO SE ESTIVESSEM VENDO UMA ASSOMBRAÇÃO.

FOI ENTÃO QUE PERCEBERAM QUE O MENINO HAVIA ACORDADO E ESTAVA BEM E TODOS O ABRAÇARAM E DEMONSTRARAM TODA A ALEGRIA POR TÊ-LO DE VOLTA. PASSADA TODA A EUFORIA, O MENINO QUIS SABER POR QUE TODOS ESTAVAM TÃO SATISFEITOS POR ELE TER ACORDADO E PARECIAM TÃO FELIZES. ENTÃO SUA MÃE PEDIU QUE TODOS SE RETIRASSEM E, CHORANDO, EXPLICOU AO MENINO QUE LOGO DEPOIS DELE TER CHEGADO EM CASA ARRASTADO PELO PADRE E ELA TER BRIGADO COM ELE, ACONTECEU UMA COISA MUITO ESTRANHA. ELE HAVIA DORMIDO POR UMA SEMANA. TODOS PENSAVAM, A PRINCÍPIO QUE ESTAVA MORTO. PORÉM, SEU CORAÇÃO, APESAR DE ELE NÃO ACORDAR, CONTINUAVA A BATER FRACAMENTE. O MENINO AO OUVIR O RELATO DE SUA MÃE ACHOU MUITO ESTRANHO. SENTIA COMO SE TUDO TIVESSE PASSADO EM QUESTÃO DE HORAS. O MENINO PASSOU AS MÃOS EM VOLTA DO CADARÇO DO SHORT QUE ESTAVA BEM APERTADO EM SUA BARRIGA E FOI AÍ QUE SENTIU UM

VOLUME INCOMODANDO. E QUAL NÃO FOI SUA SUPRESA A ORELHA ESTAVA LÁ, PRESA NO CADARÇO BEM ENCOSTADA EM SUA BARRIGA... DIZEM ALGUNS QUE ATÉ HOJE ESTÁ GUARDADA EM UMA GARRAFA.

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO E QUEM GOSTOU QUE BATA PALMAS!!!